

silêncio na cidade

percursos e permanências no centro
de São Carlos

silêncio na cidade

percursos e permanências no centro
de São Carlos

Marcela Martins de Oliveira

Trabalho de Graduação Integrado II
Instituto de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

São Carlos-SP
Dezembro de 2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

0048s

Oliveira , Marcela Martins de

Silêncio na Cidade / Marcela Martins de Oliveira . -- São Carlos, 2023.

177 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Silêncio . 2. Urbanidade . 3. Percursos. 4. Permanências . 5. Centro . I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY-NC-ND

SILÊNCIO NA CIDADE

Marcela Martins de Oliveira

Trabalho de Graduação Integrado II
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAU
Universidade de São Paulo

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)

- Profª. Drª. Aline Coelho Sanches
- Prof. Dr. Joubert José Lancha
- Profª. Drª. Luciana Bongiovani Martins Schenk
- Profª. Drª. Maisa Fonseca de Almeida (Orientadora)

Coordenador do Grupo Temático (GT)

Profª. Drª. Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes

Banca Examinadora

- Profª. Drª. Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes
- Profª. Drª. Maisa Fonseca de Almeida

RESUMO

Este trabalho consiste em resgatar o sentido de urbanidade, assim como questionar o imperativo da produtividade que tem conduzido a sociedade contemporânea a diversas enfermidades psíquicas. Ao mesmo tempo, o projeto busca demonstrar o potencial de edifícios e espaços vazios em áreas centrais. A área de intervenção foi escolhida após uma análise da localização de edifícios abandonados, não utilizados e vazios existentes no centro de São Carlos. O estudo da história da cidade foi fundamental para a compreensão dos processos que constituíram sua estrutura urbana, assim como suas sociabilidades.

A área do projeto ocupa um miolo de quadra que está diretamente conectado à catedral matriz e ao mercado municipal, área de maior circulação de pessoas e acessibilidade. Além disso, o jardim de uma casa histórica abandonada (com diretrizes de restauro) será apropriado e reintegrado como mediador do espaço com a cidade. A intervenção dialoga com o pré-existente ao mesmo tempo que demarca as diversas temporalidades e cria conexões com seu entorno. O projeto visa a construção de espaços como formas de experiência arquitetônica sensorial que conduza a um momento de silêncio e respiro no meio da vida cotidiana. O programa é contemplado por uma galeria de arte, jardins de contemplação e decompressão, salas de oficinas, espaços administrativos e um espaço voltado para o silêncio. Há um esforço de explorar ao máximo o potencial do espaço e respeitar sua história e a paisagem urbana.

Palavras-chaves: Cidade. Percursos. Permanência. Centro. Urbanidade. Arte. Cultura, Urbanidade

MOTIVAÇÃO PESSOAL

Um dos aspectos que motivou esse trabalho foi uma experiência pessoal com o silêncio em um retiro no começo do ano em um local na natureza. O momento proporcionou uma serenidade que busquei trazer para o dia a dia na cidade. A dificuldade em ter momentos de meditação silenciosa foi tremenda, principalmente pela ansiedade de tantas demandas a serem realizadas. Era como se não fosse permitido parar, não produzir e que eu estava perdendo tempo. Ao mesmo tempo eu sentia falta da sensação obtida e questionava o porquê não poderia ter isso na cidade. Ao me deparar com a escolha do projeto no TGI escolhi de imediato fazer um espaço voltado para o silêncio no centro da cidade. Local, no meu ver, de maior necessidade para essa atividade, seria o ponto de confronto com a agitação do dia a dia. Com o desenvolver do trabalho pude perceber que no fundo a minha necessidade era reflexo de uma sociedade exausta de tanto realizar e que a alma pedia paciência, lentidão e silêncio. Através de estudos bibliográficos direcionei o trabalho para o desenvolvimento de um espaço que explorasse as artes e a experiência sensorial da arquitetura para essa introspecção. A minha busca pessoal permanece ainda mais forte agora ao entender a lógica que me motivou, o que não significa que ela é mais fácil. Além disso tudo, a viagem didática a Inhotim reforçou a experiência entre arte e arquitetura como possibilidade de um outro território a ser vivenciado.

À minha família pelo apoio incondicional, às minhas orientadoras pela sensibilidade e à Deus pela paz da certeza de um caminho a ser seguido.

sumário

reflexões	14
a cidade	25
área de intervenção	67
referência projetual	91
projeto	95
considerações finais	174
bibliografia	t176

reflexões

SOCIEDADE DO CANSAÇO

Segundo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han cada época tem suas enfermidades e a nossa sociedade é acometida pelo excesso de positividade. No seu livro “A sociedade do cansaço” (2015, ele fala das relações entre sociedade e sofrimento psíquico e os sintomas são apreendidos pelo autor em sua relação direta com o modo operatório do capitalismo contemporâneo. O autor sustenta que, a mudança de uma sociedade disciplinar (marcada pela negatividade) para a atual sociedade do desempenho, em que todos precisam “performar ao seu máximo”, seria a principal razão para a explosão de doenças neuronais como depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe e síndrome de burnout.

A mensagem de que você pode tudo, caso se esforce bastante, para o Han está na raiz dos problemas mentais. Enquanto na antiga sociedade disciplinar as pessoas precisavam enfrentar mais regras, sujeições e proibições, na atual sociedade de desempenho muitos profissionais tornaram-se empresários de si mesmos que cobram-se com mais frequência e exigência do que os chefes e patrões de outrora. Dessa forma, nas doenças psíquicas atuais, não se vê a influência do processo de repressão e do processo de negação. Remete, antes, a um excesso de positividade, portanto não estão referidas à negação, mas antes à incapacidade de dizer não, não ao não ter direito, mas ao poder-tudo.

Han (2015,p.47) fala de uma liberdade paradoxal, pois no caminho da auto realização acontece a auto exploração e vem o excesso de

trabalho e “desempenho”, que adoece fisicamente e psiquicamente a sociedade. O capitalismo estimula esse falso sentimento de liberdade que caminha de mãos dadas com a “autonomia”, a partir do qual deve operar a “criatividade”, “inovação”, “iniciativa individual” e “flexibilidade”. Se antigamente era possível estabelecer uma separação entre trabalho e a vida pessoal, cada vez mais os limites são difusos e o trabalho vem avançando sobre o lazer.

Em uma resenha sobre o livro, o sociólogo Elton Corbanezi (2017,p.2) cita o filme Cisne Negro para exemplificar a mensagem central do livro. Na trama a imposição da performance mediante a autossuperação é incorporada pela protagonista e levada a suas últimas consequências. A autodestruição da bailarina, que figura como metáfora do desempenho profissional contemporâneo, é estimulada pelo diretor de balé ao dizer que ela era o único obstáculo a superar.

Para o autor, o excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, de informações e de impulsos. Ele afirma que a sociedade do cansaço precisa urgentemente, “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar aproximar-se de si”. (2015,p.28) Byung-Chul Han também considera a hiperatividade contemporânea como uma espécie de esgotamento espiritual dos nossos dias. Além disso, cada vez mais nossa atenção é fragmentada por notificações, aplicativos e redes sociais. Tudo no caminho contrário à necessidade de capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento conforme argumenta o autor. Através desta e outras obras do filósofo, é possível entender que o mesmo reivindica a recuperação do contato íntimo com a cotidianidade, com o cultivo de jardins, trabalhos manuais e o silêncio.

A SALVAÇÃO DO BELO

Outra obra do mesmo autor que contribui para a reflexão é a “A salvação do belo”, (2019) onde ele reforça uma sociedade que cultua a imediatividade e rejeita toda contrariedade é uma sociedade em que o belo não pode aparecer. O belo pressupõe tempo e distanciamento, qualidades que a vida social contemporânea, não é capaz de oferecer. Para Han (2015,p22), a falta do belo sinaliza não só uma crise estética, mas também uma crise do convívio. Isso porque o sujeito adulado pela lógica da mercadoria se fecha e nega a alteridade.

O autor entende que as formas que constituem o espaço social são lisas, tudo flui e não possuem atrito e nem resistência (2015,p.29). Lógica essa reforçada pelas plataformas digitais, onde tudo é veloz e instantâneo, sem nenhuma contemplação. Toda comunicação é imediata, sem mistérios e imaginação, o que contraria a experiência do belo argumentada pelo autor. O belo pressupõe duração, demora e atraso, não vem de imediato. Não está disponível o tempo todo como os objetos de consumo.

Todos esses aspectos fazem da experiência do belo uma experiência de deslocamento do sujeito, de desinteriorização, afirma Han. O belo acontece como algo que tira o sujeito de si e o abre para o outro, para o heterogêneo. O livro trata de estética, mas no aspecto que forma um sujeito que escuta, dialoga e encara a alteridade. Nesse aspecto, a cultura digital não contribui, ao invés disso, devido a sua instantaneidade e disposição para oferecer tudo o que se quer, ela instiga o sujeito à interiorização e ao fechamento sobre si mesmo e evita o outro diferente. Salvar o belo é salvar um regime de sensibilidade que se identifica com a dificuldade e o conflito, um regime que preza a morosidade e aceita a opacidade do outro. Nessa linha, o belo não se restringe a questões de estética, mas se estende, também, a questões do convívio.

EXPERIÊNCIA ARQUITETÔNICA

O arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa, através do seu livro “Os olhos da pele” explora a relação entre arquitetura e os sentidos. O autor lamenta a privação da experiência sensorial que o mundo tecnológico impõe. Ele defende a inclusão de vários sentidos no processo arquitetônico e na experiência espacial de habitar mediada pelo corpo. Dessa forma, corporificar significa sentir e vivenciar a arquitetura, principalmente na sua materialidade, textura e peso, densidade do espaço e luz materializada. Consequentemente, uma reação corporal é um aspecto inseparável da experiência arquitetônica. Segundo o autor, a arquitetura que valoriza a vida deve atender a todos os sentidos simultaneamente e projetar significados. Quando ela é significativa, ela faz o sujeito experimentar a si mesmo como ser humano espiritual.

O arquiteto menciona Barragan como o verdadeiro mágico dos segredos íntimos, do mistério e das sombras na arquitetura contemporânea e coloca a fala abaixo de Barragan que contribui para as reflexões mencionadas:

“[...] o uso das enormes janelas com caixilhos fixos [...] elas privam nossas edificações da intimidade, dos efeitos da sombra e da atmosfera. Os arquitetos do mundo todo têm se enganado nas proporções que têm usado nas grandes janelas com caixilhos fixos ou nas aberturas externas [...] perdemos nosso senso de vida íntima e nos tornamos forçados a vidas públicas, essencialmente afastados de nossas casas”

Luis Barragan , Os olhos da Pele, 2011 p. 46.

No capítulo A intimidade acústica (2011,p.46), ele compara a visão

com audição e coloca:

“A visão isola, enquanto o som incorpora. A visão é direcional, enquanto o som é omni-direcional. O sentido da visão implica exterioridade, mas o som cria uma experiência de interioridade. Os olhos alcançam, mas os ouvidos recebem. Os edifícios não reagem ao nosso olhar, mas eles devolvem os nossos sons de volta aos ouvidos. Cada espaço tem suas características sonoras de intimidade ou monumentalidade, convidativo ou de rejeição, hospitalidade ou hostilidade”

Pallasmaa, Os olhos da Pele, p.47

Ele afirma também que a audição estrutura e articula a experiência e o entendimento do espaço. Além disso, para o autor a experiência auditiva mais fundamental criada pela arquitetura é a tranquilidade, onde o drama da construção é silenciado na matéria, no espaço e na luz. A experiência de arquitetura silencia os ruídos externos e foca a direção na própria existência. (2011,p.49) Além disso, ele adverte que a arquitetura precisa ir além da funcionalidade e manter seus segredos e mistérios impenetráveis no sentido de ativar a imaginação e as emoções.

Este aspecto vem de encontro com o pensamento do filósofo coreano onde tudo é dado e imediato, sem imaginação e mistério. Juntamente com a dimensão contemplativa, a arquitetura de Pallasmaa parece reverberar nos pensamentos de Han. Através do aprofundamento desses conceitos concomitantemente ao desenvolvimento do projeto pretende-se construir um espaço que leve à contemplação do mundo e de si mesmo.

URBANIDADE

Esse projeto tem como desafio pensar a cidade através da ótica da urbanidade e criar uma nova experiência do mundo e do outro através da apropriação do espaço da cidade. Segundo Netto (2013), a experiência da urbanidade é compartilhada, e está ligada a um arranjo da vida coletiva situado no espaço físico das cidades. A cidade media formas de experienciar o mundo, o espaço e o tempo. Existem no interior da cidade, inúmeros modos de vivenciar o mundo. Para o autor o espaço urbano, ampara essas múltiplas experiências individuais e as relaciona em modos de experiência em comum, a partir da “experiência do Outro”, ou seja, do contato entre os diferentes.

A urbanidade implica um modo de reduzir o estranhamento e de transcender momentaneamente as diferenças e, para isso, depende de espaços físicos urbanos que proporcionem a copresença, o reconhecimento e a interação entre diferentes. Para Netto, a urbanidade não pode ser induzida apenas através dos espaços, mas são necessários espaços urbanos que amparem a experiência e o reconhecimento do Outro em sua alteridade, bem como a comunicação livre de restrições para que ela aconteça e, portanto, a acessibilidade, a mobilidade urbana e a coesão (em contraposição à dispersão) são condições fundamentais. Ele menciona os shoppings e os condomínios como perfeitos exemplos de anti-urbanidades, uma vez que não proporcionam fortes sociabilidades e nem o contato entre diferentes.

Os pensamentos colocados acima, refletem diretamente na opção pelo centro de São Carlos como área de intervenção e na escolha

por um equipamento voltado as artes e ao encontro. A arte, assim como a cidade, podem ser vividas de diversas maneiras e busca-se com o espaço esse local de encontro entre as diferenças. Para que o espaço não seja apropriado por um grupo homogêneo elitizado da cidade, será trabalhado através de parceria com as escolas vivências culturais e oficinas educativas que permitam aos indivíduos que se localizam, a priori, “distantes” desse mundo encontrem o pertencimento nesses espaços culturais de aprendizado, alcançando, ainda que momentaneamente, sua cidadania artística.

a cidade

São Carlos está situada no interior do Estado de São Paulo, com cerca de 250 mil habitantes (IBGE 2021) e à margem da Rodovia Washington Luiz. A cidade é reconhecida como A Capital Nacional da Tecnologia por constituir um pólo formado por duas universidades públicas (USP e UFSCar), dois Centros de Pesquisas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), faculdades particulares e empresas de pequeno à grande porte, com forte atuação em produtos de tecnologia. Atualmente a cidade compõe uma complexa rede de cidades não-metropolitanas de grande peso na economia e no desenvolvimento social do estado e do país.

Este cenário, juntamente com um processo de globalização, insere a cidade em uma lógica competitiva de mercado que tem afetado o cotidiano das pessoas e suas relações interpessoais e urbanas. Conforme mencionado nas reflexões iniciais, a proposta é a busca por um espaço na cidade que seja um contraponto aos estímulos visuais desenfreados que adoecem a sociedade. Não se espera de forma ingênua que a arquitetura seja a cura dos males atuais, mas apenas um ponto de reflexão sobre a influência do imperativo do desempenho e mais do que isso, um respiro de silêncio no meio do caos diário. Um local onde o fazer nada é permitido, onde o contemplar ganhe importância e o convívio com as diferenças possa existir.

Dentro dessa lógica, o centro sempre foi o local escolhido para a intervenção devido ao seu alto fluxo de pessoas de diferentes camadas sociais e a aceleração que esse local impõe. É o local onde a população da cidade tem fácil acesso e onde a maioria trabalha. Diante dessa escolha e da observação da conformação atual do centro, o entendimento da sua história, da sua arquitetura e das camadas de materialidade e funcionamento se tornou essencial para construção de um lugar que dialoga com diferentes tempos e fala do seu próprio tempo, este que não exprime o fluxo intermitente da sociedade contemporânea, mas da necessidade de silêncio em um tempo de um turbilhão de informações.



Acima mapa limite do estado de São Paulo e do município de São Carlos
Fonte: IBGE Cidades 2022
(elaborado pela autora)



Mapa limite de município e área urbana de São Carlos
Fonte: IBGE Cidades 2022 e imagem Google Earth
(elaborado pela autora)

FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO NÚCLEO URBANO

O primeiro povoado do município de São Carlos surgiu no século XVIII em um dos pontos de repouso e abastecimento das caravanas no caminho para a região das minas de ouro em Goiás. Esse povoado foi formado no encontro do Picadão de Cuiabá com o Córrego Gregório, região do atual mercado municipal, e a partir das primeiras cabanas foram sendo construídos novos estabelecimentos para abastecer as tropas. Dessa forma, é a partir dos pequenos negócios de posseiros que se estabeleciam ao longo do Córrego que se formam os primeiros moradores. Segundo LIMA, em 1785 a família Arruda Botelho, através da política de concessão de terras do Brasil Colônia, adquiriu a primeira sesmaria que compôs as terras do município. Além da sesmaria do Pinhal, duas outras sesmarias compuseram o território, cujas demarcações ocorreram apenas no século seguinte.

Por volta de 1838 o café chegou a São Carlos, com as primeiras mudas sendo plantadas na fazenda do Pinhal. Depois de alguns anos, o café já era o principal produto, substituindo as atividades preexistentes. Juntamente com a produção



Fazenda Conde do Pinhal
Fonte: Fundação Pró-Memória de São Carlos

cafeeira veio a riqueza favorecendo a implantação e o desenvolvimento do núcleo urbano, como era do interesse dos fazendeiros. O professor NEVES, menciona que Carlos José de Arruda Botelho, decidiu doar parte de suas terras para a Igreja, para a construção de uma capela. O local onde pretendia construir a capela era próximo ao antigo pouso dos viajantes, cujo terreno já era utilizado para a realização de cultos religiosos e era cercado por várias casas (NEVES). Em 1857, o Distrito de São Carlos do Pinhal passou a existir oficialmente, junto com a inauguração da capela. Vale ressaltar que o nome da cidade foi escolhido devido ao patriarca e santo padroeiro da família Arruda Botelho, evidenciando a força da elite local na formação da cidade que era controlada juntamente pela Câmara e pela Igreja.

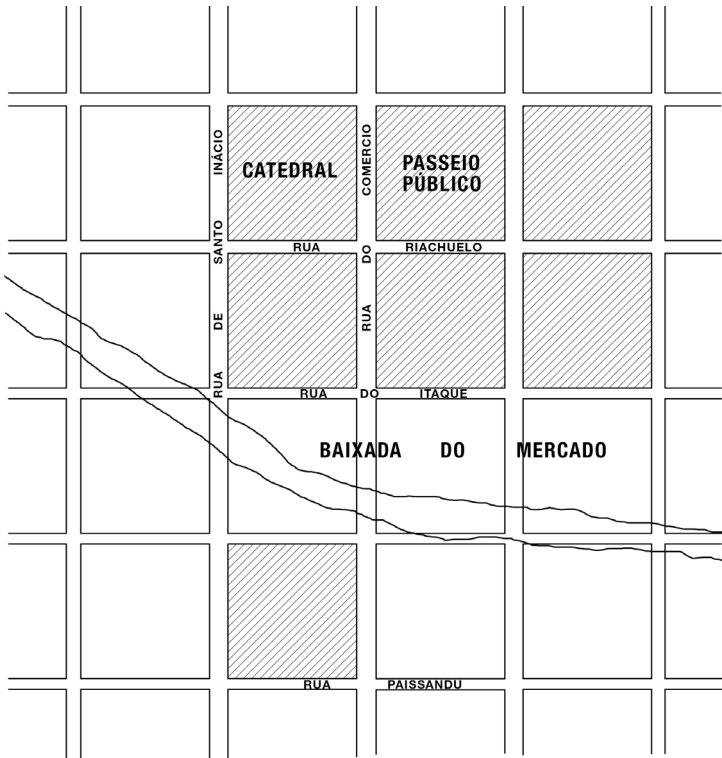
Bortolucci menciona que as quadras ao redor da capela até 1858 eram apenas sete e este viria a ser o local preferido da aristocracia cafeeira para a construção de suas moradias na cidade. O padrão urbano característico de sua implantação foi o da cidade de traçado ortogonal e homogêneo. Através do



Avenida São Carlos em 1866.
Fonte: Fundação Pró-Memória

mapa ao lado é possível analisar a formação inicial da cidade composta por ruas e praças de traçado rígido e quadras noventa por noventa metros que orientaram a cidade nas direções norte-sul e leste-oeste. TEIXEIRA (apud LIMA), afirma que a gênese do plano de muitas cidades brasileiras de organização geométrica encontra-se no urbanismo português, de origem renascentista, implantado no Brasil a partir do governo do primeiro-ministro Marquês de Pombal no século XVIII. O modelo geométrico de arruamentos tornou-se o padrão característico do núcleo urbano inicial das cidades paulistas que surgiram durante os séculos XVIII e XIX.

São Carlos tornou-se vila em 1865 e, em 1880 ganhou autonomia política e pode ser chamada de cidade. Nos arredores da capela passavam a se instalar residências e estabelecimentos comerciais que aumentavam o movimento do local. Segundo BORTOLUCCI, a cidade dos primeiros tempos, foi marcada-mente influenciada pela arquitetura colonial, trazida dos lugares de origem de



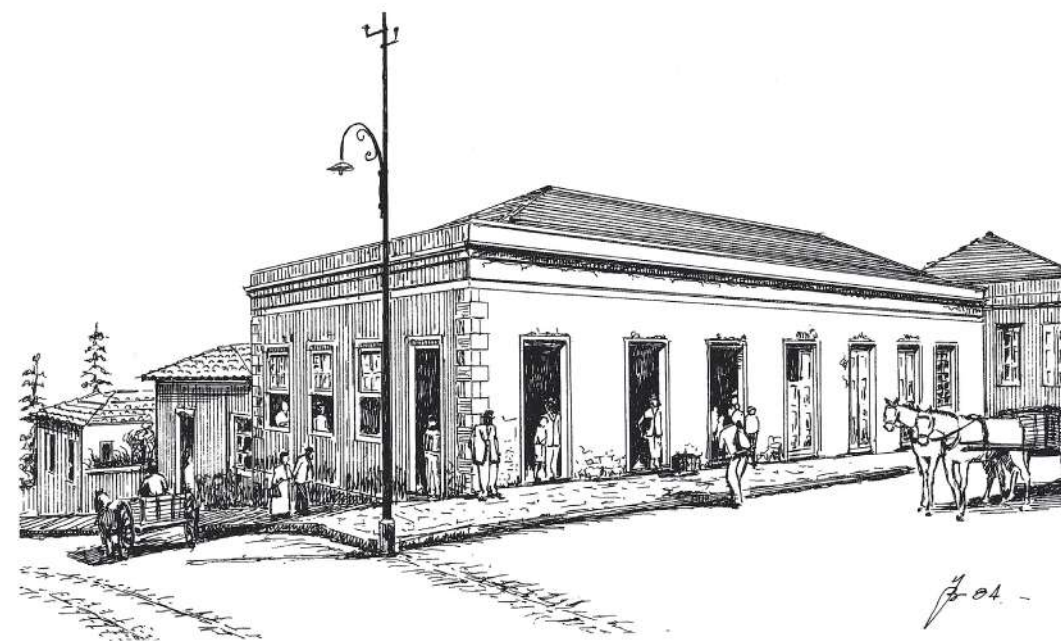
Mapa das possíveis primeiras quadras ocupadas até 1858
Fonte: BORTOLUCCI, 1991
(elaborado pela autora)

seus moradores, vindos principalmente de Minas e de outras regiões paulistas.

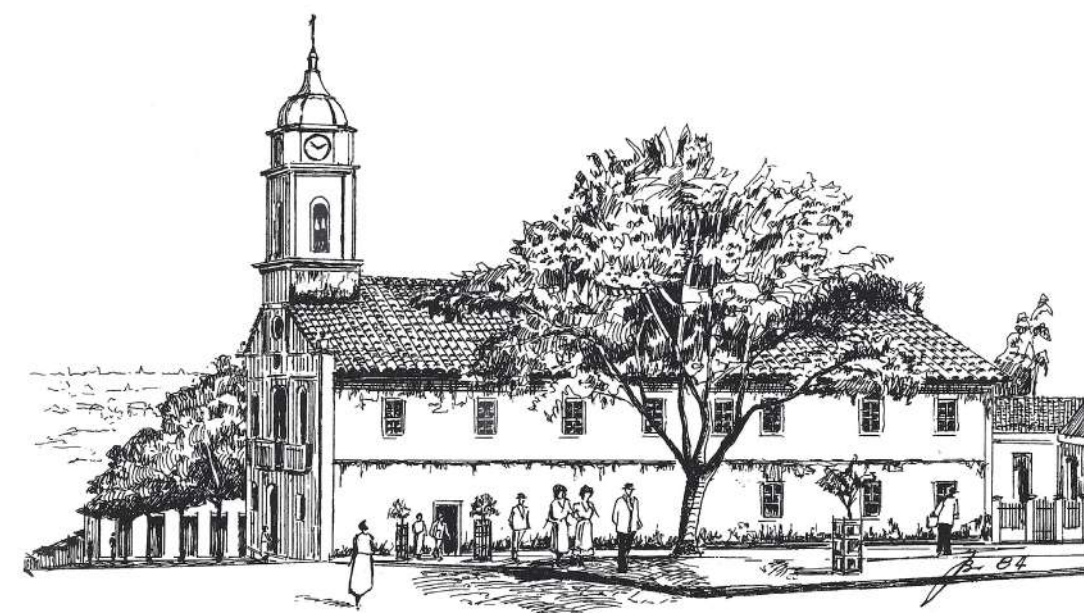
A taipa, tão largamente usada em São Paulo é uma característica das construções bandeiristas, foi também a opção inicial para as primeiras construções de São Carlos (acompanhada de beirais estreitos em telhados de duas e quatro águas, cobertos com telha-canal; paredes lisas, caiadas e de poucas aberturas, definindo uma volumetria simples, às vezes circundada por alpendres à mineira ou na forma bandeirista. (BORTOLUCCI, 1991, P24)

Nesse período era nas fazendas que se encontravam as construções mais bem elaboradas, utilizando técnicas como a taipa ou a alvenaria de pedra. A Fazenda do Pinhal é a principal remanescente e teve sua primeira sede construída em 1838 em taipa de pilão. BORTOLUCCI também afirma que o tijolo também foi muito utilizado nas fazendas de café da região e na construção das primeiras casas urbanas dos fazendeiros. O desenhista Júlio Bruno no livro São Carlos na esteira do tempo esboça a primeira casa de tijolos e telhas construída na cidade em 1856 pela família Botelho. Esta era localizada na esquina da atual avenida São Carlos com a rua 13 de maio (na quadra de intervenção da proposta do projeto) e nessa mesma casa realizou a primeira sessão da Câmara Municipal em 1865. Na imagem 06 da página seguinte é possível observar os elementos arquitetônicos do período mencionado anteriormente. As casas da imagem foram demolidas em 1919 dentro do processo de renovação urbana que a cidade veio a sofrer.

Outra construção marcante do período foi a sede da Capela erguida em 1857 em madeira. Desse período, fotos não foram encontradas, apenas da sua segunda reforma em 1918 com ampliação e construção de uma torre com relógio. O desenho da imagem 07 deste edifício revela um passado também apagado pela justificativa de modernização em meados do século XX. São Carlos deste período foi radicalmente transformada com a riqueza do café e a chegada da ferrovia; a cidade de taipa transformou-se na cidade de tijolo e depois na cidade de concreto em menos de um século.



Desenho da primeira casa de tijolos e telha. Fonte: BRUNO, 2007 (digitalizado do livro são carlos na esteira do tempo)



Desenho da catedral antes da demolição. Fonte: BRUNO, 2007 (digitalizado do livro são carlos na esteira do tempo)

SÃO CARLOS DA ESTRADA DE FERRO (1880-1949)

Assim como outras cidades do interior paulista, São Carlos teve seu crescimento e desenvolvimento marcado pelo colonialismo, a economia cafeeira, a exploração da mão de escrava e pela constituição da malha urbana marcada pela implantação da estrada de ferro em 1884. O café aumentou a riqueza do município e proporcionou condições favoráveis para o florescimento da vida urbana. Segundo LIMA, o trem foi decisivo para a transformação da cidade: aproximou a área rural da urbana, dinamizou o escoamento da produção de café e também facilitou a ligação do município com a capital e com outras cidades da região. Com isso, a forma e a constituição da cidade se transformou com o crescimento da população, a transferência das residências dos fazendeiros da área rural para a urbana e com a construção dos primeiros edifícios e benfeitorias públicas. A estrutura urbana ficou definida pela linha férrea que se tornou também uma barreira física, social e histórica que dividiu São Carlos.

Juntamente com as transformações urbanísticas, o processo de renovação e modernização advindo com a ferrovia, determinou profundas alterações na arquitetura local. BORTOLUCCI afirma que a velha São Carlos, com apenas três décadas de existência, foi desaparecendo, e surgiu uma platibanda, em vez do beiral; e janelas de abrir com vidro e venezianas, em lugar das de guilhotina; entre outras modificações. Nesse mesmo pensamento, NEVES corrobora as mudanças através da afirmação “desaparece, quase que totalmente, a primeira São Carlos de taipa e barrote dando lugar a prédios ilustres”.

Ainda segundo Neves (2007 P.20-21):

Incentivo para a modernização urbana era, sem dúvidas, o trem, descarregando diariamente materiais de construção, importados da Europa. Surgem prédios cobertos de ardósia inglesa, com madeiramento de pinho de riga e pisos de cerâmica francesa e italiana.

Em 1889, a escravidão foi abolida e a imigração passou a ser incentivada pelo governo. As cidades onde a economia do café prosperava atraíram a maioria dos imigrantes europeus. A população cresceu consideravelmente e em pouco



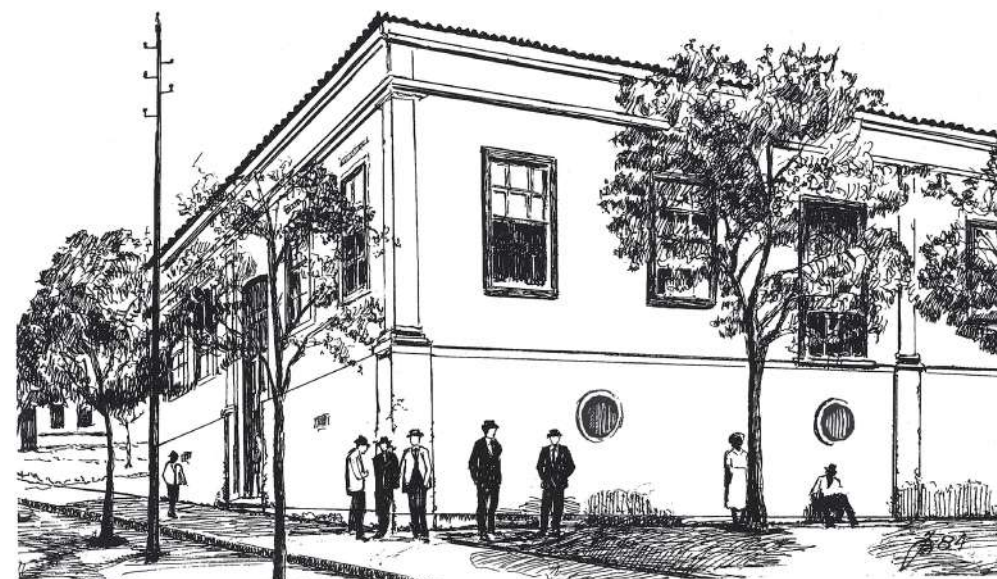
Foto aérea de São Carlos região central
Fonte: Fundação Pró-Memória.

Foto Estação de trem de São Carlos
Fonte: Fundação Pró-Memória.

tempo os estrangeiros predominaram em São Carlos. Segundo BORTOLUCCI, esse período proporcionou as bases para o aparecimento de um novo fazer arquitetônico, surgiu uma nova cidade com edifícios ligados ao ecletismo predominante em São Paulo.

A cidade feita de construções simples, térreas e quase sempre no alinhamento, passou a acolher também as elegantes e luxuosas mansões dos barões do café, onde quase todo material importado utilizado e a mão-de-obra imigrante refletiam um novo modo de construir. BORTOLUCCI, 1991. P26)

Diante da crescente complexidade das atividades urbanas, a elite da época, imitando os centros maiores, encontrou no espírito de renovação e modernização o terreno fértil para abominar qualquer lembrança de um passado antiquado, embora ainda tão presente. Em nome do progresso e em busca de novidades tecnológicas as transformações ocorreram. Um exemplo desse processo de renovação foi o prédio da Câmara Municipal que era localizado na atual praça Coronel Salles no alinhamento da avenida São Carlos. Foi construído em 1883 de forma compacta, de beirais e telha canal, e ainda comprometida com a arquitetura colonial conforme imagem 10 ao lado. Em 1926, este prédio foi demolido e no local foi construído a ampliação da praça Coronel Salles. A sede nova passou a ocupar o Palacete Pinhal.



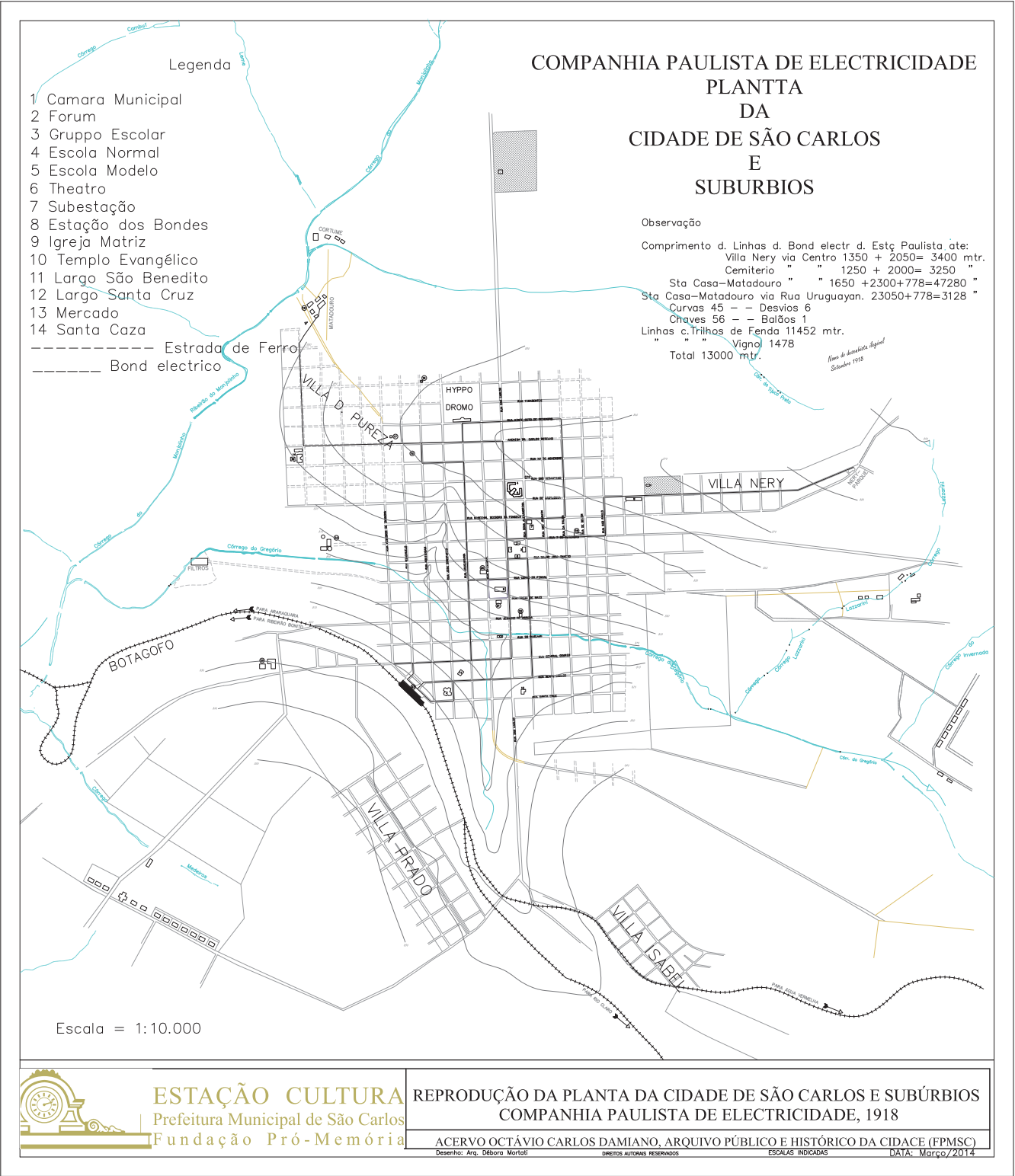
Desenho do primeiro edifício público de São Carlos. Fonte: BRUNO, 2007 (digitalizado do livro São Carlos na esteira do tempo)

O Almanaque de 1915 inclui no seu texto introdutório informações sobre os edifícios que, estariam ou não “condizentes com os progressos da cidade”:

“A cidade possui dois belos jardins públicos...; três teatros...; Escola Normal secundária, para a qual está em construção um grandioso edifício; É sede de bispado, sendo o palácio episcopal de bonita arquitetura e internamente decorado pelo hábil pincel de Benedito Calixto. A catedral, casarão sombrio e desgracioso, que já não condiz com os progressos da cidade, é belamente decorada, no interior, e possui bonitas imagens. Entre seus estabelecimentos de instrução, o Colégio S.Carlos, o grandioso edifício..., se destaca, ..., com a sua enorme e bela fachada, como gigantesca atalaia do nosso progresso.”

As transformações urbanas ocorreram também nas proximidades da estação devido a ferrovia ter atraído o desenvolvimento de atividades industriais em sua proximidade. A morfologia urbana se transforma e surgem os primeiros bairros populares nas regiões periféricas da cidade. Enquanto a classe dominante ocupava as proximidades da igreja matriz no centro, a população negra liberta forma os bairros da Vila Izabel em 1891 e a Vila pureza em 1891. Os imigrantes ocupavam as áreas mais ao sul, mais ao longo da linha férrea formando o bairro operário da Vila Prado em 1893 (COSTA, 2015). O mapa da cidade do início do século XX mostra essa conformação da cidade que segue o eixo norte-sul e leste-oeste instituído principalmente pela avenida são carlos e esses novos bairros.

Planta da cidade de São Carlos em 1918 Fonte: Fundação Pró-Memória



SÃO CARLOS DO CONCRETO ARMADO

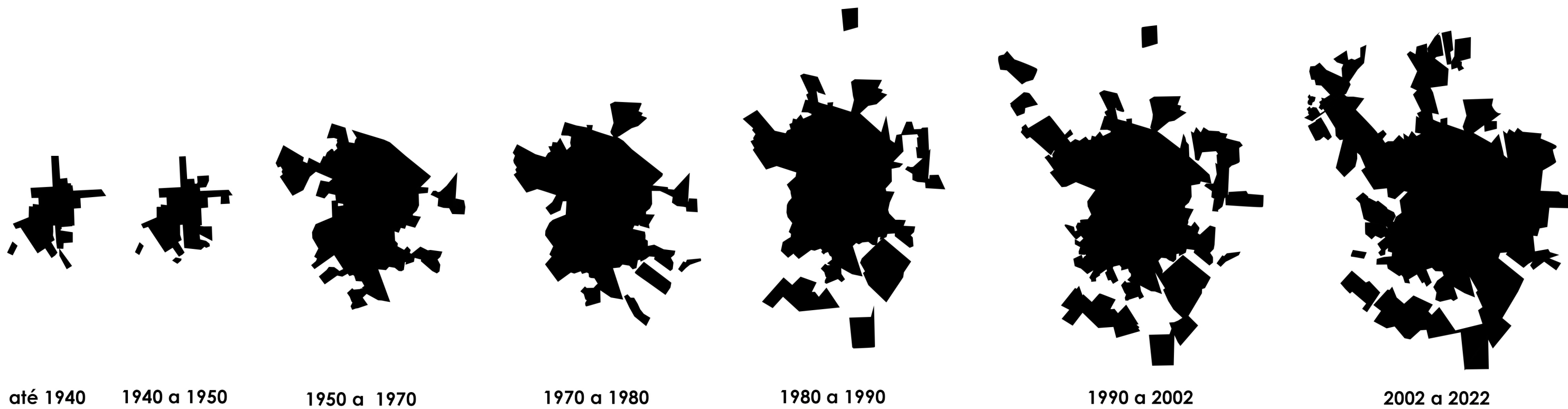
A urbanização e a industrialização se intensificaram em meados da década de 1930 e se consolidaram na década de 1950, formando um parque industrial que deslocou definitivamente o eixo produtivo e econômico para a área urbana. A criação da Escola de Engenharia e da UFSCAR, com a posterior implantação dos centros de tecnologia atraíram grande número de profissionais, docentes e estudantes para a cidade. De acordo com o Almanaque de 1905 a população da cidade em 1915 era de 13.000 habitantes, em 1940 48.609 habitantes, e 1970: 85.609. Crescimento populacional extremamente acelerado que, evidentemente, levou à deficiência de alguns serviços urbanos, inclusive à falta de moradias. A partir da década de 40, intensificou-se em São Carlos, o fenômeno da descontinuidade da mancha urbana, um processo de periferização das moradias dos pobres ao sul. Com o tempo, estas áreas passaram a integrar o conjunto de “espaços vazios” deixados propositadamente à espera de valorização pelos especuladores imobiliários.

Nesse momento a rede rodoviária tornou-se mais importante do que a ferroviária. Segundo VILLAÇA apud LIMA, as vias regionais, tais como estradas e ferrovias, são os elementos mais poderosos de atração da expansão urbana, porque, além do transporte de carga, também transportam passageiros e geram urbanidade nos pontos de transbordo. As mudanças no sistema de transporte nesse período provocaram o redirecionamento da ocupação urbana em São Carlos, rumo à rodovia. O traçado deixava de ser homogêneo e ortogonal da cidade tradicional, assumindo um novo padrão viário, descontínuo e precário em relação à área urbanizada.

Ao longo dos anos esse processo de fragmentação urbana contínua e São Carlos passou a ser cada vez mais segregada, com a formação dos condomínios fechados ao norte para a população mais rica e os mais pobres ao sul.

Para Villaça (op. cit., p. 142, 313-329), a segregação urbana ocorre quando “diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões”. Dessa forma, formam-se diferentes localizações na cidade, com padrões distintos, que conformam espaços extremamente heterogêneos. Esse crescimento urbano pode ser mais facilmente entendido através do mapa da expansão urbana na página seguinte.

Página seguinte: mapa da expansão urbana em São Carlos. Fonte: Plano Diretor da Cidade 2018 (Elaborado pela autora)



Em relação a arquitetura passaram a predominar as construções modernas a partir dos anos 1950. A mesma lógica de modernização e renovação da nova sociedade burguesa fez com que em nome do progresso novos edifícios fossem demolidos e erguidos. A exemplo disso surgiu o novo edifício da atual catedral e o novo mercado municipal conforme as imagens a seguir. O hotel municipal foi outra construção modernista de grande impacto na cidade.

Na década de 1970, o setor de comércio e serviços passou por uma diversificação e consolidação, em especial no centro da cidade. Isso alterou significativamente o uso e ocupação do solo dessa área, na qual se iniciava, também, a verticalização. Houve a substituição intensa de moradias por atividades comerciais e de serviços, desbalanceando o antigo uso misto da região central. A partir dos anos 1980, as demolições de imóveis antigos se intensificaram e o desenvolvimento do setor bancário no período levou à aquisição e demolição de alguns importantes casarões do centro.



**você ficará melhor
instalado no
moderníssimo
mercado de
São Carlos**



**5958 m². de área construída, no melhor ponto
comercial de São Carlos
(ao lado do antigo mercado municipal, que será demolido)**

- 12 mercearias
- 13 açougues
- 72 boxes duplos ou 144 simples
- 19 lojas com WC
- 10 salas com WC
- 3 bares

e daqui a 24 meses, tudo pronto, dando a
S. Carlos, o melhor movimento comercial.

preços:
a partir de Cr\$ 2.500.000,
com prestações mensais de Cr\$ 83.333

vendas a cargo de:
CORANIL COMERCIAL PAULISTANA
R. Brigadeiro Tobias, 356 - 11.º andar
módulo 115/116 - São Paulo - Tel. 36-6283

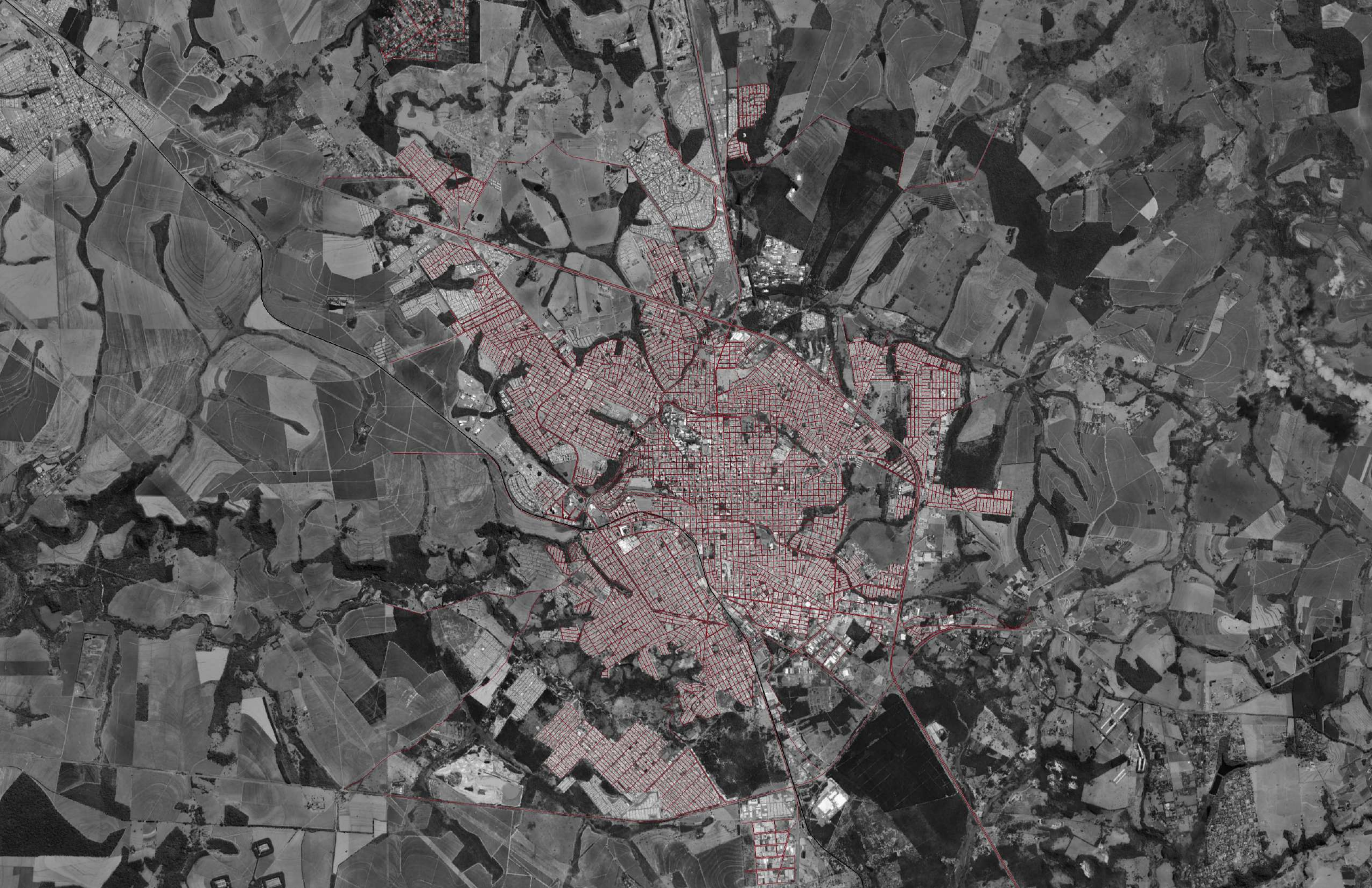
planteio:
Av. Vieira da Silva, 172 - 7.º andar - S. Paulo
Tel: 35-2309 - 36-4922
e no próprio local do mercado.

**COMERCIAL E CONSTRUTORA
ALVEAR LTDA.**

Esquerda: foto da atual ca-
tedral e primeiros edifícios
verticais Fonte: Site IBGE

Direita: Anúncio de jornal.
Fonte: Site São Carlos
agora

Página seguinte: Imagem
via Google Earth atualiza-
da da cidade com a malha
urbana. Fonte: Mapa da
prefeitura (Elaborado pela
autora)



EDIFÍCIOS CULTURAIS EM SÃO CARLOS

Em relação a cultura em São Carlos, Bortolucci afirma que desde 1862, já ocorriam apresentações teatrais utilizando residências cedidas por famílias da cidade. Em 1892 a cidade usufrui de local apropriado com a inauguração do Theatro Ypiranga na praça Coronel Salles. A linha do tempo desenvolvida na página seguinte mostra a partir do primeiro teatro os edifícios construídos especificamente para cultura. O mais emblemático foi o Cine Teatro Avenida devido a imponência e a capacidade para mais de mil pessoas e relatos da época de uma vida cotidiana intensa, abrigando inclusive festas de formatura das universidades.

Na década de 70, o teatro São Carlos foi demolido, sob a justificativa de ampliar a praça Coronel Salles. Já nos anos 80, foram demolidos os prédios do cine São Carlos e do Cine Teatro Avenida. Este último cedeu espaço ao estacionamento do banco Itaú conforme as imagens. O destino dos espaços culturais foi atropelado pela especulação imobiliária e em seu lugar surgiram estacionamentos e lojas comerciais. A cidade que abrigava 3 teatros (São Carlos, Avenida e Polytheama) e 3 cinemas (Cine Joia, o Paratodos, e os Studios I e II) passou a ter apenas um com a chegada do shopping center. Fato que mudou com a inauguração em 2008 do cinema da rua Major José Inácio, local onde funcionou um no passado. É difícil identificar a localização e a história do cinema em São Carlos diante de tantas mudanças em um curto período de tempo. As imagens na linha do tempo referentes ao Studio I e II podem não ser exatamente referentes a esses cinemas, porém foram edifícios em São Carlos voltados para esse fim.

Diante desse resgate, foi possível observar que não foi construído nenhum edifício voltado para cultura na cidade desde 1982 com o prédio da Casa

de Cultura Amadeu Amaral, onde funcionou a biblioteca municipal por muitos anos. São 41 anos de uma cidade à deriva para a cultura. O que se constatou foi que os espaços de cultura existentes atualmente ocupam prédios já existentes na cidade. Como foi o caso da USP que comprou o prédio da sociedade Dante Alighieri em 1985 e instalou o CDCC (Centro de Divulgação Científica e Cultural) para servir a sociedade. Em 2012 foi inaugurado o museu de ciência no subsolo da praça Coronel Salles e em 2003 o CEMAC ocupou um barracão antigo na beira da Av. Comendador Alfredo Maffei. O Museu da Estação, que possui acervo histórico e da memória da cidade, foi aberto ao público em 2012. O SESC foi criado em 1996 com edifício desenvolvido para suas mais diversas atividades, que contribuem inclusive com a difusão cultural da cidade, porém como é uma entidade voltada para diversos fins não foi considerado na linha do tempo.

Diante de tais constatações, reforça-se a importância da intervenção com a construção de um espaço destinado exclusivamente a cultura e arte através de exposições e oficinas que conduzam a sociedade a novas reflexões. Buscassem que a cidade não vire uma mercadoria onde apenas o investimento tecnológico e a busca de empresas seja importante.



1892

Teatro Ypiranga

1902 a 1953_virou teatro São Carlos

1953 a 1976 _Cine São Carlos

1977_Demolido ampliação praça coronel salles

1912

Teatro Polytheama

Construído para ser cinema também

Próximo ao Ypiranga Demoldio na década de 90

1920

Teatro Colombo

Cine-Teatro São José

1960 _fechou

2023 _loja comercial

1953

Cine Teatro Avenida

1984_demolido para estacionamento Itaú

1969

Teatro Municipal

2003_ imagem atual devido ausência de imagem anterior a reforma

1976

Cine Studio I

1999

Cine Studio II

1992

atual cine são carlos

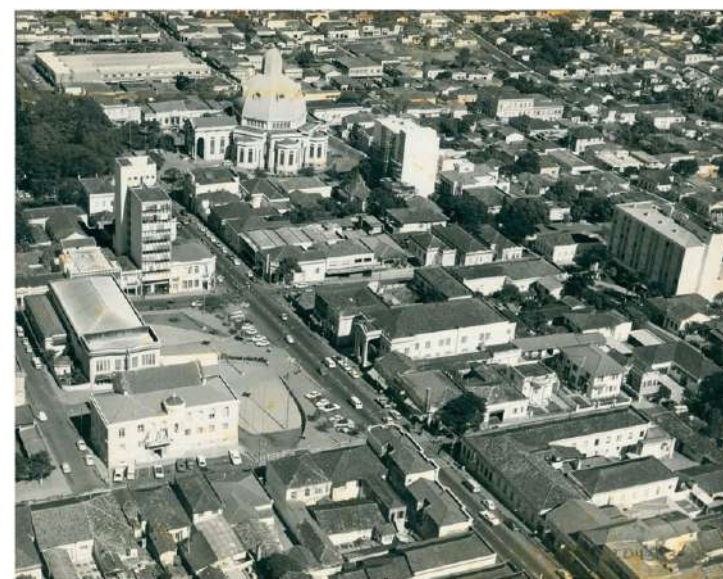
Não foi identificado as imagens acima e as do cine studio

1982

Casa de Cultura Amadeu Amaral

Biblioteca Municipal

2023 - secretaria de Educação



A Esquerda: imagem aérea do Cine Teatro Avenida antes do banco Itaú Fonte: Site São Carlos Agora

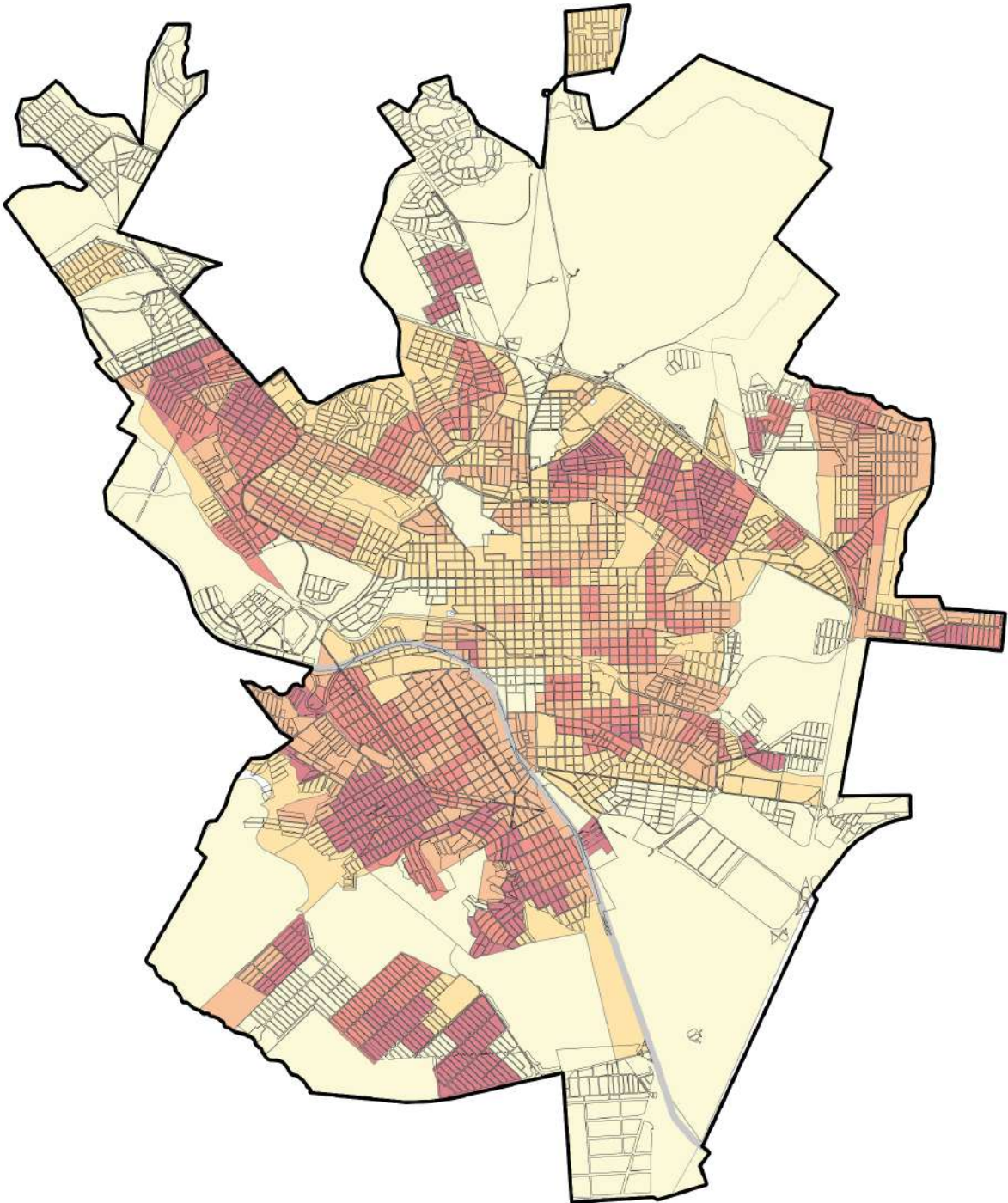
A Esquerda: imagem do Cine teatro Avenida ao lado do banco Itaú Fonte: Site São Carlos Agora

A Esquerda: imagem do Cine teatro Avenida Fonte: Site São Carlos Agora

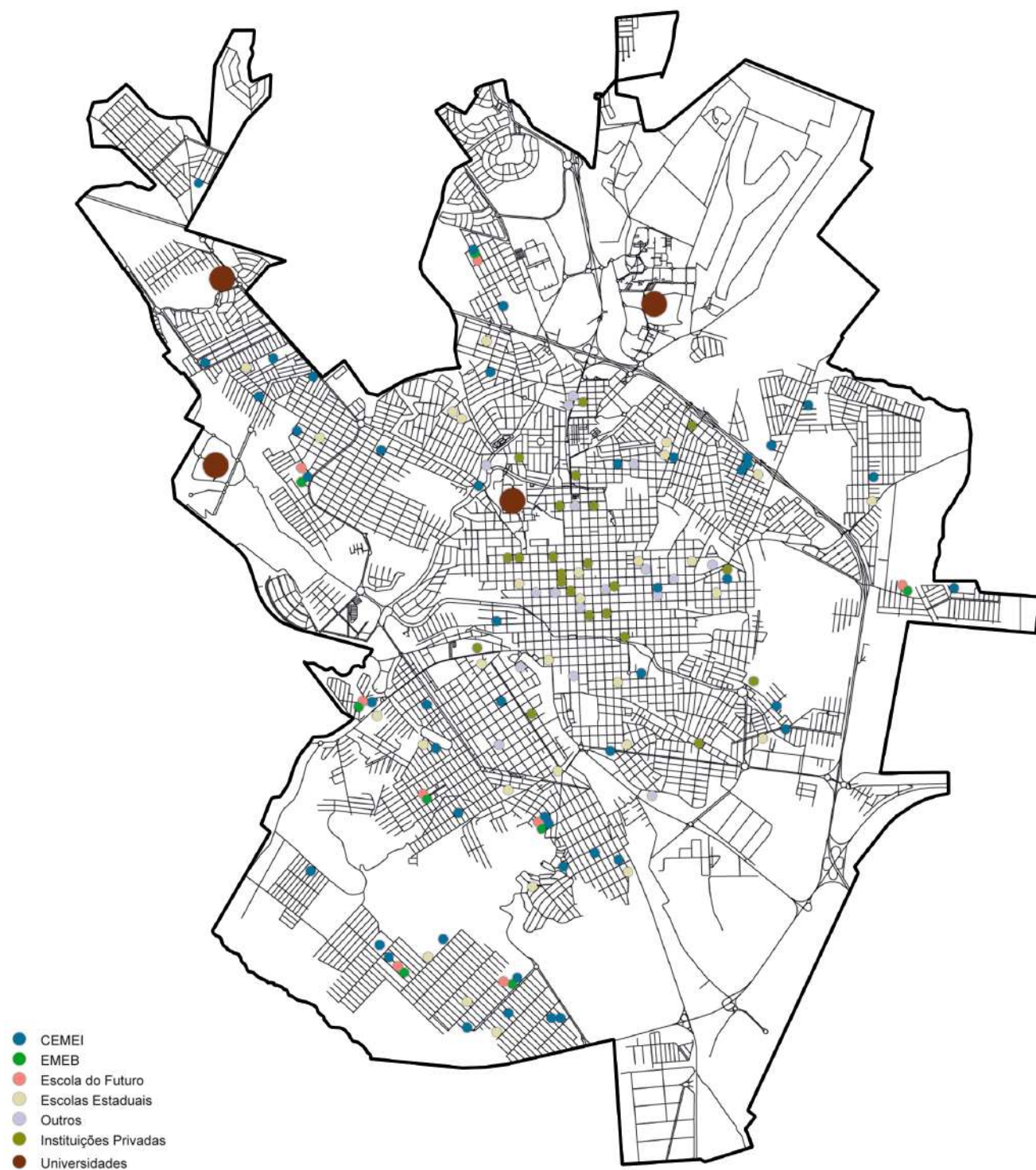
A Direita: imagem do Teatro São Carlos na praça Coronel Salles antes de ser demolido Fonte: Site São Carlos Agora

LEITURAS DA CIDADE

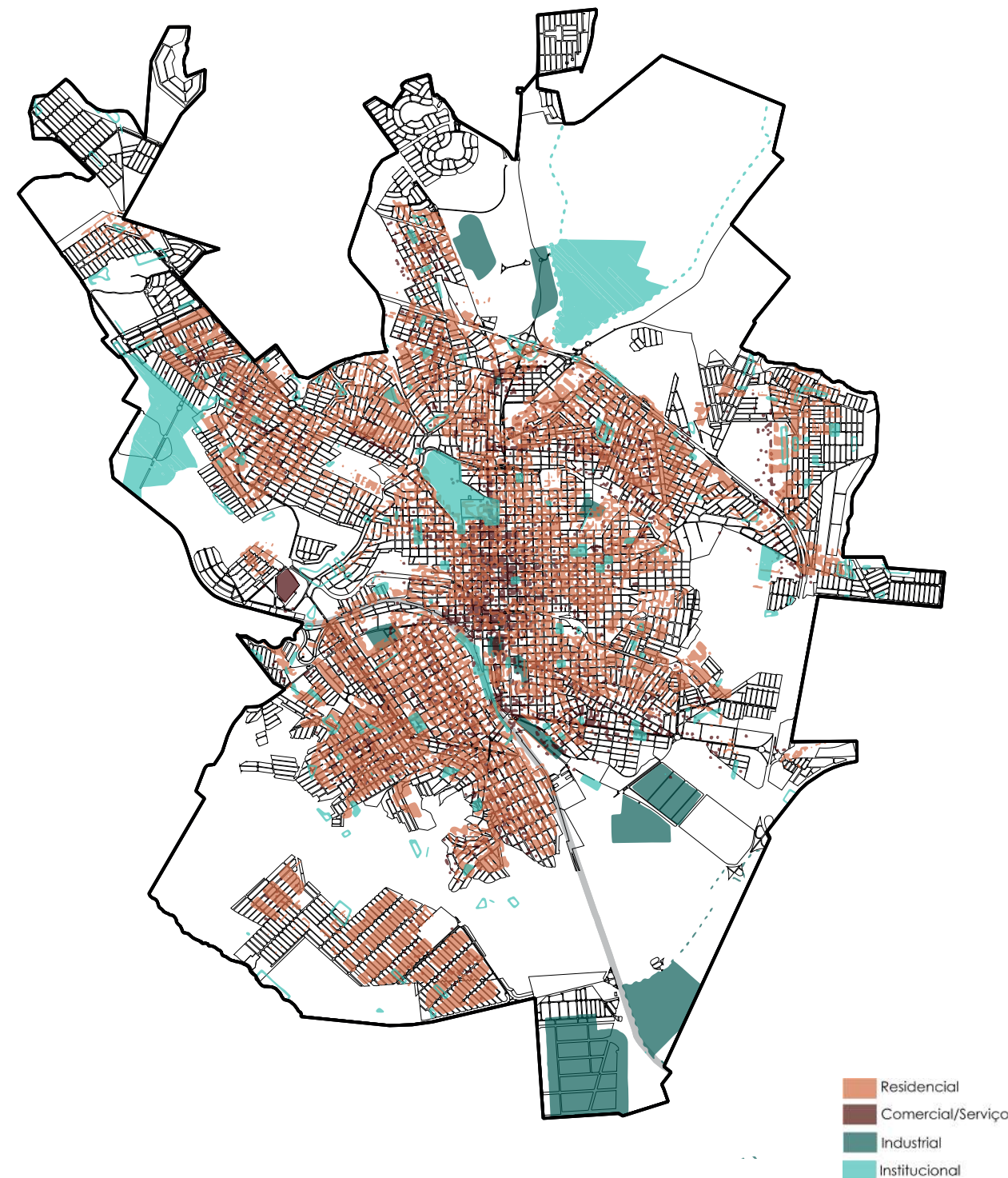
Dentre os dados apresentados compara-se a densidade demográfica da cidade com os dados das concentrações de renda, sendo inversamente proporcional suas relações: os locais com maior concentração demográfica são os com as menores renda, em sua maioria locais na periferia da cidade como o Cidade Aracy e o Santa Felícia; os locais com menor concentração demográfica são os com maiores renda, em sua maioria condomínios de alto padrão, mas também áreas como a do centro norte. Em seguida o mapa de domicílios vagos diz respeito a uma subutilização de uma infraestrutura urbana existente, inclusive em regiões centrais e históricas, e sobre a qual existe uma demanda; com relação ao uso e ocupação do solo, vê-se uma preponderância muito grande no centro da cidade de atividades de caráter comercial.



Mapa de densidade demográfica. Fonte: Prefeitura de São Carlos 2018 e Trabalho de Paisagismo da O18.

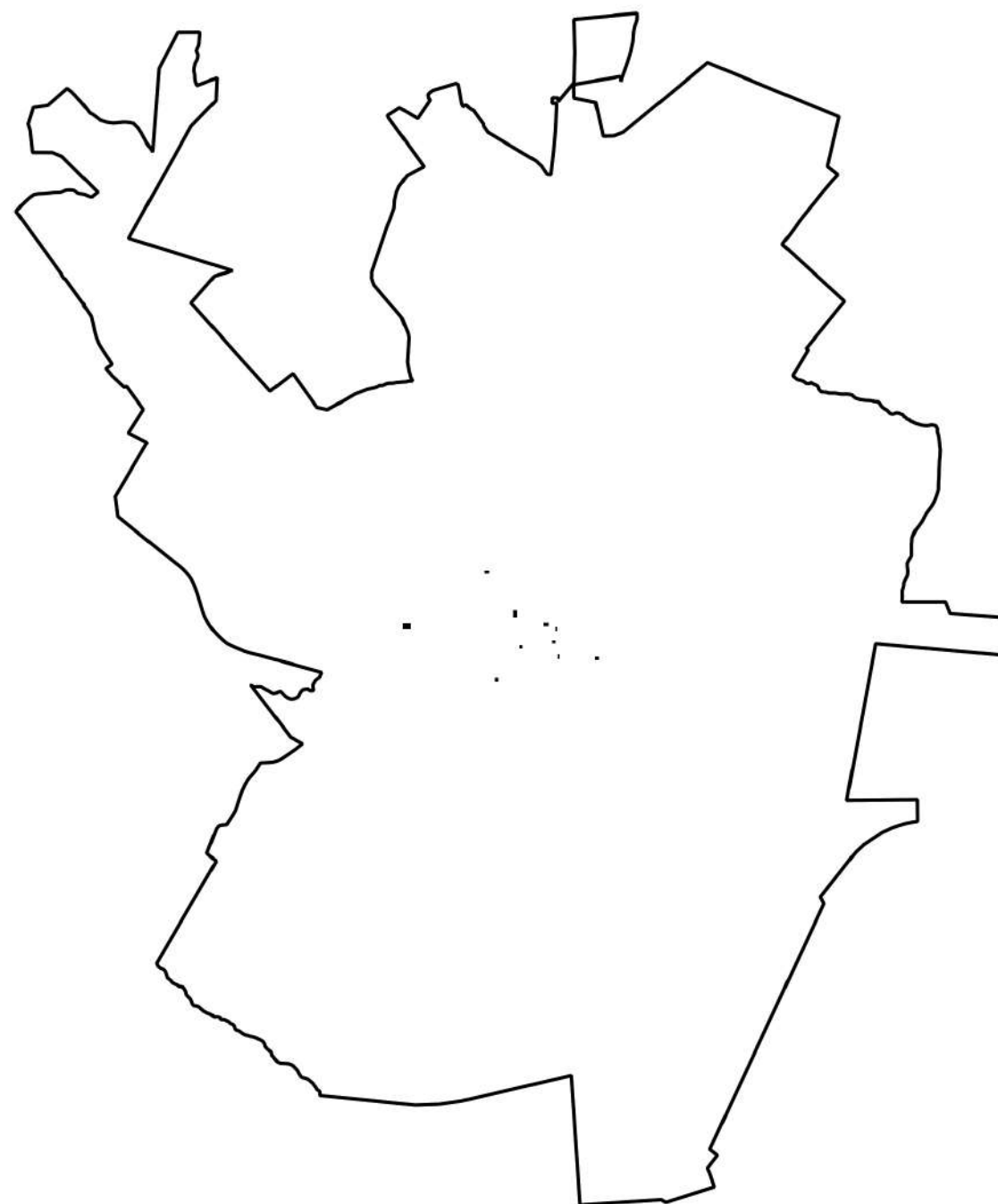


Mapa ocupação do solo de São Carlos. Fonte: Trabalho P3 da O17. (Elaboração da autora)

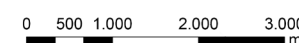


Mapa das escolas de São Carlos. Fonte: Trabalho P3 da O17. (Elaboração da autora)

0 500 1.000 2.000 3.000 m



Mapa dos Edifícios Culturais . Fonte: leitura e elaboração própria via google maps.



O CENTRO E A POLIGONAL HISTÓRICA

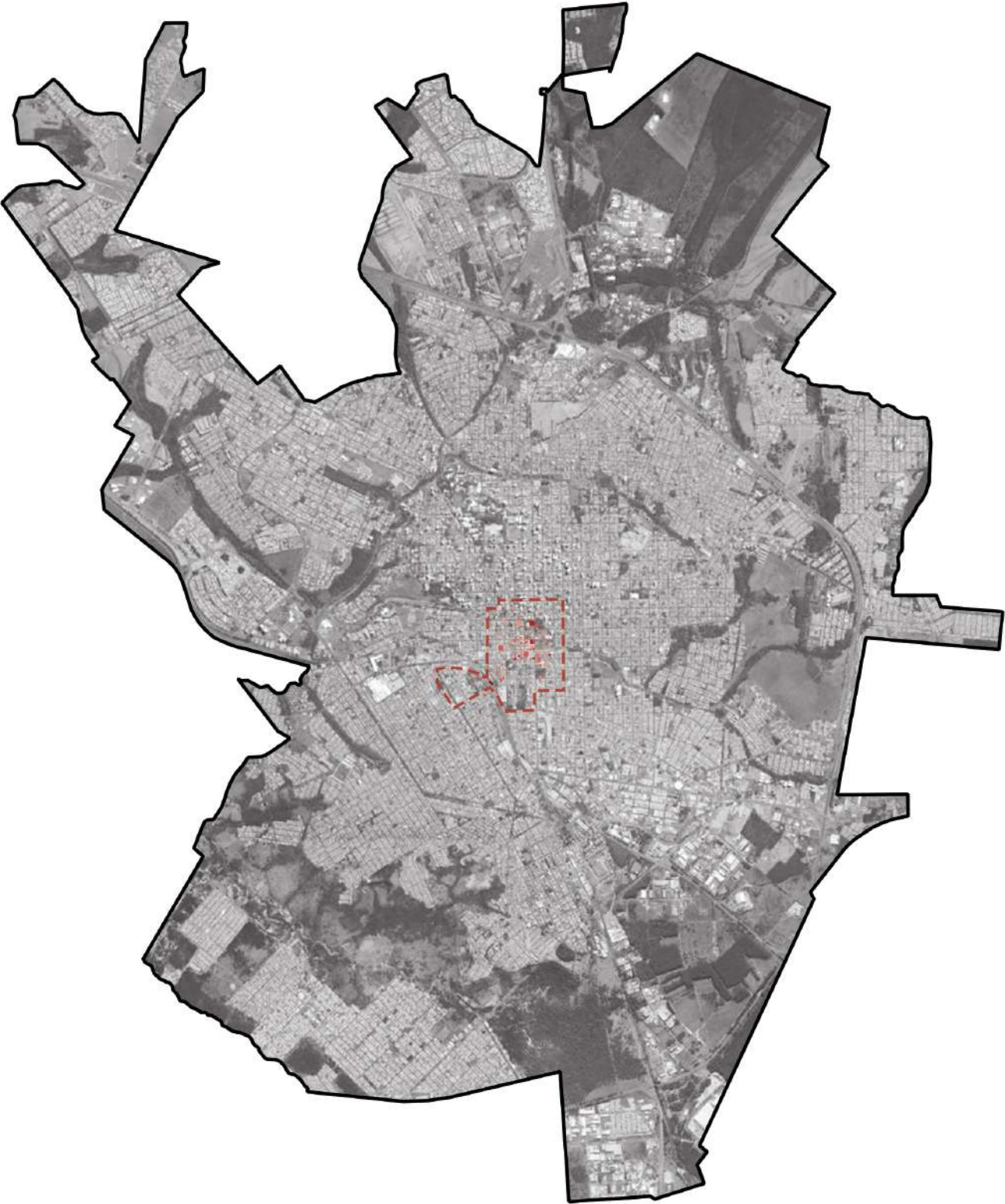
A região correspondente à área central de São Carlos possui hoje uma urbanização consolidada, concentrando empregos, comércio e serviço, além dos imóveis de interesse histórico e atividades culturais. Houve a substituição intensa de moradias por atividades comerciais e de serviços, desbalanceando o antigo uso misto da região.

Além disso, existiu um movimento onde surgiram novos “centros” e na região da fundação da cidade predominou comércios e serviços populares. A área entre a catedral e a Rua XV de novembro se caracteriza como uma faixa intermediária e a região da praça XV como elitizado. Em toda a região existem diversos edifícios abandonados, casas históricas deterioradas, espaços vazios e subutilizados. É importante reforçar que a vacância no Centro acontece em função de interesses imobiliários conforme no passado e a intervenção nessa região garante um uso democrático do espaço. Sendo assim, existe grande facilidade para encontrar edifícios e espaços livres para intervenção e possibilidade de ascender sua história para disputar seu futuro.

Por fim, o dinamismo na área é reforçado pela grande quantidade de pessoas que circulam todos os dias na região central. Além disso, a região é servida pelo maior número de pontos de ônibus, fazendo com que o número total de pessoas que passam pelo Centro seja ainda maior. Evidencia-se, assim, que o centro ainda é um aglutinador na cidade, possuindo grande relevância na economia.

A proposta de intervenção está dentro do direcionamento do Plano Diretor Estratégico da cidade de 2016, que apontou os impactos negativos da especulação imobiliária estabelecendo as seguintes diretrizes para a região central:

- Promover a ocupação dos imóveis vazios ou subutilizados,



Mapa área urbana e demarcação poligonal histórica com imóveis protegidos. Fonte: Fundação Pro-Memória e Elaboração própria via Google Earth

DIRETRIZES URBANÍSTICAS

aproveitando a infraestrutura e promovendo a função social da cidade e da propriedade;

- Promover a recuperação e manutenção dos conjuntos arquitetônicos de interesse histórico e a conservação da memória enquanto patrimônio coletivo;
- Qualificar e utilizar a infraestrutura já existente, e garantir a diversidade de usos.

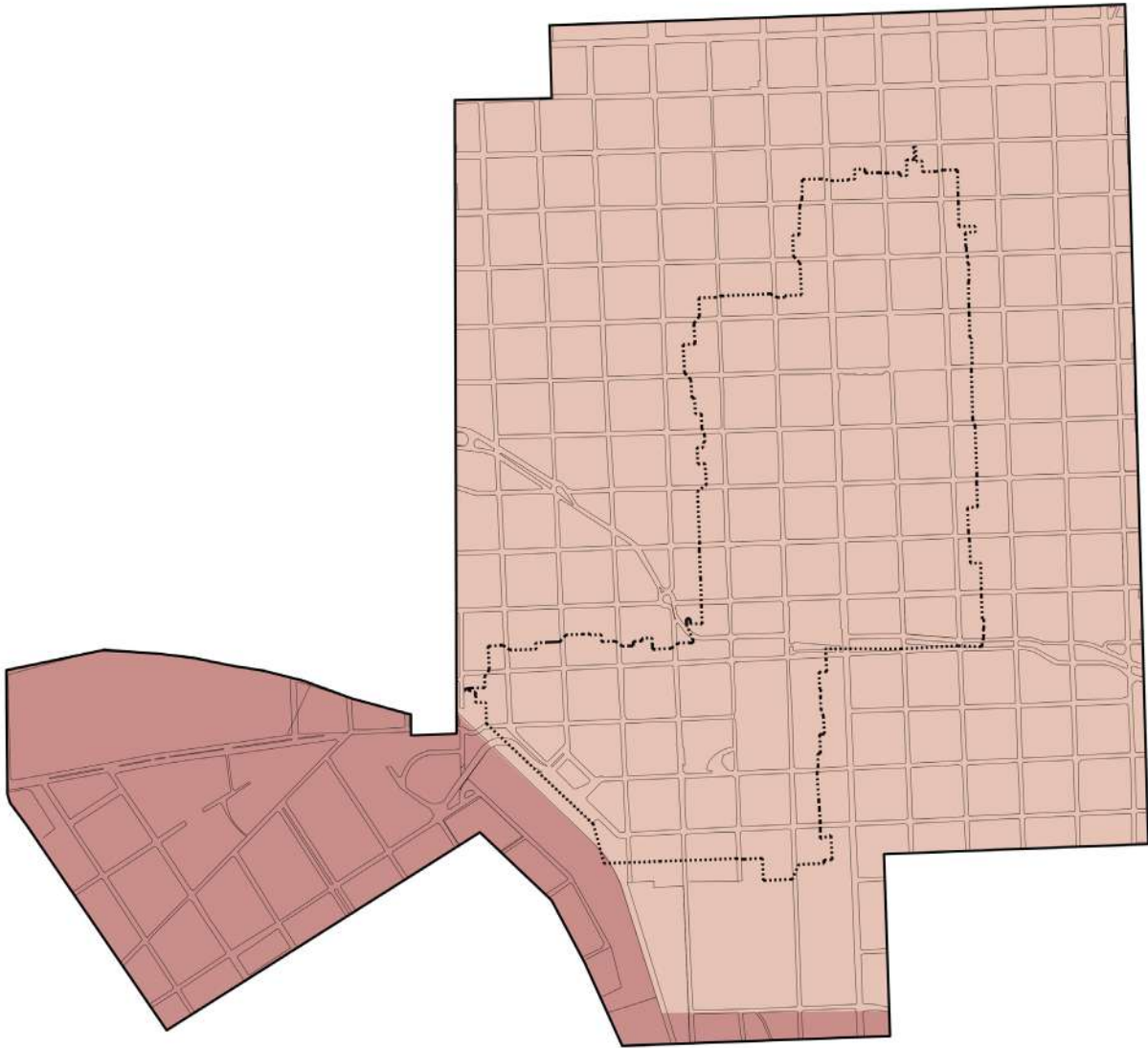
O plano diretor também define uma área de interesse histórico dentro da região central com uma sub-área com limitante de gabarito. Este recorte, foi adotado como a área de análise e intervenção desse trabalho. De acordo com o Plano Diretor essa zona se caracteriza da seguinte forma:

DA ZONA 1 - OCUPAÇÃO CONSOLIDADA

Ocupação Consolidada é a região que corresponde à área central da cidade, com urbanização consolidada e forte concentração de empregos, comércio e serviço, além da maior concentração de imóveis de interesse histórico, apresenta altos coeficientes de ocupação nos lotes, porém com presença de edificações desocupadas ou subutilizadas.

O mapa ao lado revela essa região da cidade, assim como os coeficientes urbanísticos a serem utilizados no desenvolvimento do trabalho.

Dessa forma, consta uma atenção especial com os edifícios e a paisagem histórica na região, assim como com os marcos históricos presentes e esquecidos que permeiam esses locais. Além disso, destaca-se uma série de diferentes processos de tombamento e nível de proteção pela municipalidade e pelo estado. Para a aprovação de novas edificações, reformas, ampliações ou



ZONEAMENTO
COEFICIENTES GERAIS

CO = 70%
CP = 15%
CA = 1,4 para uso residencial unifamiliar
CAB = 2,0
CAM = 3,0

- Zona 01
- Zona 02
- Poligonal histórica
- Limitante de gabarito

restauros nesta área, a Fundação Pró- Memória de São Carlos obrigatoriamente necessita avaliar caso a caso, submetendo posteriormente suas análises ao COMDEPHASC (Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio. Histórico, Artístico e Ambiental de São Carlos). Na cidade, a preservação do patrimônio está baseada em uma classificação dos imóveis de interesse histórico-cultural do município, quanto ao grau de proteção e possibilidade de intervenção.

Por fim, tomando como base as leituras desenvolvidas, procurou-se marcar os principais locais subutilizados,e edifícios históricos abandonados como pontos de interesse para a intervenção. Nesse sentido, o mapa ao lado foi um suporte para encontro de espaço com maior potencial. Dentre eles foi optado pela área próxima a fundação da cidade.

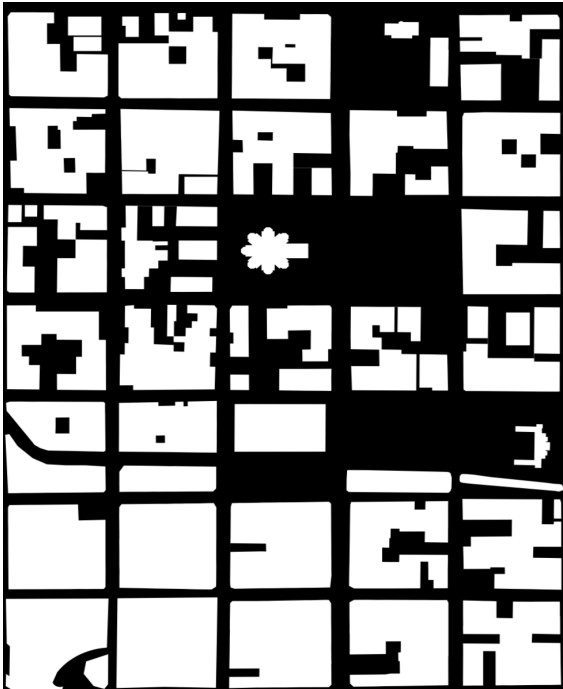


TMapa de áreas subutilizadas e patrimônio abandonado dentro da polígona lFonte: visita a campo e google maps (Elaboração pela autora)

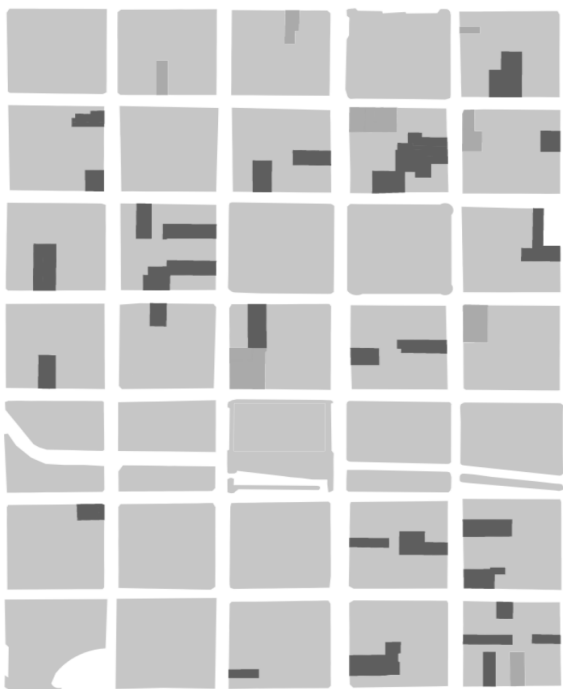
área de
intervenção

ENTRE A CATEDRAL E O
MERCADO

Após sobrepor as camadas que compõem a área cen-
tral de São Carlos, a área do projeto se apresenta na
quadra que liga a Catedral ao Mercado Municipal e é
cercada pela Avenida São Carlos e a Rua Episcopal.
Trata-se da região da fundação da cidade, com maior
fluxo de pessoas e concentração de comércios, servi-
ços e empregos.



Mapa áreas edificadas e vazios. Fonte: visita cam-
po e Google Maps.(Ela-
borado pela autora)



Mapa de estacionamen-
tos e edifícios de interes-
se histórico abandonado.
Fonte: visita campo e
Google Maps.(Elaborado
pela autora)



MUSEU DE CIÊNCIA

CINEMA

CENTRO CULTURAL
AFROBRAS.

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO

QUADRA
DE INTERVENÇÃO

MERCADO
MUNICIPAL

BIBLIOTECA

CEMAC

CDCC

RUA EPISCOPAL

AV. SÃO CARLOS

A QUADRA

A história da quadra se mistura com a da cidade, ao passo que diversas transformações arquitetônicas e mudanças de usos ocorreram até a conformação atual. Diante das transformações iniciais que o centro sofreu, não restam indícios das primeiras casas do local. Através do desenho ao lado é possível apenas imaginar o período posterior à chegada da ferrovia. O que permaneceu graças a proteção patrimonial são as casas mais recentes do período eclético e neocolonial. As construções desse período ainda presentes não possuem recuos frontais e laterais seguindo uma lógica urbana observada também no entorno. No total, o conjunto apresenta dez casas históricas protegidas pela municipalidade em categorias diferentes e duas abandonadas. Os edifícios são ocupados por comércios e serviços, desde farmácias, cartórios, salões de beleza e lojas agropecuárias.

A quadra possui também algumas construções mais novas e um edifício moderno dos anos 90 construído para sede de um banco que permanece desativado. Das transformações mais recentes, observa-se através da análise de imagens históricas do Google que em 2013 uma casa foi demolida para dar lugar à farmácia atual na avenida São Carlos. No terreno que hoje funciona como estacionamento, havia uma casa que foi demolida visto o desenho da época, porém a data não é possível estimar.

Outro aspecto importante é a relação com a praça da Catedral e com o mercado municipal. Dois locais de alto fluxo na cidade. O que se observa é um trânsito de pessoas e carros durante o dia atrás das facilidades do comércio no centro e um deserto à noite e aos finais de semana quando tudo está fechado.



Desenho da Rua 13 de maio com a catedral a esquerda e a fachada de intervenção a direita. Fonte: BRUNO, 2007 (digitalizado do livro São Carlos na esteira do tempo)



2004

primeira imagem da
série histórica do Google



2013

a casa é demolida
para construção da
atual farmácia



2010

permanece a mes-
ma configuração de
2004



2023

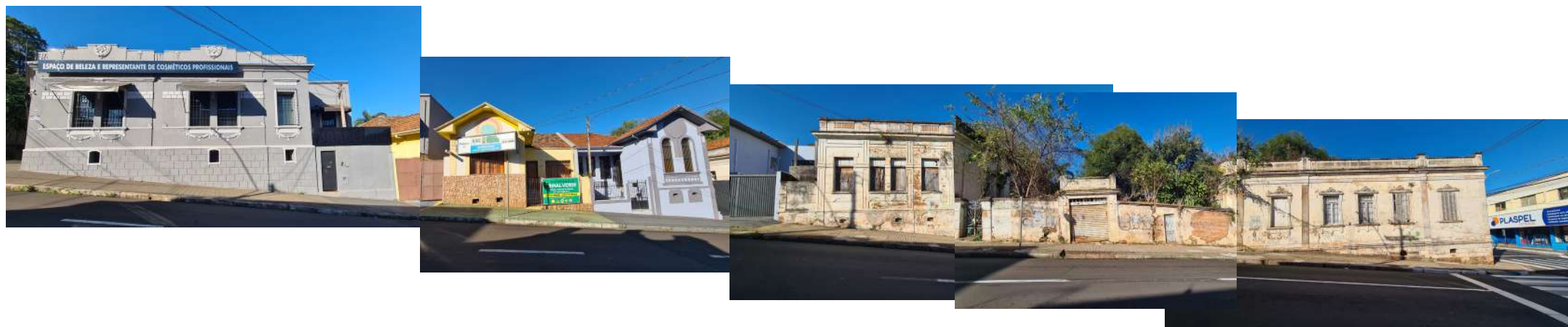
quadra atual

Imagens históricas da
quadra de intervenção.
Fonte: Google Earth (Elaborado pela autora)

Página seguinte: imagens
atuais das fachadas da
quadra Fonte: Elaborado
pela autora



Rua 13 de Maio



Rua Episcopal

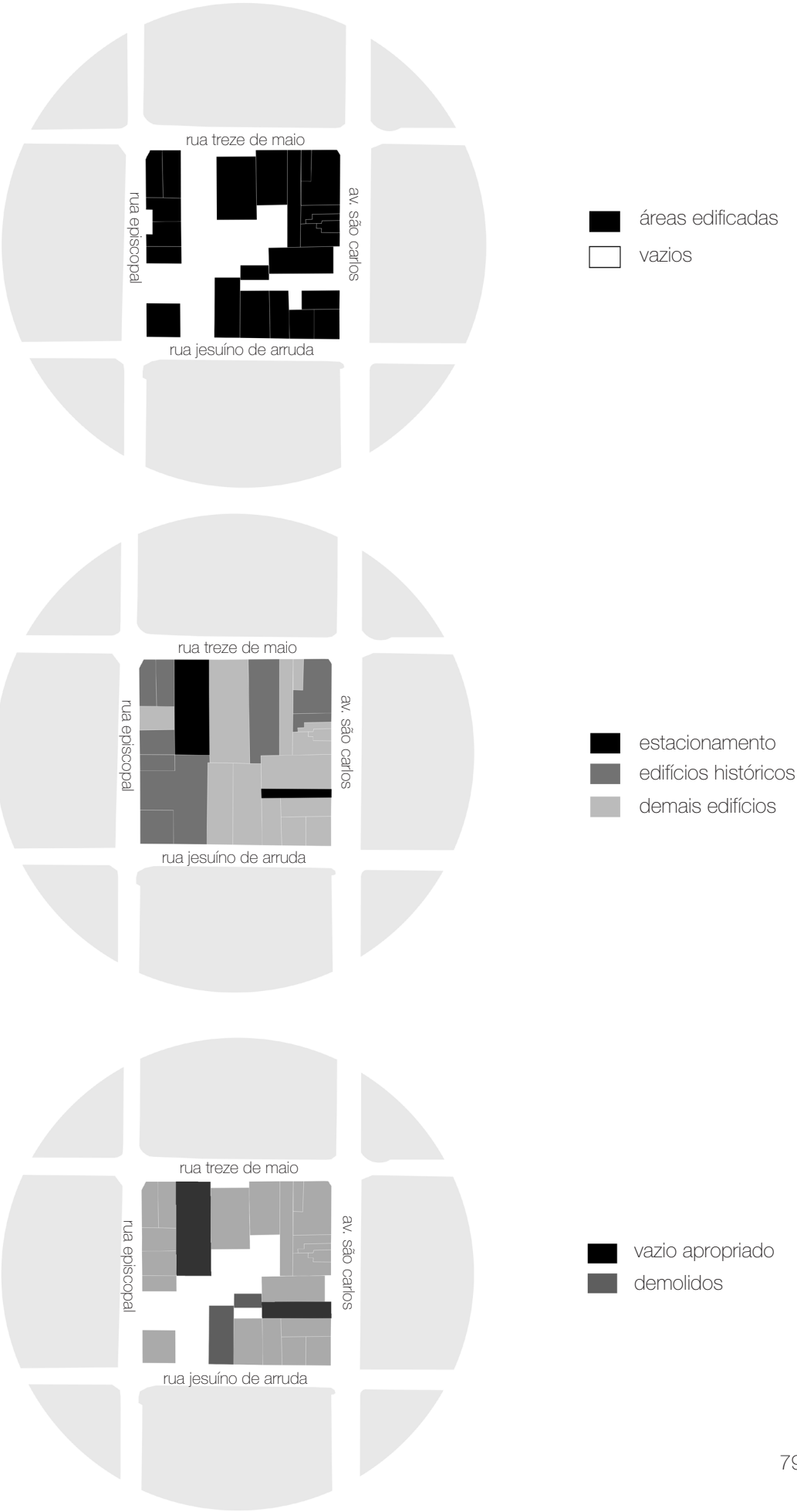


Rua Jesuino de Arruda

O TERRENO

Para definir a área de intervenção, os estudos dos mapas ao lado foram realizados. Em um primeiro momento, o de áreas edificadas contribuiu para compreender todo o vazio presente na quadra. Em seguida, os lotes destinados a estacionamentos e a edifícios históricos. O terceiro mapa já possui intervenções na quadra com a apropriação das áreas de estacionamento e a demolição de um edifício sem uso e a de um anexo do lote ao lado., assim como a apropriação do quintal do lote do cartório.

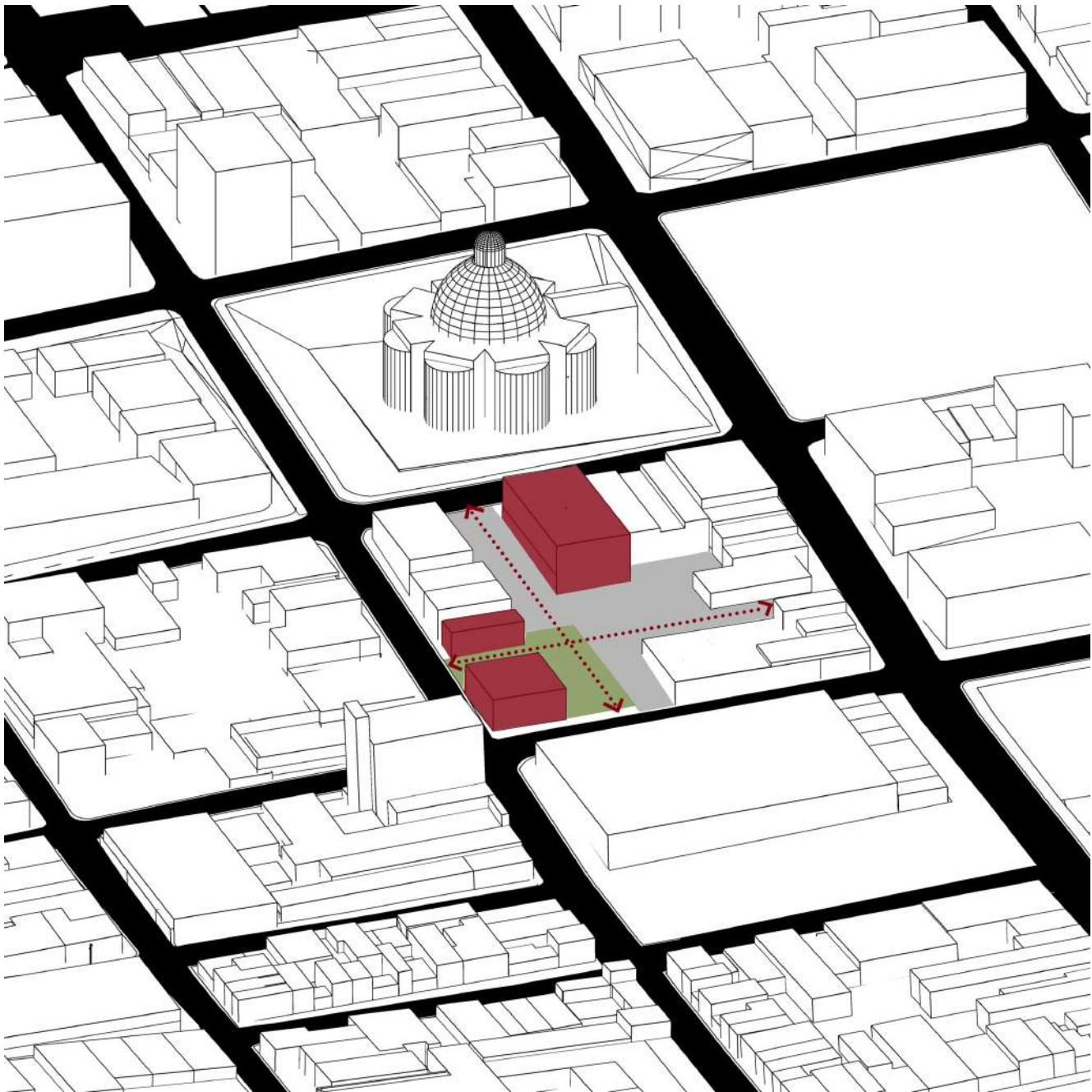
Mapas de leitura da quadra. Fonte: (Elabora pela autora)



ÁREA DE PROJETO

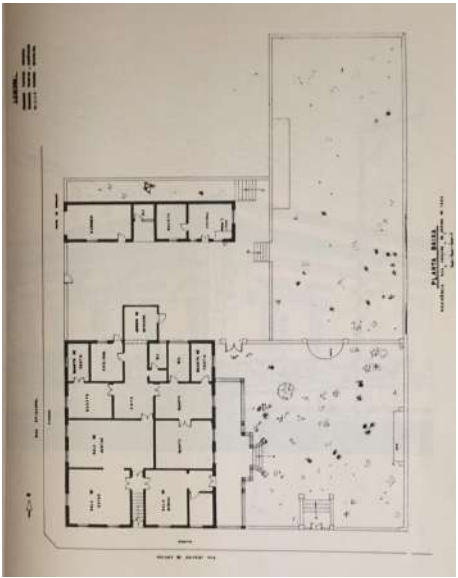
Diante das propostas de intervenção o resultado final de área livre para intervenção é o polígono que tem área bruta total aproximada de 3900 m² e apresenta no entorno conforme mencionado uma variedade de acontecimentos urbanos como a catedral, edifícios históricos e a secretaria de habitação, diversos pontos de ônibus e alto fluxo de pedestres que circulam durante a semana, o que estimula a uma nova caminhabilidade pelo miolo da quadra, assim como novos percursos e permanências no centro da cidade. A casa histórica abandonada da Rua Jesuíno de Arruda foi incorporada à intervenção com diretrizes de restauro e a área do jardim foi integrada como espaço de transição e descompressão da cidade. Dessa forma, a área útil com possibilidade de construção é de 2990 m². O edifício sem uso do banco na Rua treze de maio inicialmente foi também incorporado a fim de garantir o uso social de uma estrutura já existente na quadra. Porém, ao longo do desenvolvimento do projeto se fez desnecessária sua utilização e adequação a um novo programa.

Através da volumetria ao lado é possível analisar a área de projeto, assim como os novos fluxos abertos para a cidade. Para maior compreensão dos edifícios incorporados, o levantamento das páginas a seguir foi realizado para contribuir com as decisões de projeto.



Isometrica da quadra com edifícios incorporados e área livre de projeto. Fonte: (Elabora pela autora)

RESIDÊNCIA PILLEGI



A casa consiste em um símbolo remanescente do poder econômico advindo do período cafeeiro em São Carlos. Ela está localizada na região central da cidade de São Carlos, na esquina da rua Jesuíno de Arruda com a Rua Episcopal, a qual se apresenta como obra representativa da era eclética da cidade. Segundo BORTOLUCCI (1991)I, o primeiro registro da casa consta é que foi adquirida pelo industrial Nicolino Pillegi em 1923. Com relação aos seus aspectos formais, podemos analisá-la de acordo com a divisão das obras ecléticas feitas por Carlos Lemos, no capítulo Ecletismo em São Paulo, no livro Ecletismo na Arquitetura Brasileira. Dessa forma, a casa se enquadra na produção Neoclássica, ocorrida dentro do estilo eclético, uma vez que ela apresenta a simetria na fachada, entradas laterais, pavimento elevado e platibandas. A casa passou por duas modificações: uma pequena reforma em 1923 após ser adquirida por Nicolino Pileggi, e outra em 1940. Nos fundos, um segundo bloco de menor tamanho abriga a garagem, mais um quarto e banheiro, além de uma cozinha. Algumas questões não ficam claras através da planta que é diversa da observação no local. Como, por exemplo, a construção da casa em anexo após a garagem. O jardim parece mais amplo também do que a planta apresentada.

O objetivo é incorporar o jardim da casa a intervenção e por meio da requalificação, integrá-lo no dia a dia da cidade tornando-a um espaço aberto e potencializador de sociabilidades urbanas atuais. Para tal, foi realizado um estudo das relações sócio-espaciais com seu espaço circundante, avaliando, dessa maneira, as viá-



Imagens históricas. Fonte: BORTOLUCCI 1991



veis alternativas para intervir no objeto do estudo, tendo como principal intenção a permanência de seu aspecto formal e visual. Outro aspecto explorado, foi o diálogo com uma arquitetura contemporânea respeitando os diferentes tempos presentes. Em relação a edificação, já que a mesma possui diversos elementos em ruínas, diretrizes foram traçadas para sua reutilização e restauro para que possa fazer parte da cidade novamente como uma pnte entre o passado e o presente. t

A casa está baseada em uma classificação de imóveis de interesse histórico-cultural do município, quanto ao grau de proteção e possibilidade de intervenção. A categoria que este imóvel se encontra é na categoria III que em caso de reformas, devem ser preservadas as fachadas e a volumetria.



Imagens históricas. Fonte: BORTOLUCCI 1991

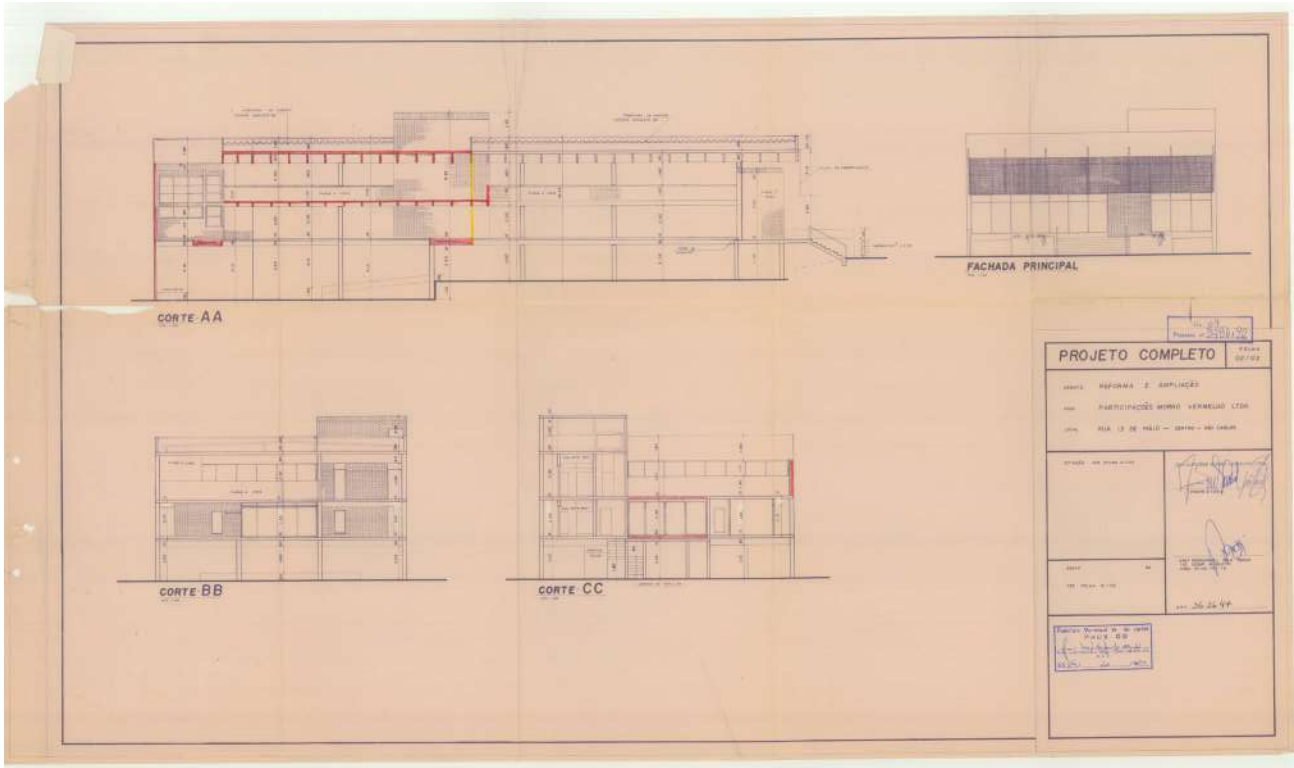
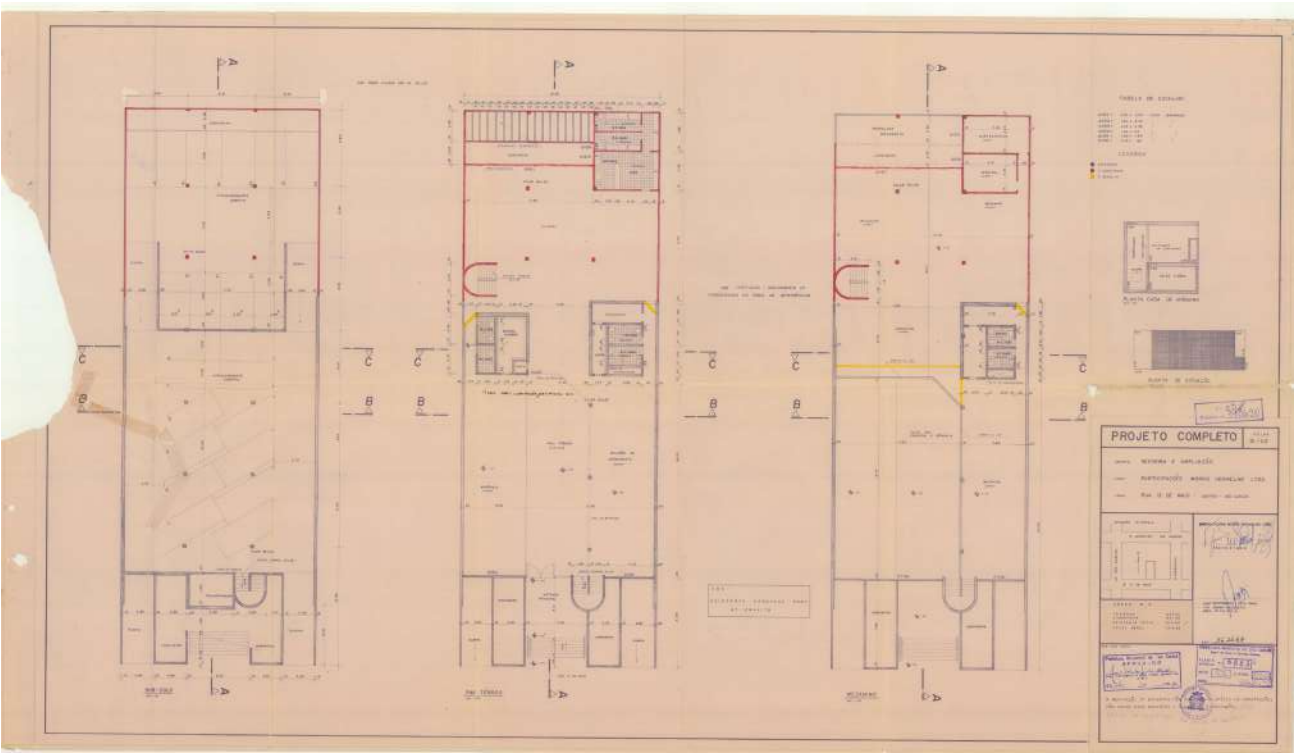


Imagens atuais. Fonte:
Elaborada pela autora

EDIFÍCIO DO BANCO



O edifício está localizado na Rua treze de Maio e encontra-se sem uso. Nele é possível identificar elementos da arquitetura moderna como recuo frontal, uso do concreto, vidro e vazios presentes. O edifício foi construído nos anos 90 e através das plantas obtidas na prefeitura foi possível analisar a estrutura, o layout e os níveis, para assim analisar a possibilidade de incorporar na intervenção. O estudo dos cortes ajudou a entender o terreno e desníveis da edificação.



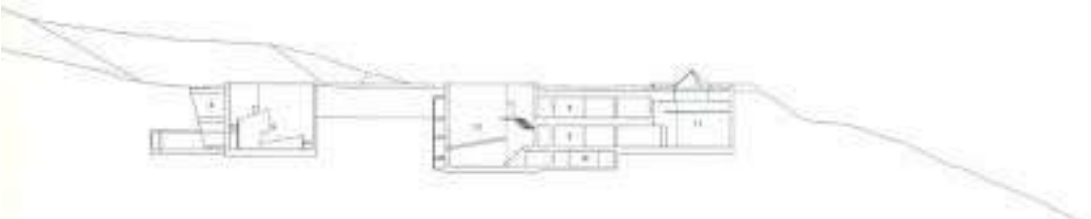
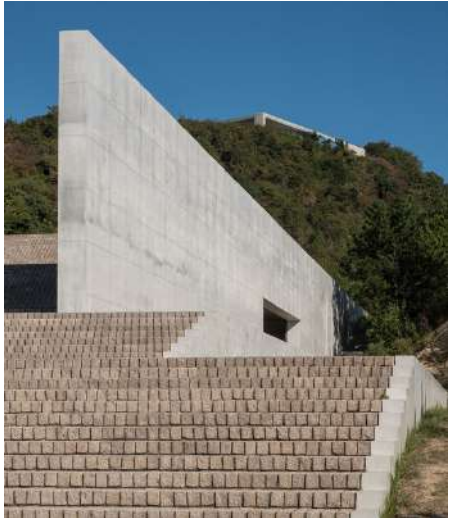
Plantas e Cortes originais.
Fonte: Secretaria de Habitação da Prefeitura de São Carlos (digitalizado pela autora)

referência projetual

REFERÊNCIA PROJETUAL

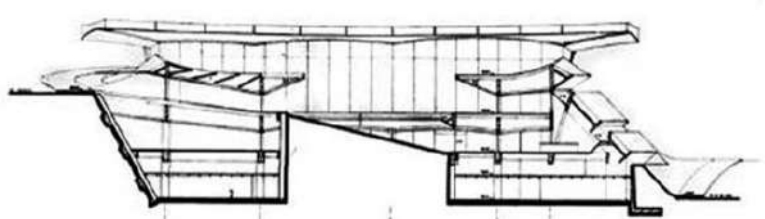
Chichu Art Museum. (dentro da terra)
Tadao Ando. Japão.

Esse projeto é uma referência essencial devido a sua dimensão estética e contemplativa de arte e arquitetura. Os percursos entre as galerias são serenos e introspectivos através do uso de luz, sombra e materialidade. Outro aspecto importante são as programações do museu que incluem ver o pôr do sol, inclusive as aberturas em algumas galerias foram feitas para os visitantes contemplarem o céu e a natureza.



Centro Cultural São Paulo
Eurico Lopes e Luiz Telles

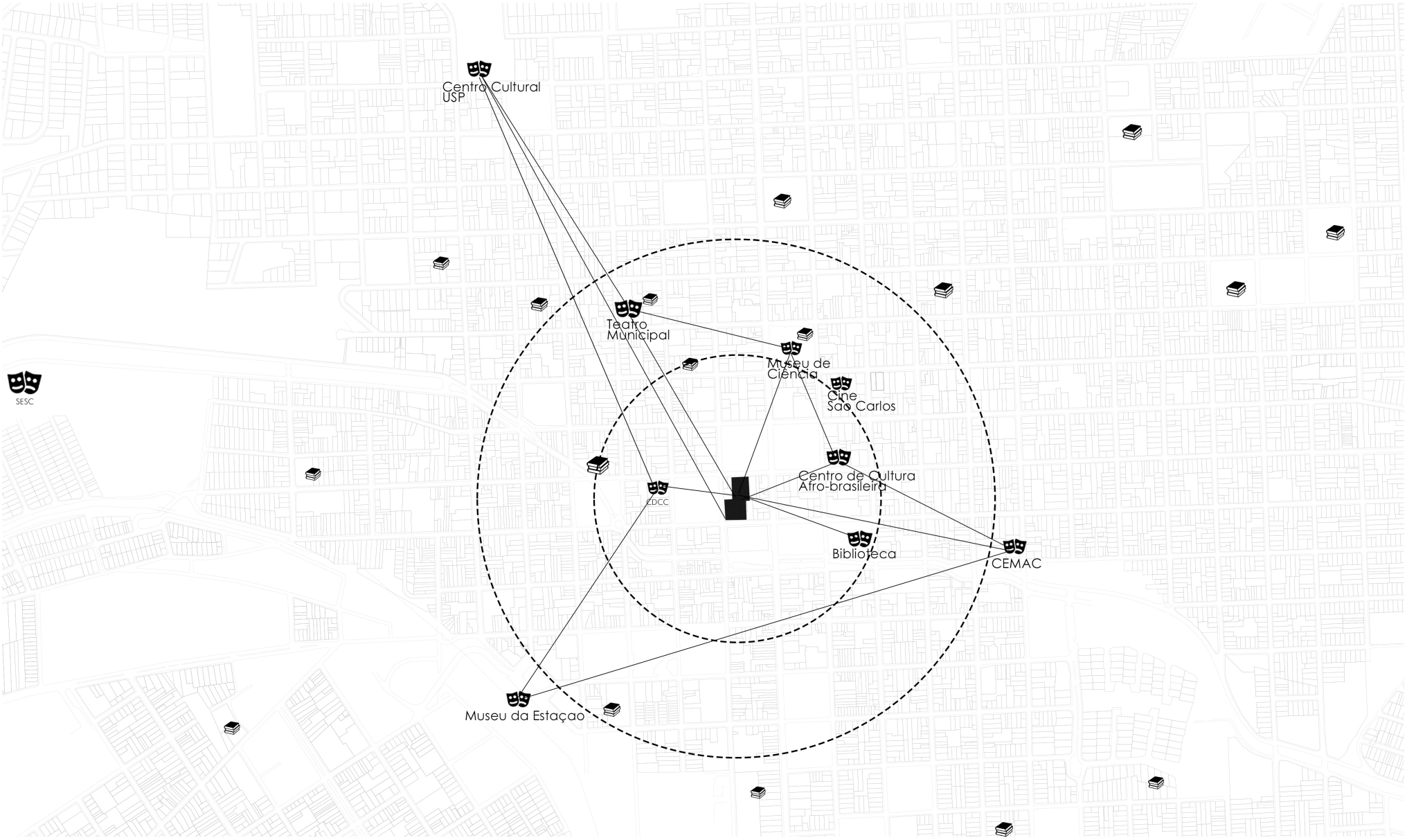
Esse centro cultural é uma referência de possibilidade de construção de um espaço de respiro e paz no meio da cidade. Os jardins em conjunto com amplos espaços livres permitem aos paulistanos esquecer do que acontece ao redor e voltar para si. Literalmente esse espaço é um oásis no meio do caos de São Paulo.



projeto

O PROGRAMA

Através da leitura dos equipamentos culturais existentes na cidade buscou-se entender o programa e as facilidades já propostas por estes locais. Essa leitura não buscou suprir uma carência da região, mas sim uma possibilidade de completariedade e estimular o trabalho em rede de forma, para não propor espaços que já existem e podem ser utilizados em parceria. Diante da presença de auditórios, bibliotecas e salas de multimídia, foi possível contemplar a intervenção com menos espaços “funcionais” e mais voltados para a experiência com arte, o silêncio e a arquitetura. Além disso, os jardins foram cuidadosamente estudados para criar um oásis no centro e levar a contemplação. Um espaço administrativo com oficinas de arte foi criado para dar suporte aos visitantes e aos participantes de oficinas de arte.



centro cultural da usp _Possui pequena sala com exposições, mini auditório e observatório com palestras sobre sistema solar;

museu da estação_História expositiva, acervo, espaço de lazer.

museu da ciência_Possui espaço expositivo e interativo de ciência. Auditório para 56 lugares e 1 sala de aula.

sesc_amplo espaço de convívio, exposições e diversas oficinas e cursos. Conta com teatro, auditório, salas multimídia, biblioteca.

teatro municipal_capacidade 300 pessoas + teatro de arena.

cemac_Não possui edifício voltado para seu fim . Oferece diversas oficinas culturais. Espaço com sala multimídia, audio visual, palco pequeno para apresentações. Trabalha em parceria com o centro da juventude.

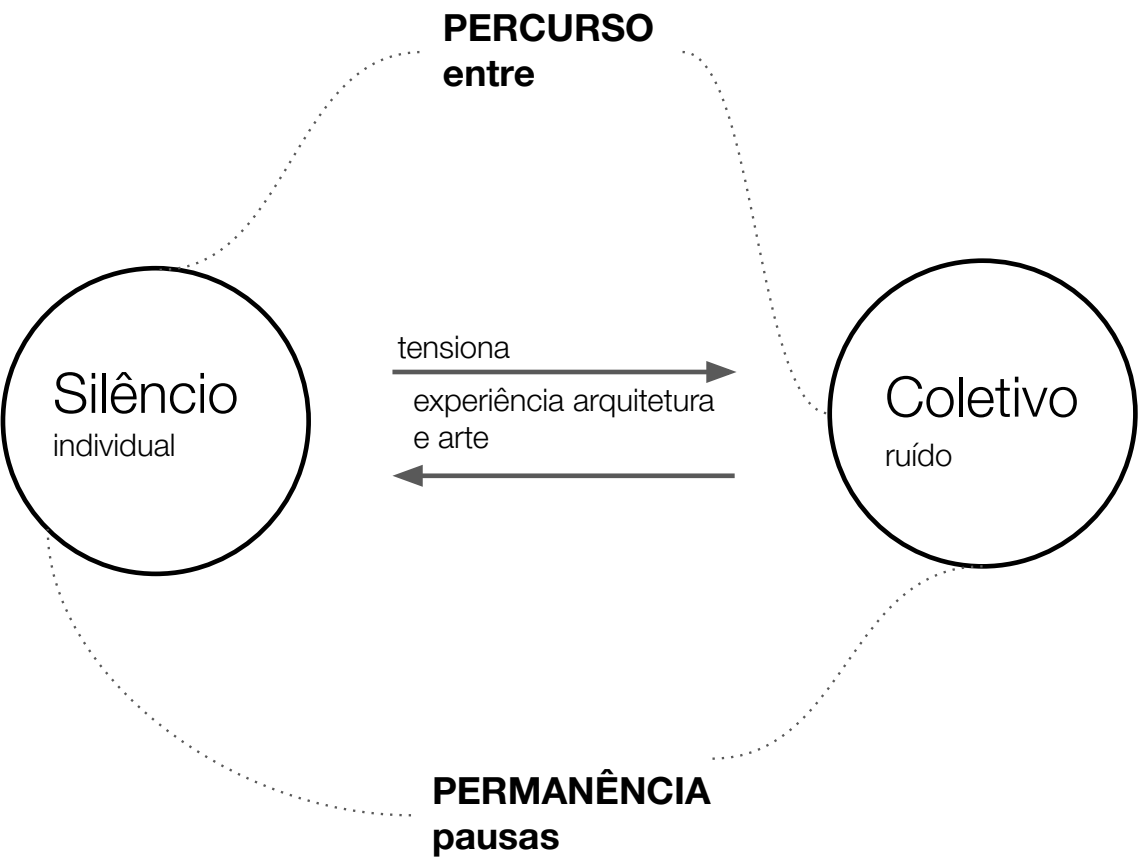
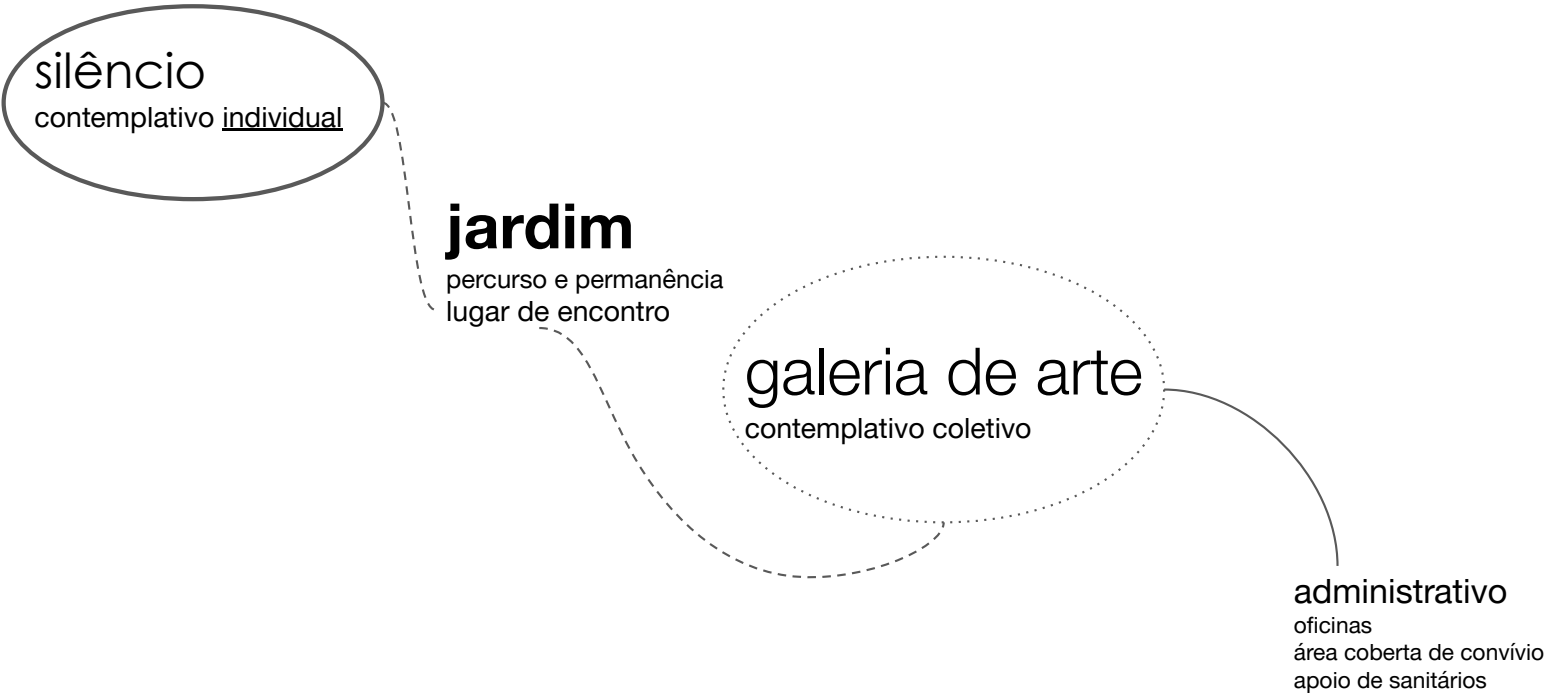
cdcc_Possui espaço de exposição, biblioteca, sala multimídia e de estudos. Oferece visita guiada e experimentações científicas para alunos, assim como plantão de dúvidas de matemática. Aos sábados sessões de cinema.

Mapa dos edifícios culturais e área de intervenção. Fonte: elaborado pela autora

CONCEITO DO PROGRAMA

Diante da proposta e do programa estabelecido, um conceito foi criado para nortear o desenvolvimento do projeto. Dessa forma, busca-se estabelecer relações de transição entre o ruído da cidade e o interior da quadra, assim como com o silêncio da galeria. Onde a relação entre o espaço coletivo com ruído tensione e estimule o espaço individual e com silêncio e vice-versa. Outro conceito em relação ao programa foi entre o espaço e a localização dos mesmos estabelecidos com a quadra. Em uma transição de ruídos externos ao interno calmo.

Diagramas do programa. Fonte: elaborado pela autora



CROQUIS E DIRETRIZES DO PRIMEIRO ESTUDO DE PROJETO

Em um primeiro momento a intervenção não só pretendeu aproveitar a estrutura construída, mas também fazer um diálogo coerente entre pré-existência e o novo. Inicialmente a casa histórica seria restaurada e o edifício do banco teria um retrofit para servir de apoio administrativo. Juntamente com essa estrutura na área do estacionamento existiria uma nova edificação que seria a conexão entre a rua e o miolo de quadra. Já no local do edifício demolido um espaço voltado para oficinas e exposições seria também construído. Esses espaços seriam transições para adentrar o miolo e chegar ao espaço de convívio e ao de silêncio. Através da implantação e dos croquis é possível observar a volumetria e intenção de projeto.

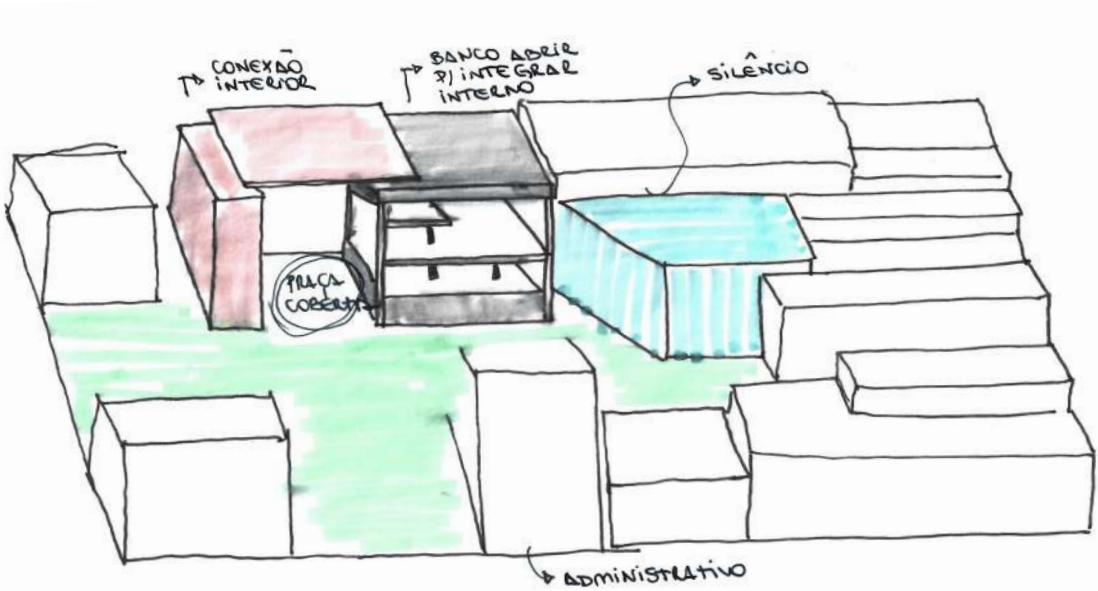
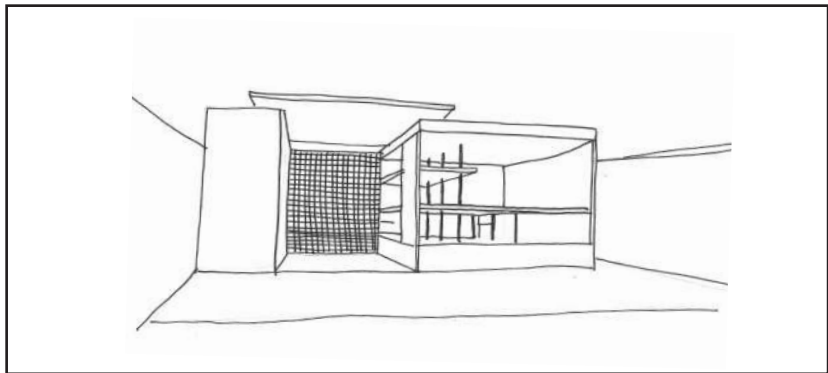
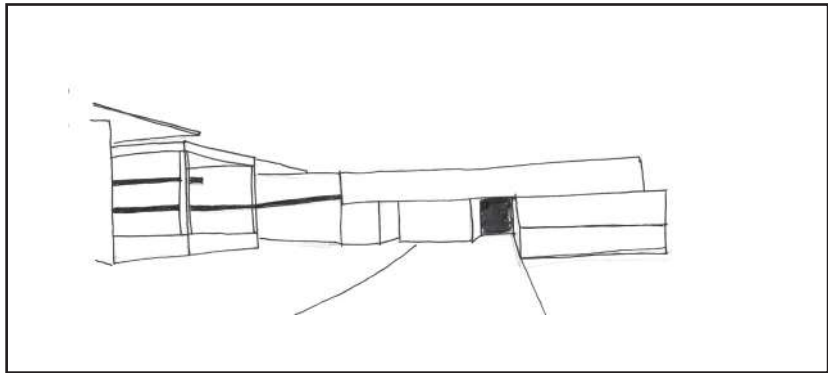
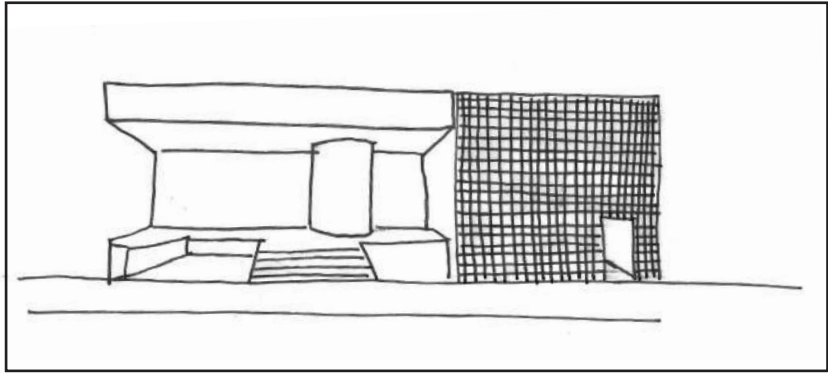
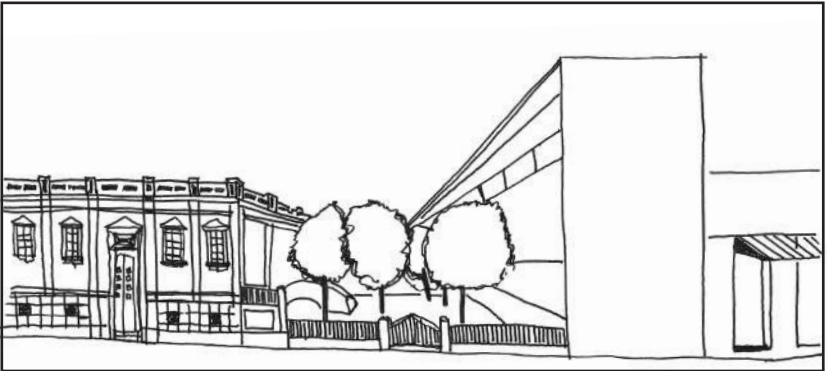
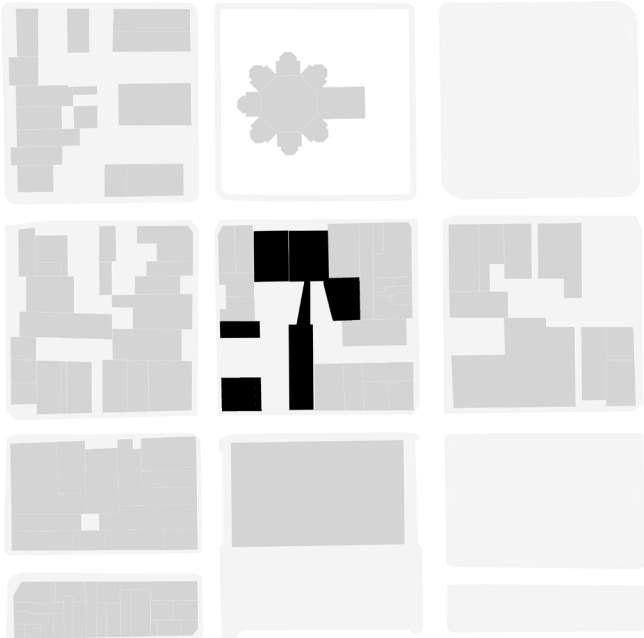
_conexão e valorização visual da entrada via a casa histórica;

_valorização da casa histórica mediante afastamento do novo volume construído, mantendo apenas mesmo alinhamento frontal.

_novo volume na rua 13 de maio não ultrapassar a altura dos demais edifícios da quadra e seguir alinhamento com o edifício do banco, assim estabelecendo conexão direta com essa temporalidade;

_conexão de circulação entre os novos edifícios;

_construção no limite das edificações a fim de criar um espaço interno desconectado com o barulho da cidade.



Acima: Implantação na quadra de intervenção. Fonte: Elaborado pela autora

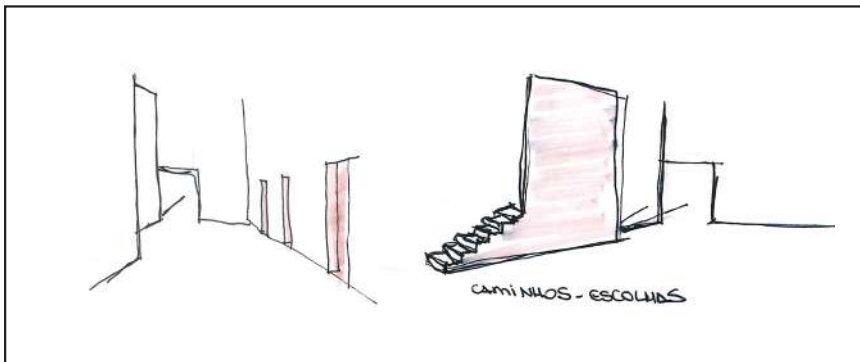
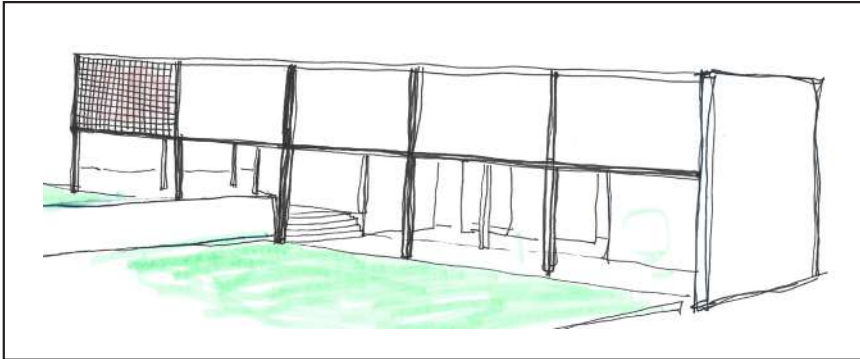
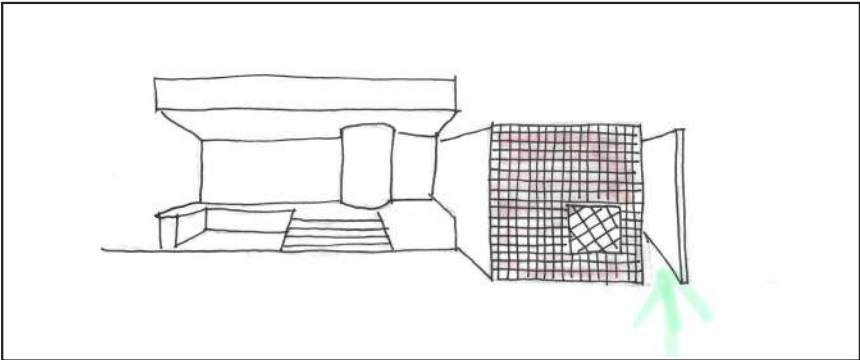
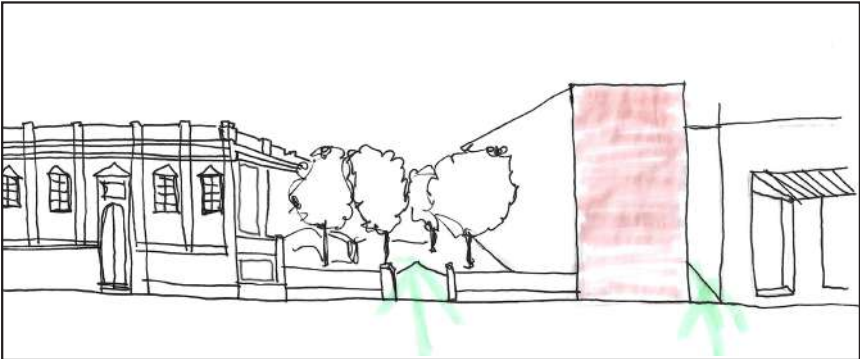
Ao lado: Croquis digitalizados. Fonte: elaborado pela autora

CROQUIS DO SEGUNDO
ESTUDO DE PROJETO

Durante o desenvolvimento do projeto foi possível perceber que as intenções iniciais não estavam sendo contempladas devido a volumetria escolhida. O espaço do silêncio estava confinado e sem percurso e mistério ao adentrar. A praça interna coberta conectada a um edifício funcional não proporcionava a experiência arquitetônica pretendida. Portanto novos estudos foram realizados e optou-se por criar percursos independentes dos edifícios com entradas pelas quatro ruas que circundam a quadra para o interior da proposta.

Outra decisão importante foi não conectar o espaço ao edifício do banco e também fechar as edificações de forma a criar diferentes vivências.

Dessa forma, abriu-se uma passagem da galeria para a praça e a mesma foi fechada com diversos caminhos e salas para entrar em contato com a arte. Já o espaço do silêncio ficou isolado no centro de forma a gerar novos percursos circundantes. A implantação final pode ser observada na próxima página



Ao lado: Croquis digitalizados. Fonte: elaborado pela autora

Implantação

5m

10m

25m

1. Praça interna
2. Galeria de arte
3. Espaço do silêncio
4. Administrativo e oficinas

RUA TREZE DE MAIO

RUA EPISCOPAL

AV. SÃO CARLOS

RUA JESUÍNO DE ARRUDA

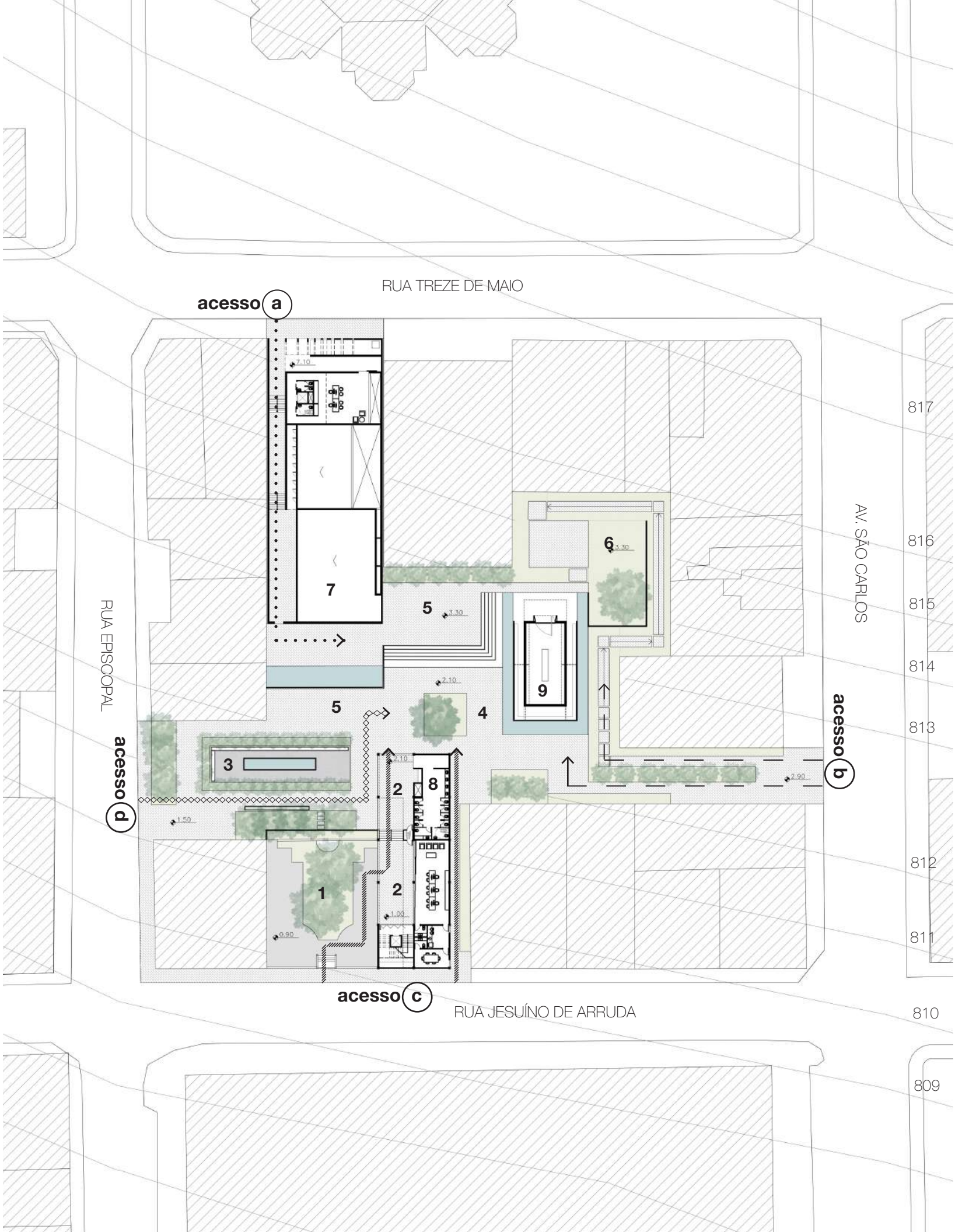
PROJETO

O projeto priorizou o acesso direto ao interior da quadra pelas quatro ruas de forma a não precisar passar pelos edifícios. Outro ponto importante é que a travessia não é direta, todos os percursos são quebrados para criarem momentos de parada e desaceleramento. Dessa forma, os percursos são transposições do urbano para o refrigério interno da quadra. Cada entrada possui uma experiência poética de caminhada, ora mediada pelo peso da parede, ora pela vegetação que te abraça. Em todas elas existe a intenção de romper o ritmo cotidiano e que o percurso seja um propulsor de novas experiências.

Dessa forma, os jardins da praça foram concebidos a fim de criarem percursos e permanências, em que cada espaço se revela ao adentrar. A água é um elemento importante incorporado no projeto atraves de uma fonte e espelhos d’água. Além da função de conforto térmico, a água é um elemento contemplativo que provoca emocoos nos visitantes.

Implantação

- 1. Jd. Nostálgico
- 2. Área livre coberta
- 3. Jd Contemplativo
- 4. Ponto de Encontro
- 5. Praça interna
- 6. Jd. do descanso
- 7. Galeria de arte
- 8. Admnistrativo e oficinas
- 9. Espaço do silêncio



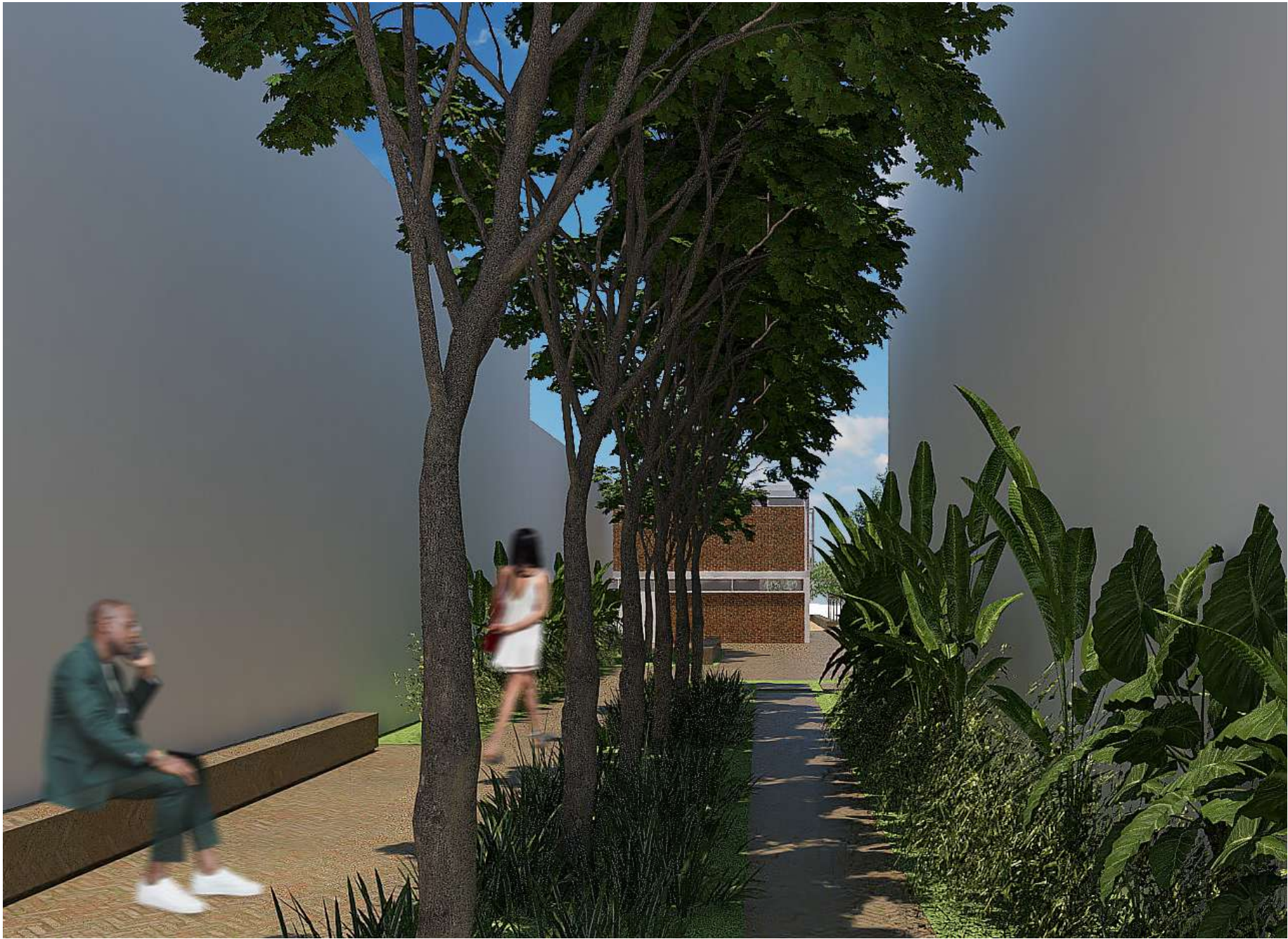




passagem pela entrada da galeria



chegada ao interior da quadra via galeria

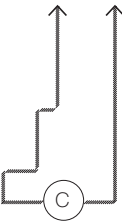


caminhos que levam ao jardim de descanso ou ao ponto de encontro

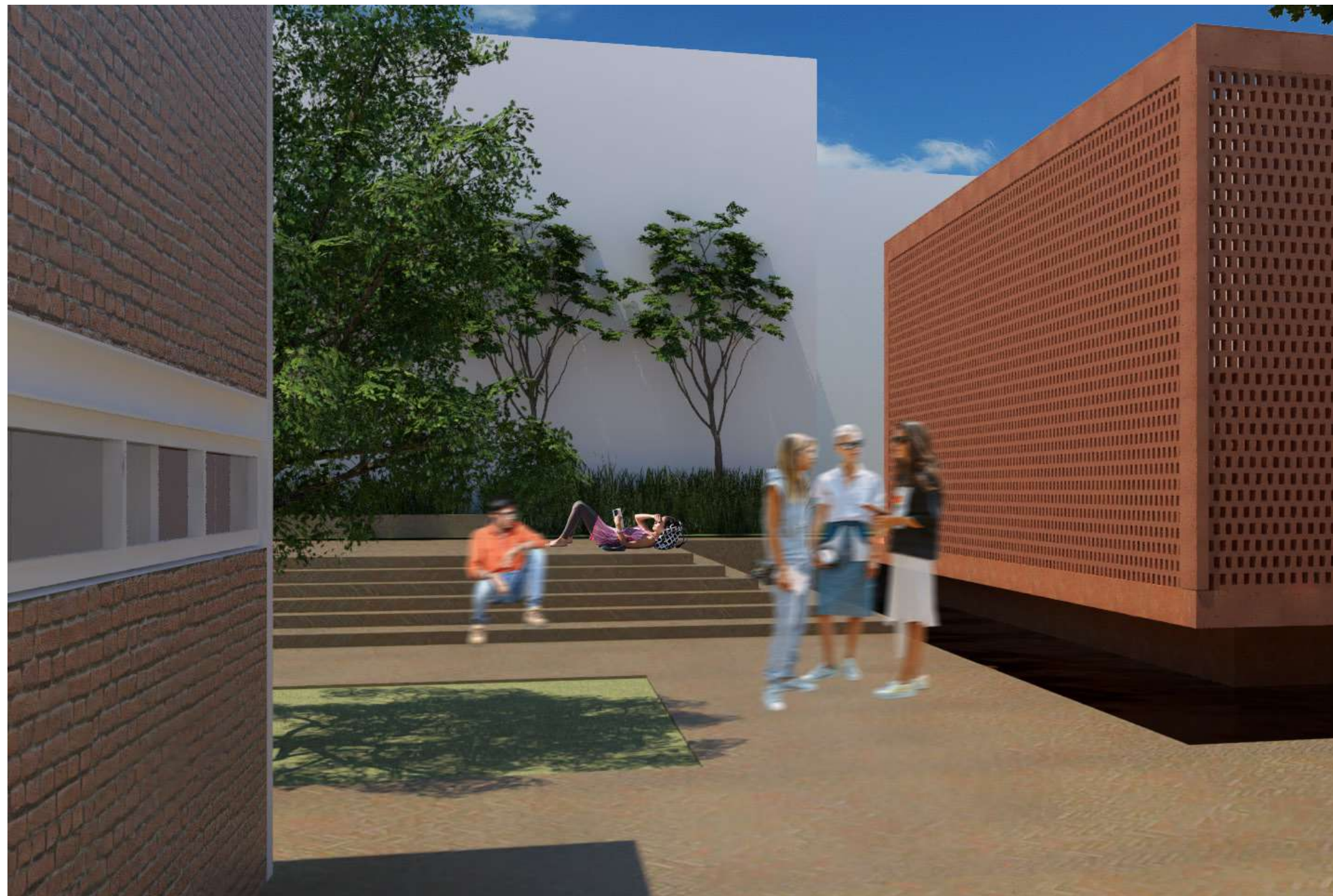


chegada no espaço do silêncio e escadaria ponto de encontro +
caminho que leva ao jardim de descanso ou ao ponto de encontro

Acesso c_ rua jesuíno de arruda



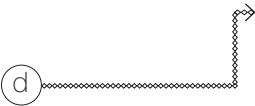
fachada principal do acesso com entrada pelo jardim nostálgico e pela lateral do administrativo



acesso pela lateral do administrativo. aceso c

Acesso d_ rua episcopal

jardim de descompressão e percurso para centro da quadra



jardim de descompressão e praça interna integrada ao espaço administrativo



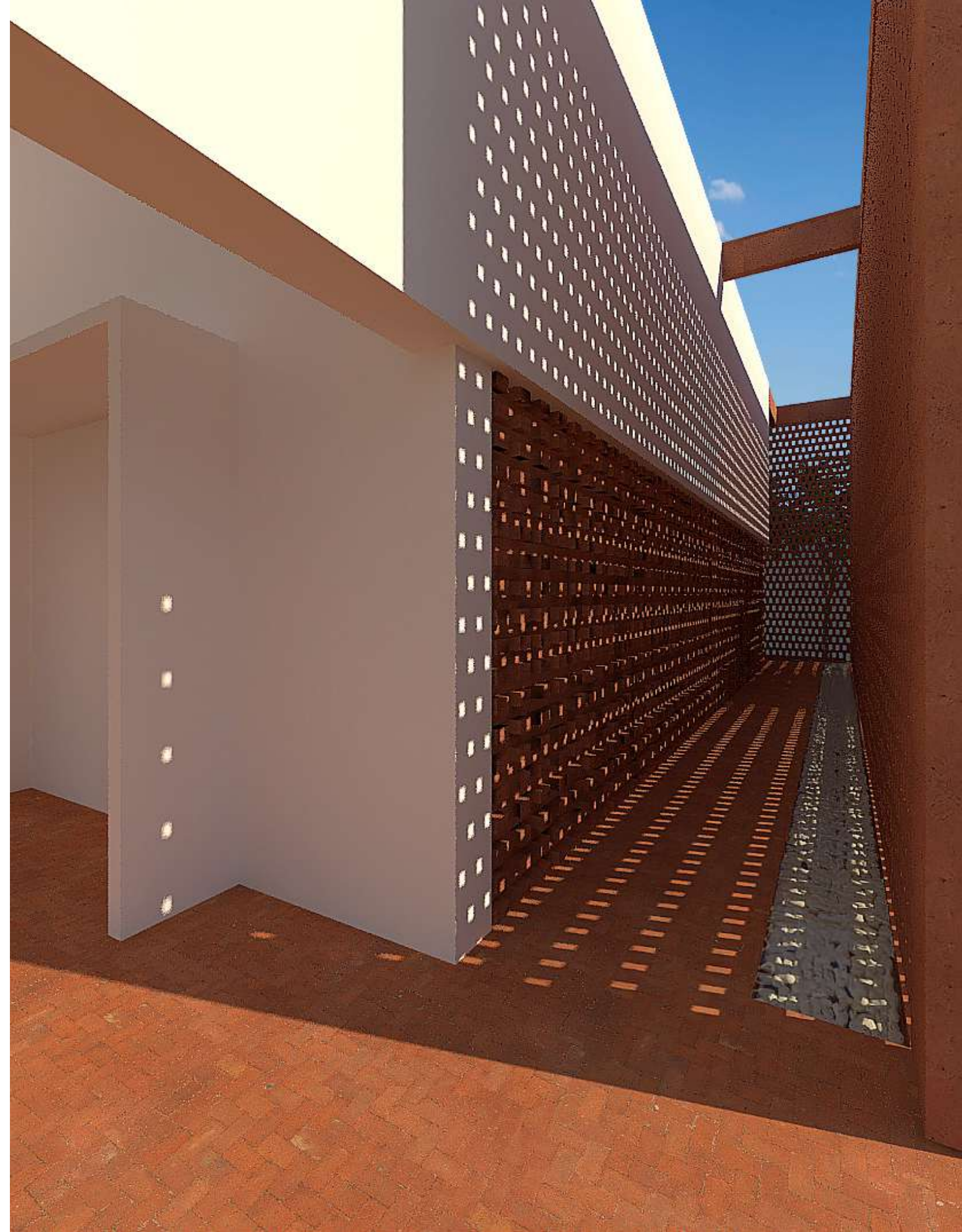
espaço
do silêncio

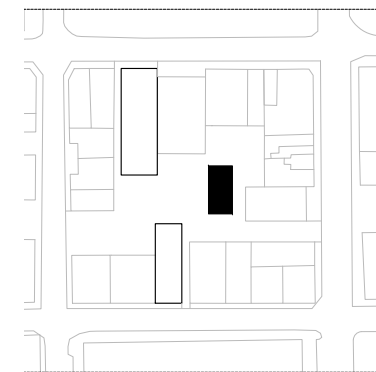
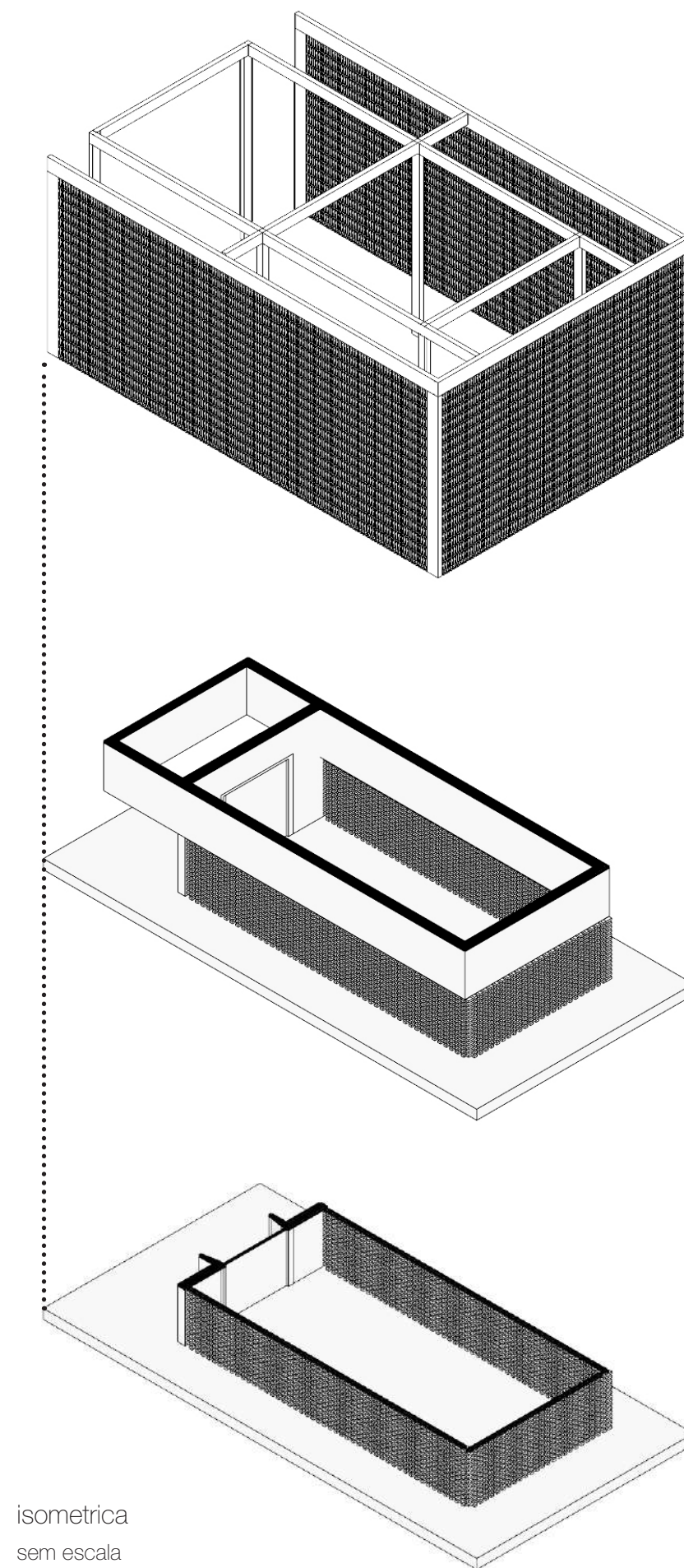
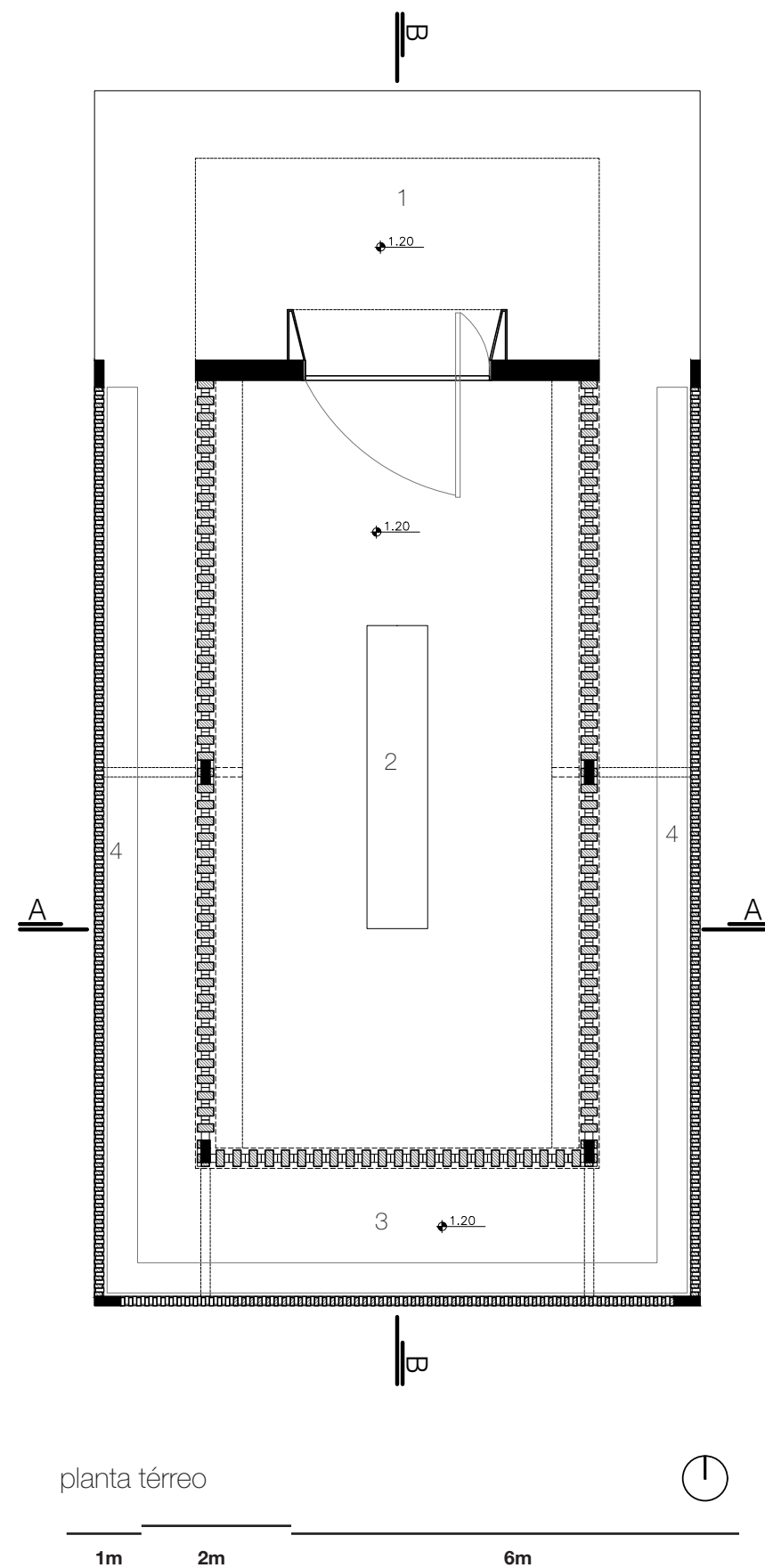
ENVOLTÓRIO

O espaço do silêncio foi idealizado para estimular momentos de quietude e reflexão, assim como a imaginação e emoções do visitante. O envoltório do espaço principal induz a uma caminhada entre a materialidade do tijolo vazado e a luz que adentra e encanta. Essa experiência pode ser enriquecida pelo caminhar nos seixos com água, o que ativa a circulação e proporciona bem-estar. Essa proposta está alinhada com o pensamento do Pallasmaa, pois o mesmo afirma que a arquitetura precisa ir além da funcionalidade e manter seus segredos e mistérios.

O espaço interno é liso e rugoso. O tijolo aquece, pesa na base, como terra, origem e estrutura. Já o liso da pintura branca eleva o olhar a luz que adentra e assim é possível contemplar o céu, atividade esquecida na correria cotidiana. O estudo dos efeitos da luz e sombra foi condicionar o rasgo na laje para a cada momento do dia e ano uma nova sensação ser percebida. Por todo o espaço uma dimensão contemplativa foi priorizada, assim como a simplicidade das formas e materiais. Este aspecto vem contrapor a vida contemporânea onde tudo é dado e imediato, sem imaginação e mistério, conforme afirma o filósofo coreano.

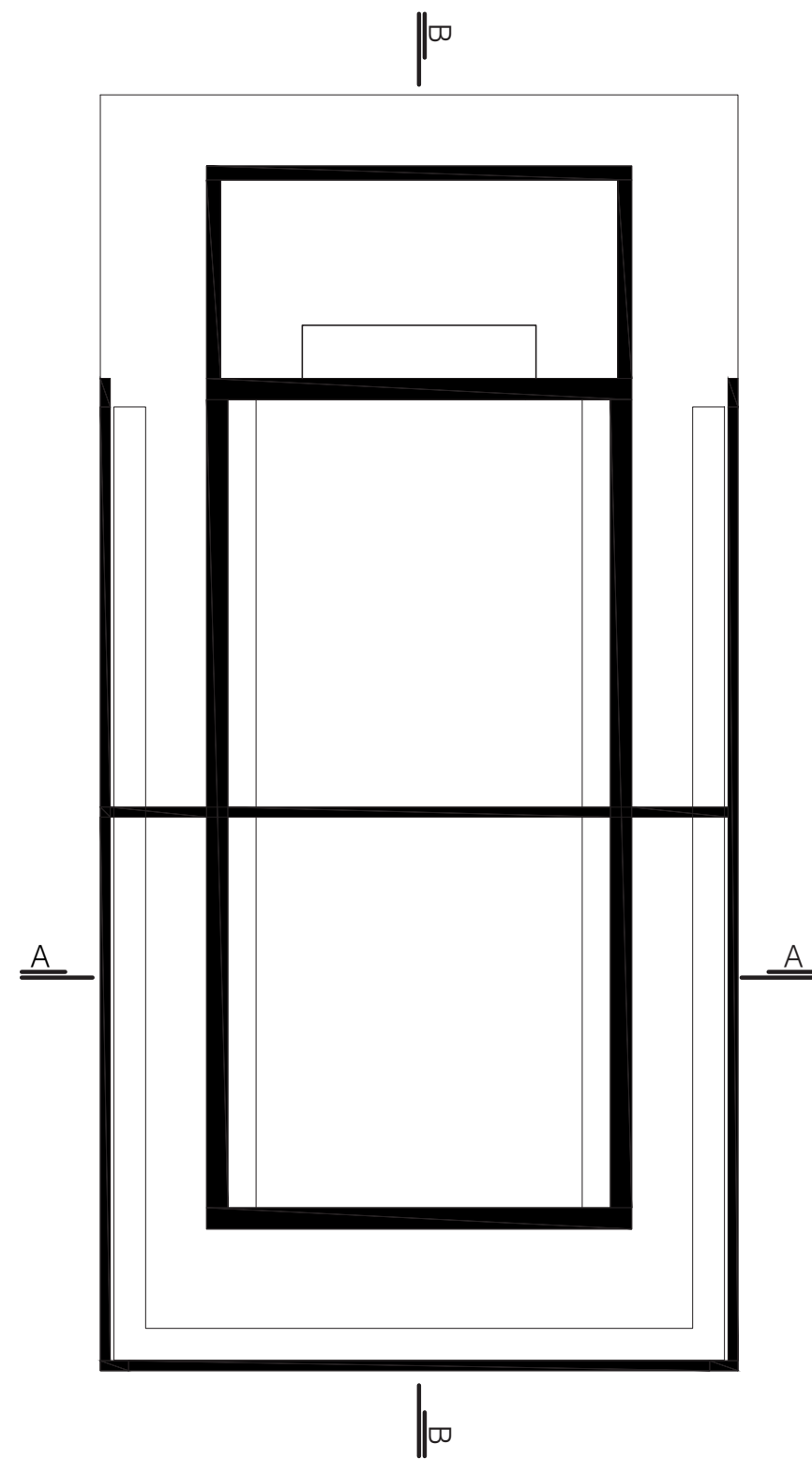
Além disso, priorizou a ventilação natural no espaço e o conforto térmico dos usuários. A pele de tijolo filtra o sol forte, ao mesmo tempo que o tijolo vazado permite a entrada de ar e proporciona ambiente mais fresco. A abertura na laje permite a saída do ar quente.





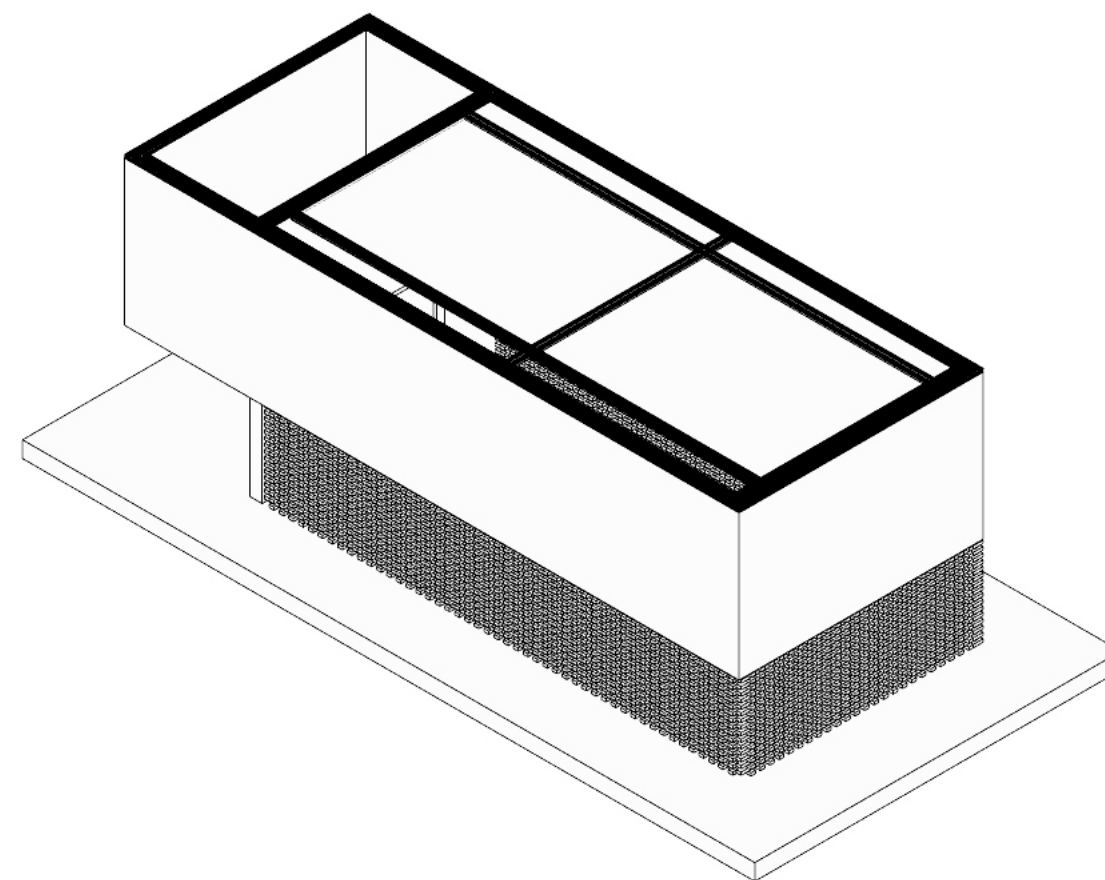
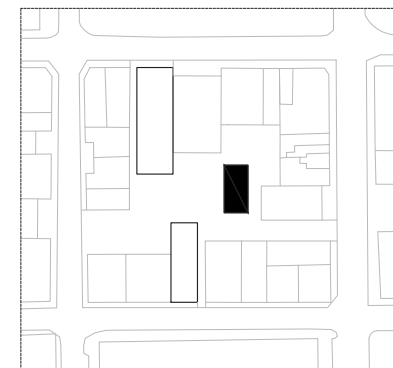
1. Hall externo
2. Espaço do silêncio
3. Circulação externa
4. Caminhada nos seixos
com água



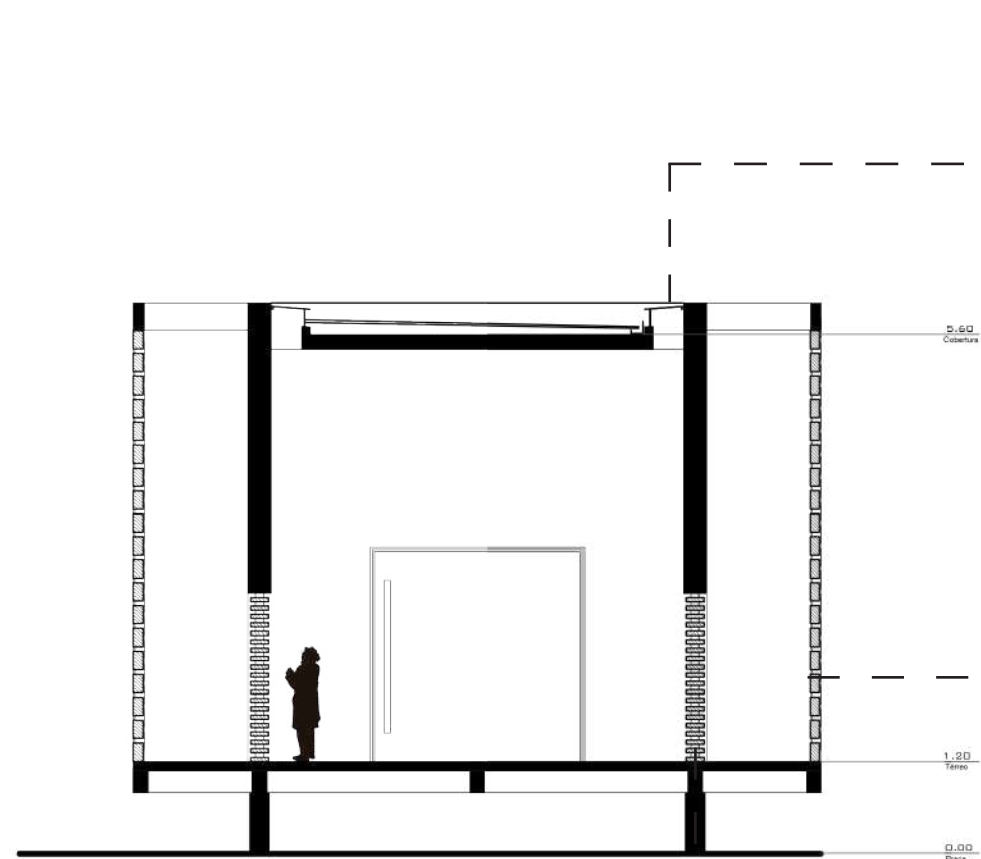


planta seção na laje

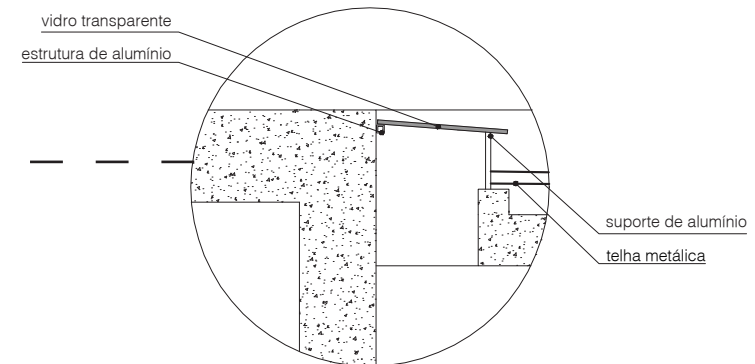
1m 2m 6m



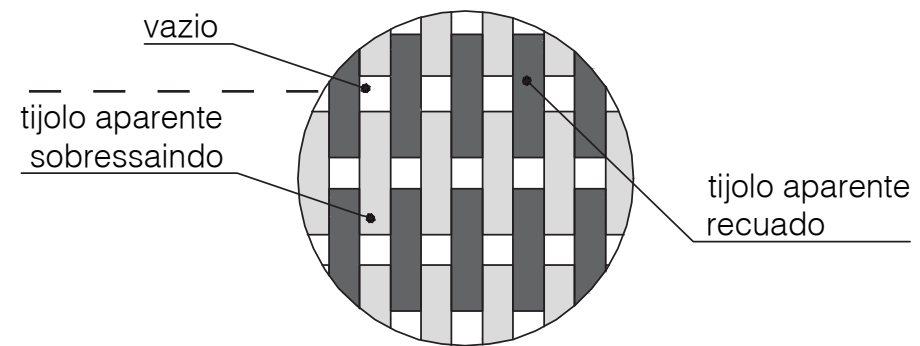
isometrica
sem escala



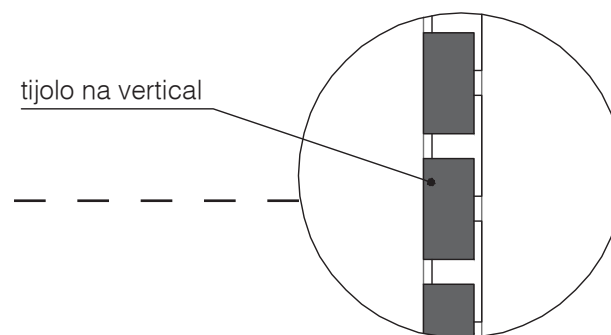
corte AA



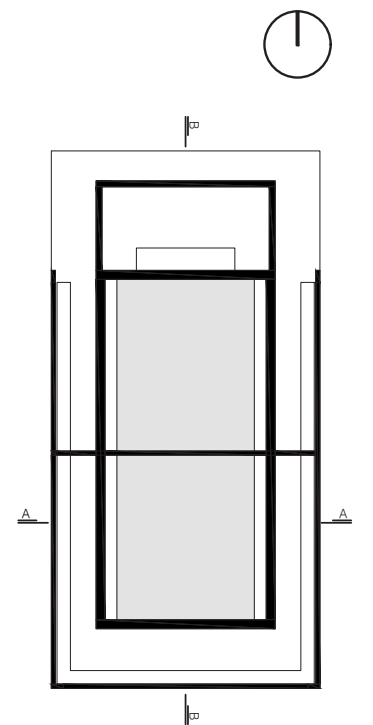
detalhe cobertura do rasgo na laje
sem escala

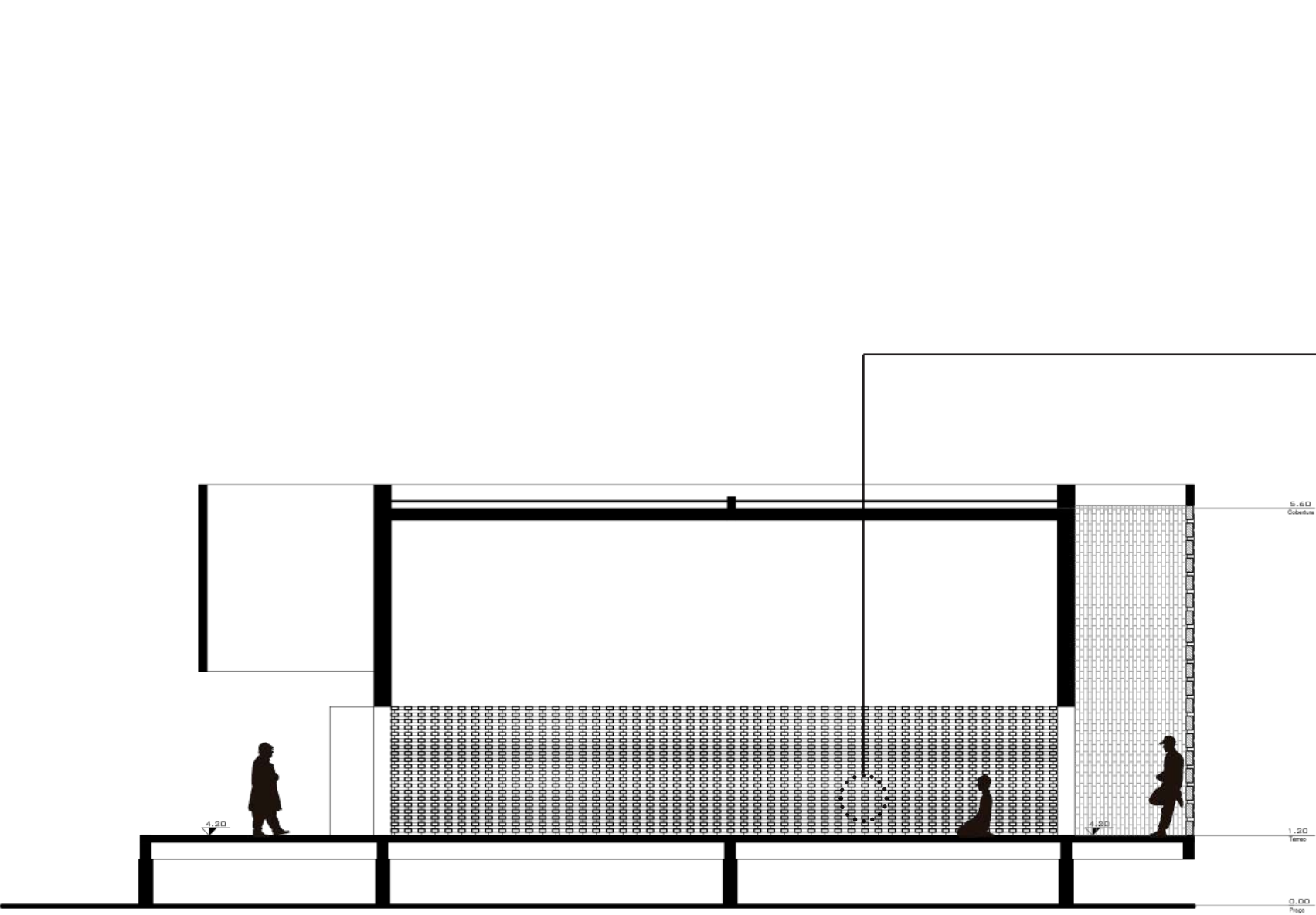


detalhe amarração tijolo
sem escala

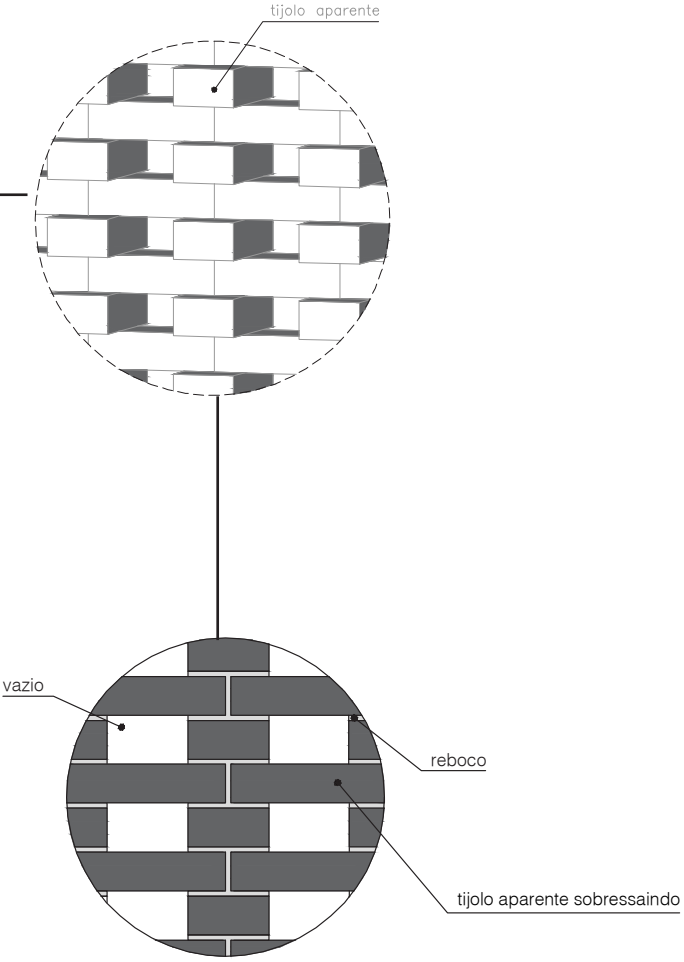


detalhe amarração tijolo
sem escala

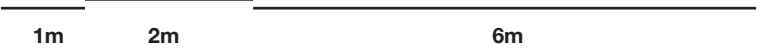
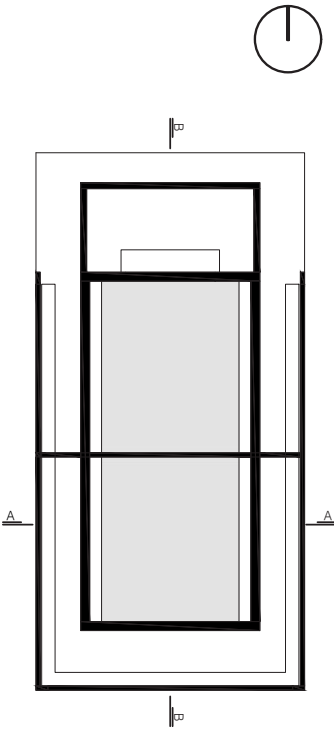




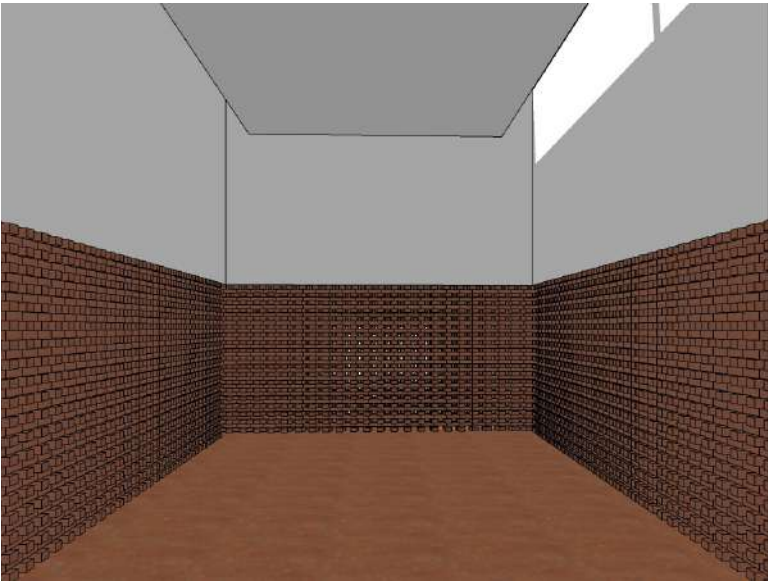
corte BB



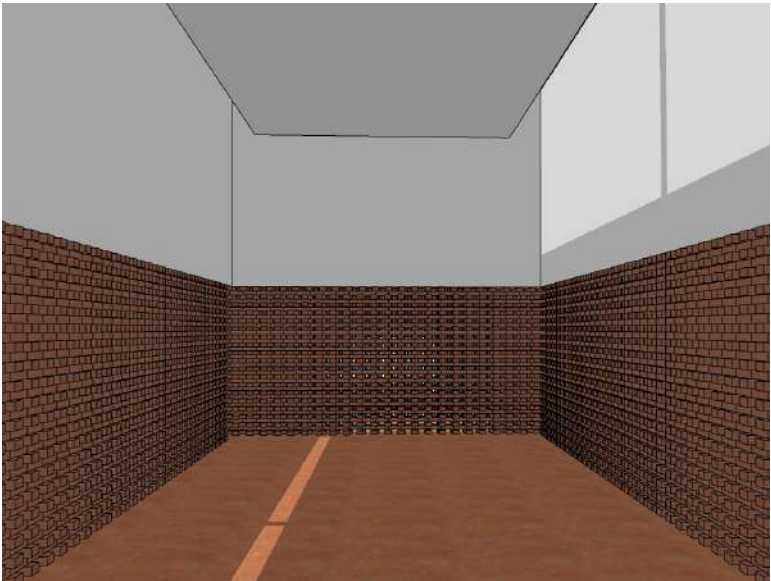
detalhe amarração tijolo
sem escala



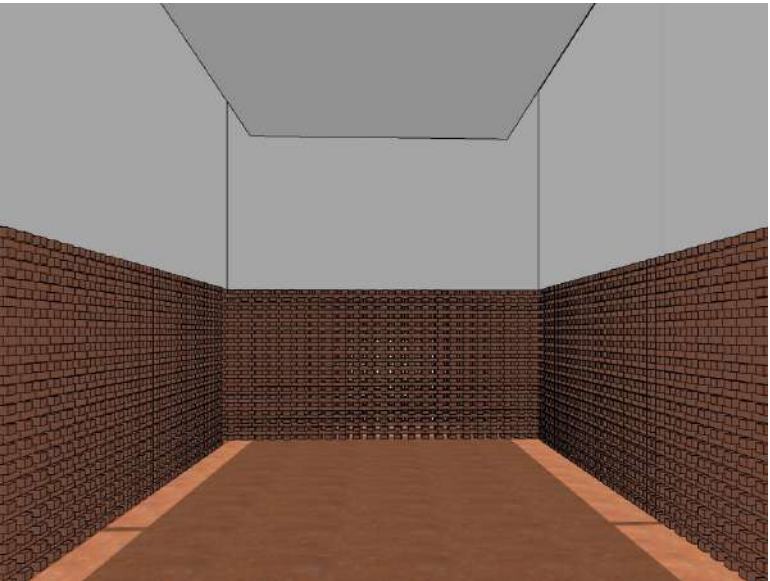
solcistico de verão 22.12.23



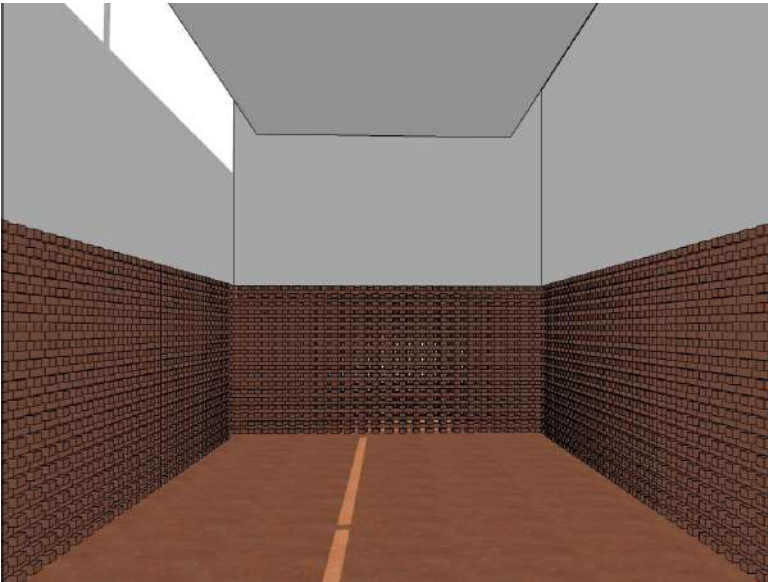
9hs



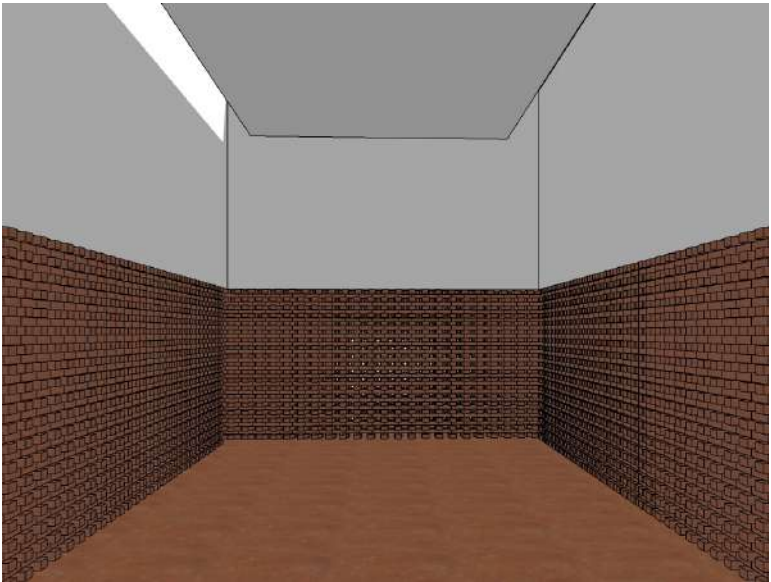
11hs



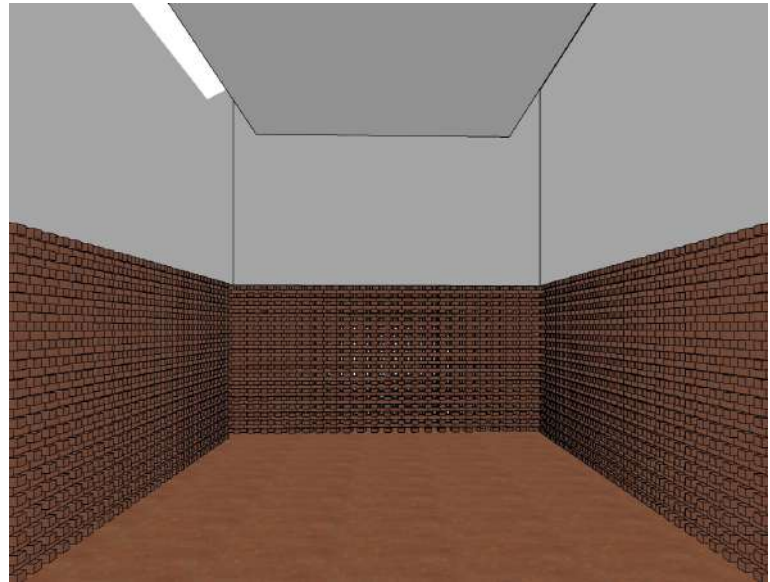
12hs



14hs

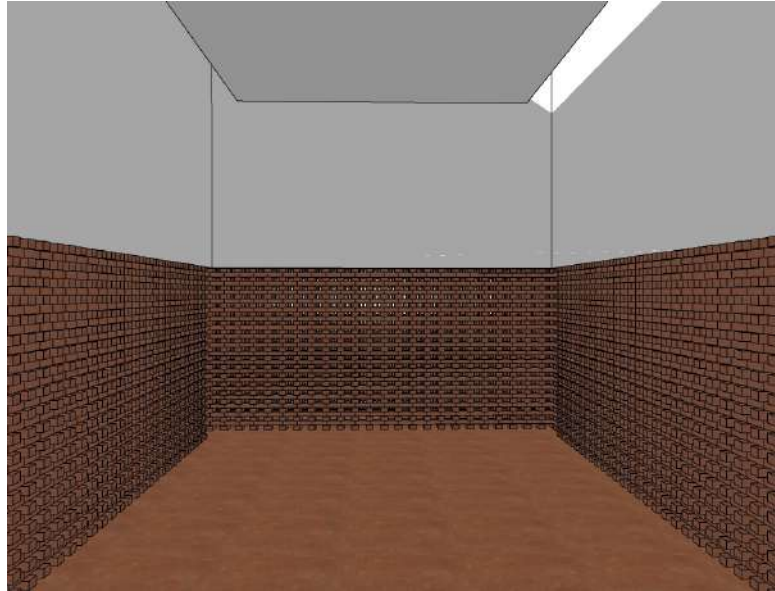


16hs

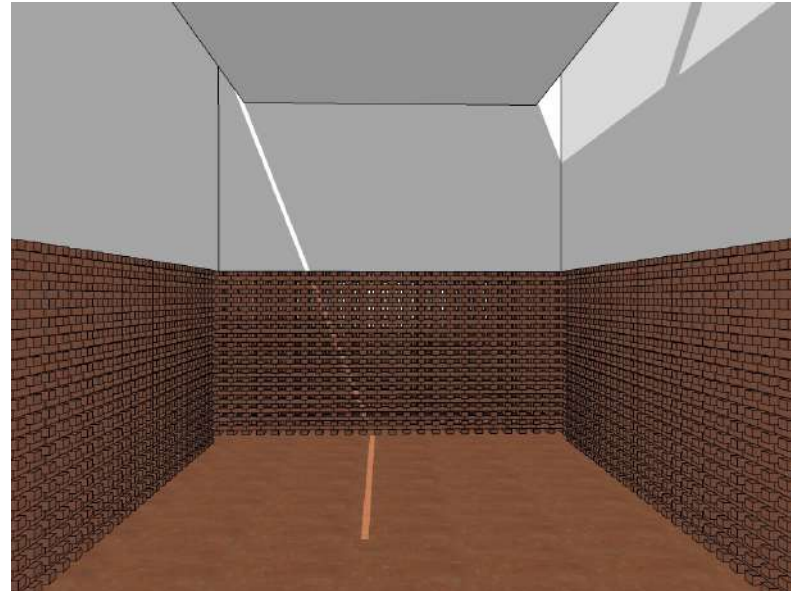


18hs

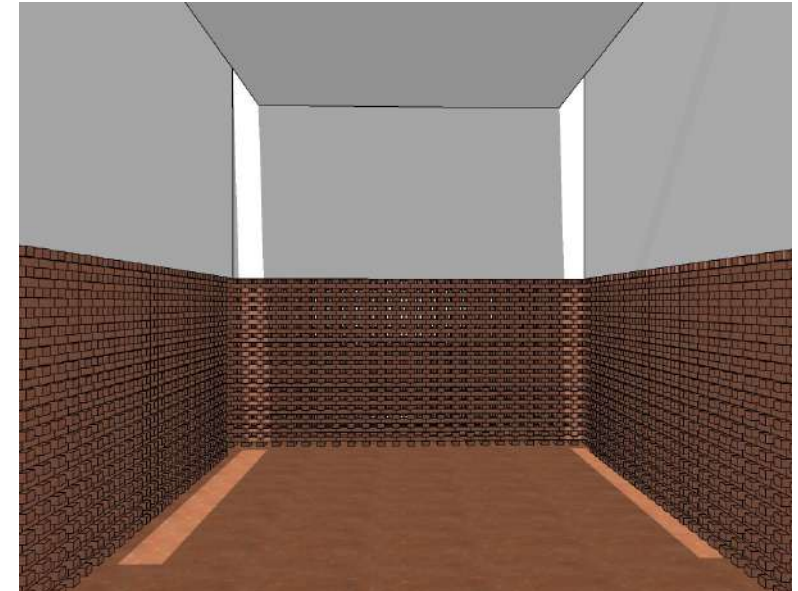
solcistico inverno 20.06.23



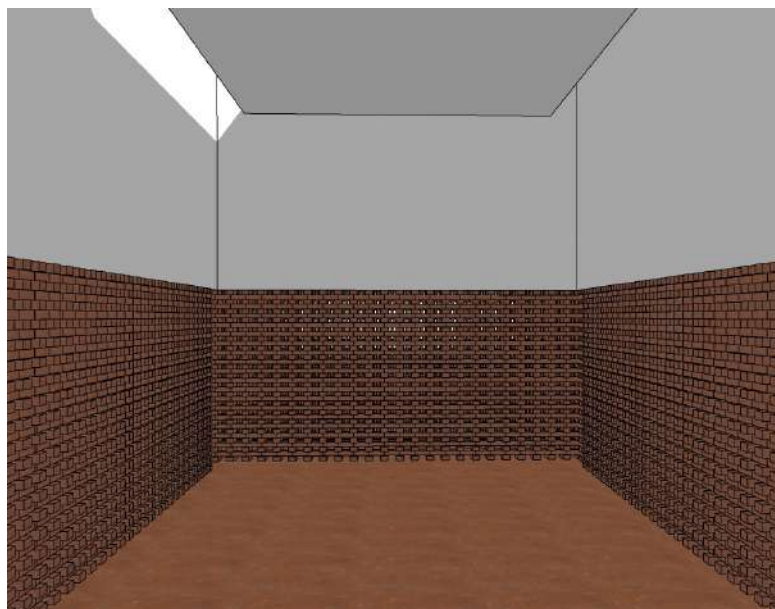
9hs



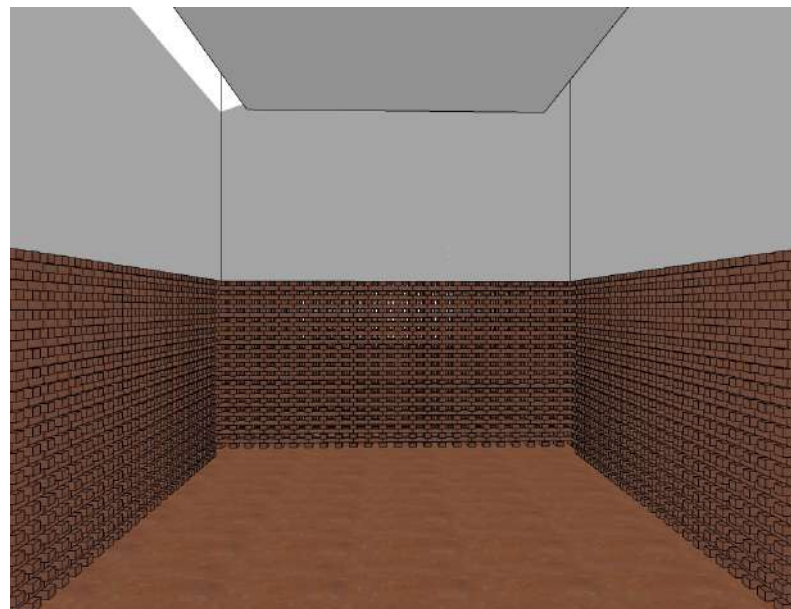
11hs



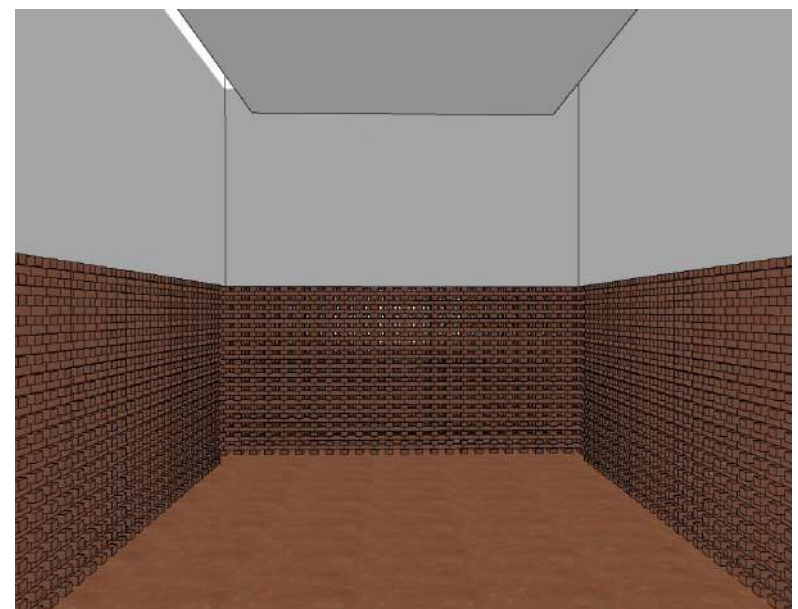
12hs



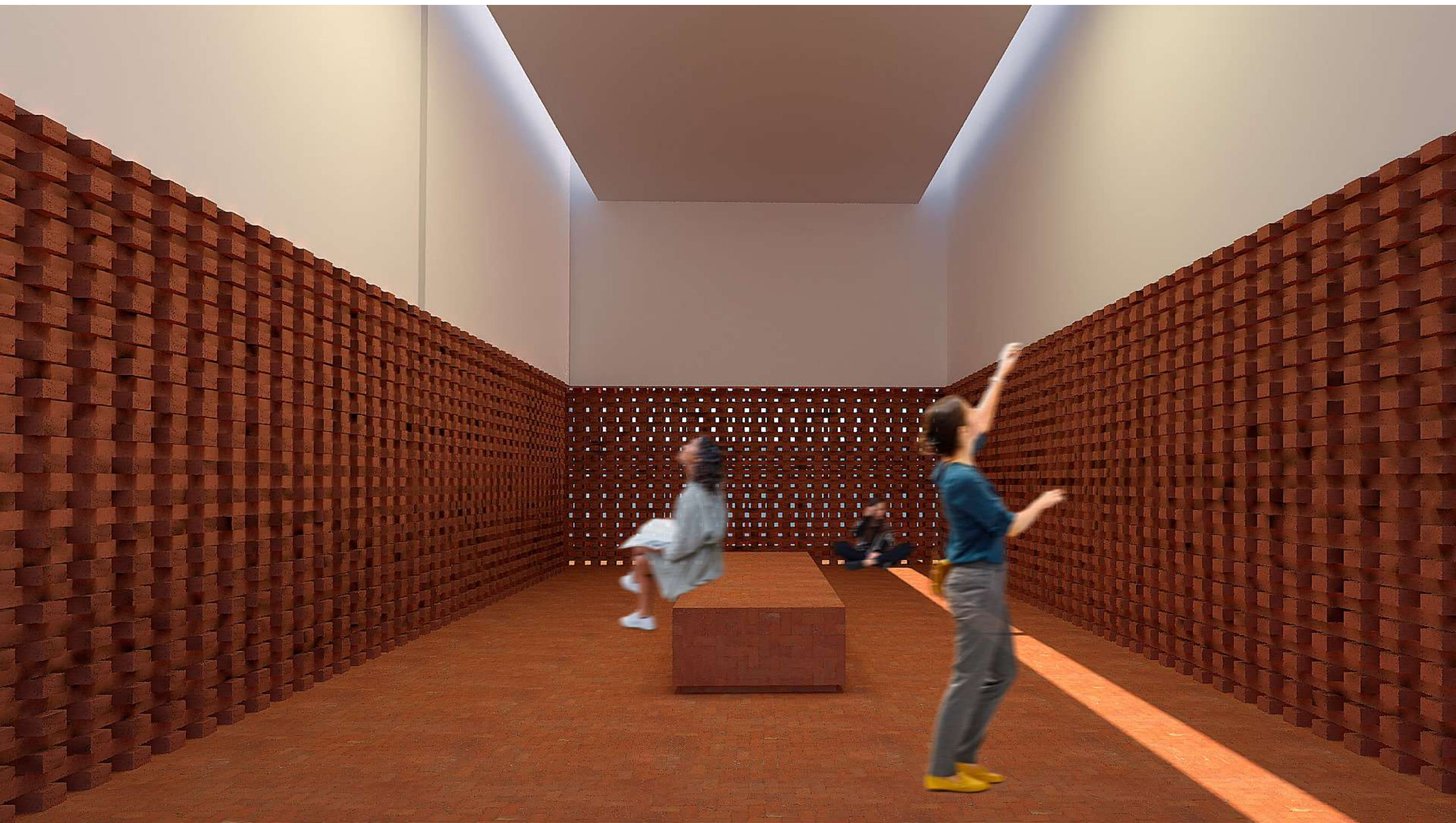
14hs



16hs



17hs



galeria de arte

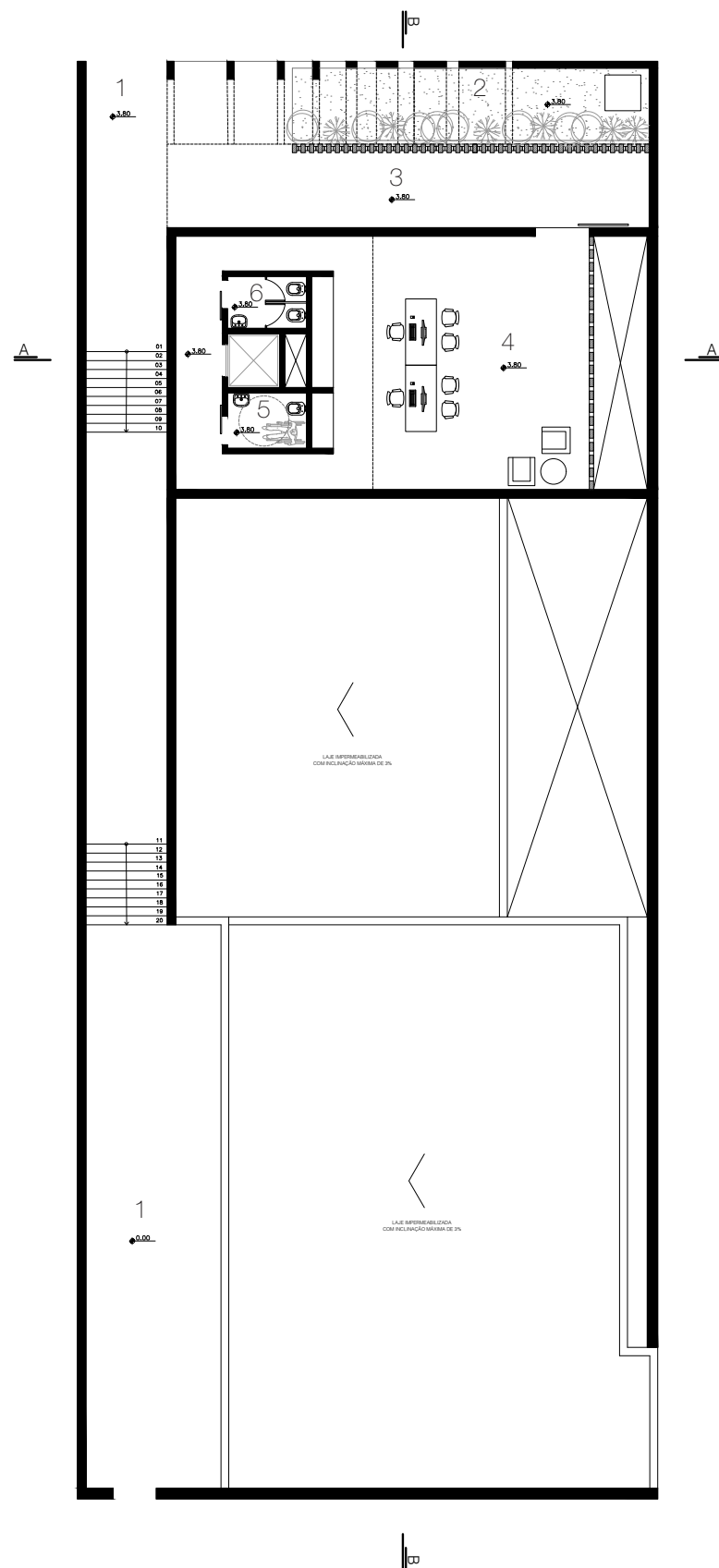
GALERIA DE ARTE

O edifício da galeria foi concebido para o visitante vivenciar o silêncio e o belo através da contemplação de objetos de arte. Em suas duas fachadas ele se impõe de forma austera através do poder mais elementar das paredes: o de fechar e separar um lugar do outro. Dessa forma, e sem janelas imediatas, o edifício diz que o mundo exterior não importa nesse momento.

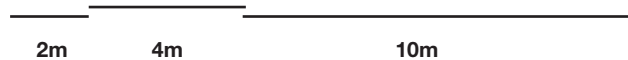
A todo momento ele convida a adentrar e descobrir uma nova experiência diferente da cidade. Os caminhos não são imediatos e óbvios, em várias ocasiões a dúvida se deve passar é colocada. O espaço fragmentado foi concebido para proporcionar diferentes possibilidades de descoberta da exposição artística.

Além disso, ele é um propulsor de circuitos que parecem um labirinto de escolhas que se impõem através do peso das paredes. O uso do tijolo é base para a construção, identificado em elementos vazados, na parede de tijolo aparente e na rebocada. O piso de tijolos da calçada dá um caminho para o interior da quadra e separação da circulação externa da interna.

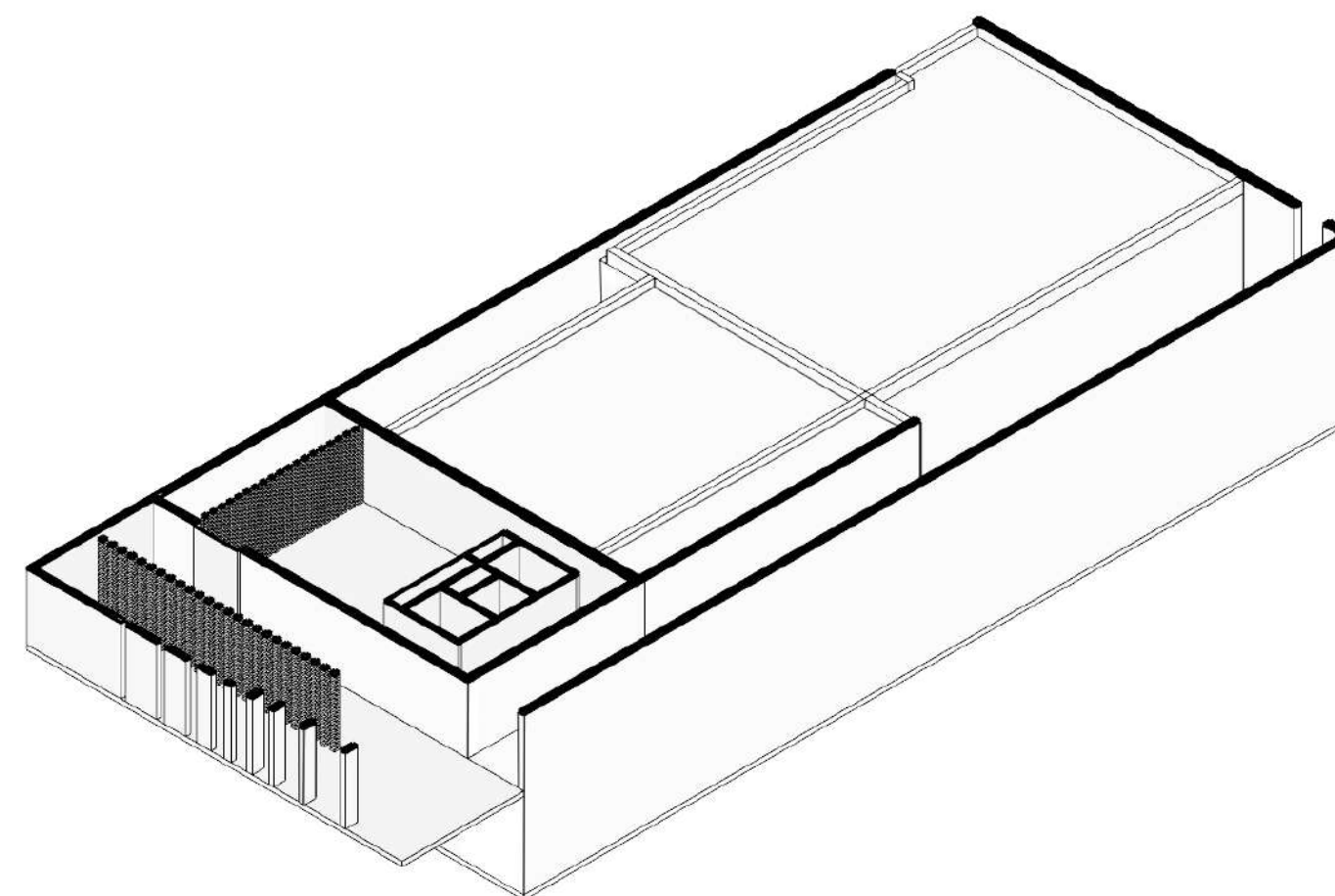
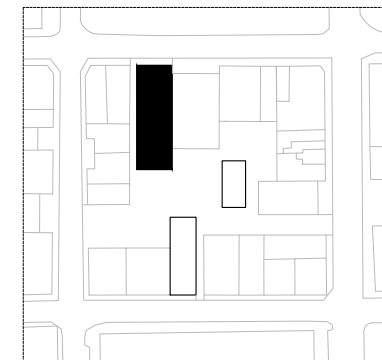




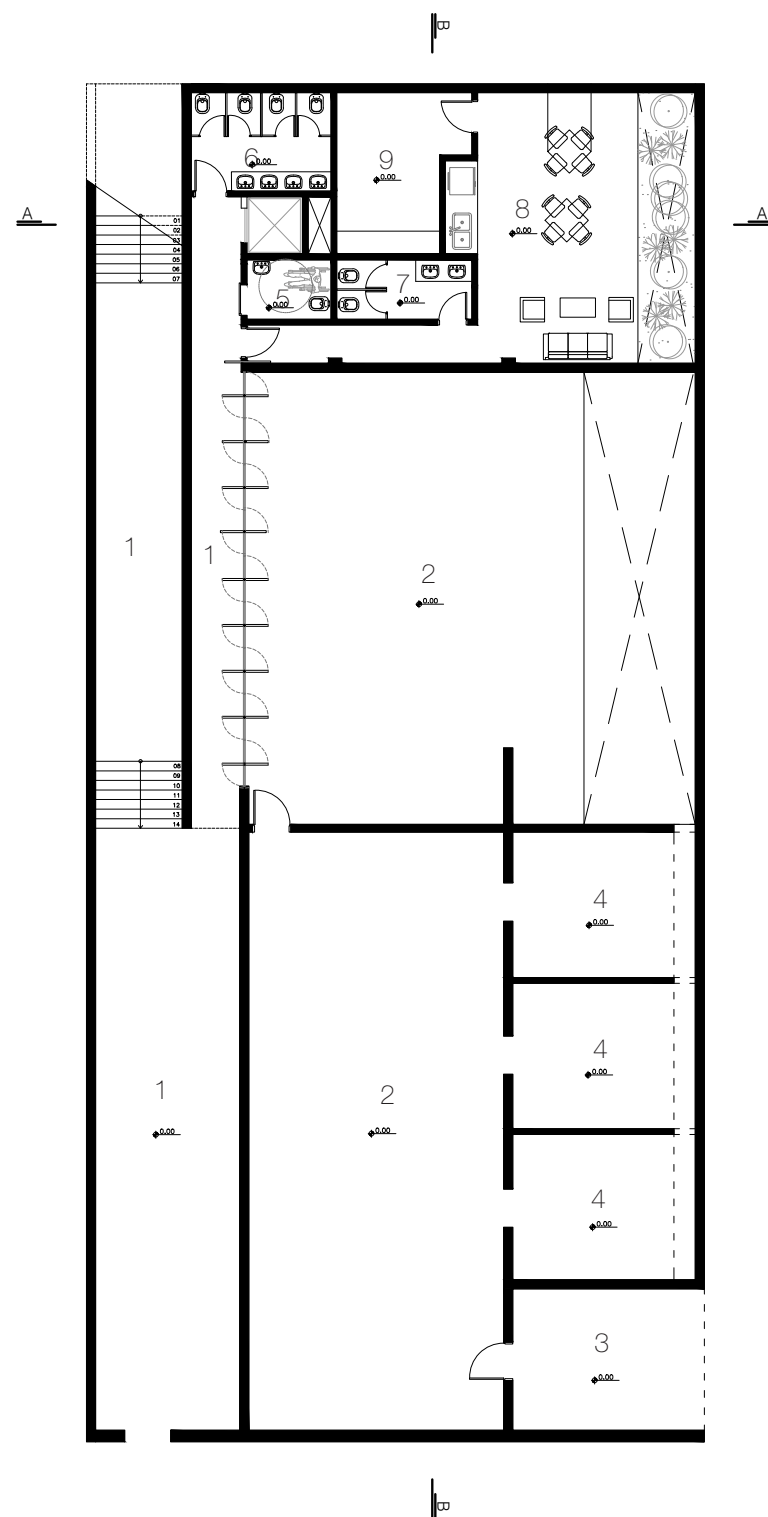
planta térreo



1. Circulação
2. Jardim da escultura
3. Circulação interna
4. Recepção e estar
5. Banheiro unissex acessível
6. Banheiro unissex



isometrica
sem escala

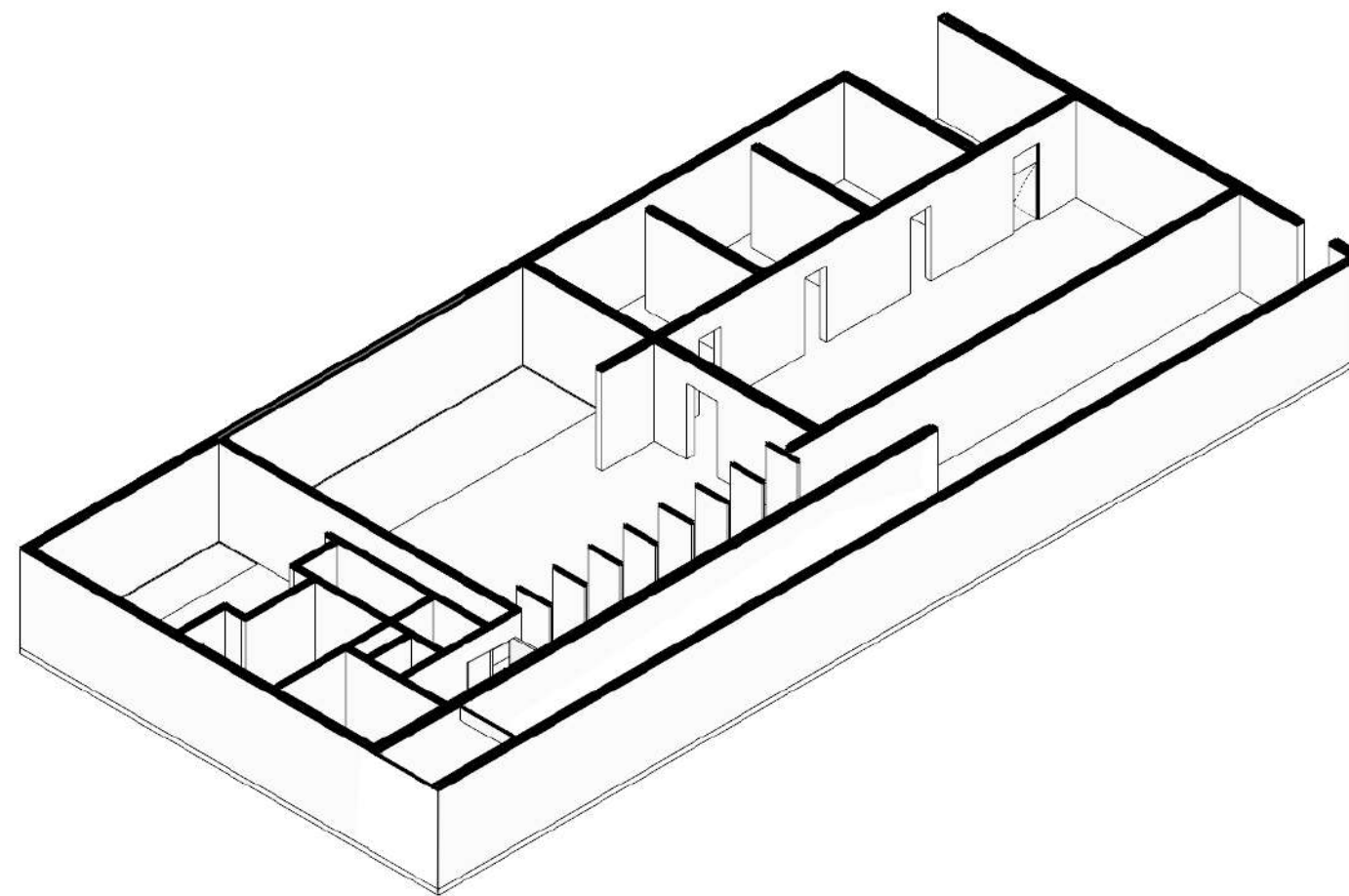
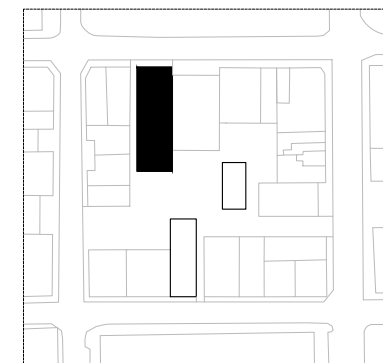


planta subsolo



2m 4m 10m

1. Circulação
2. Galeria de exposição
3. Hall externo
4. Salas de exposição
5. Banheiro unissex acessível
6. Banheiro unissex
7. Banheiro administrativo
8. Convivência e copa
9. Depósito



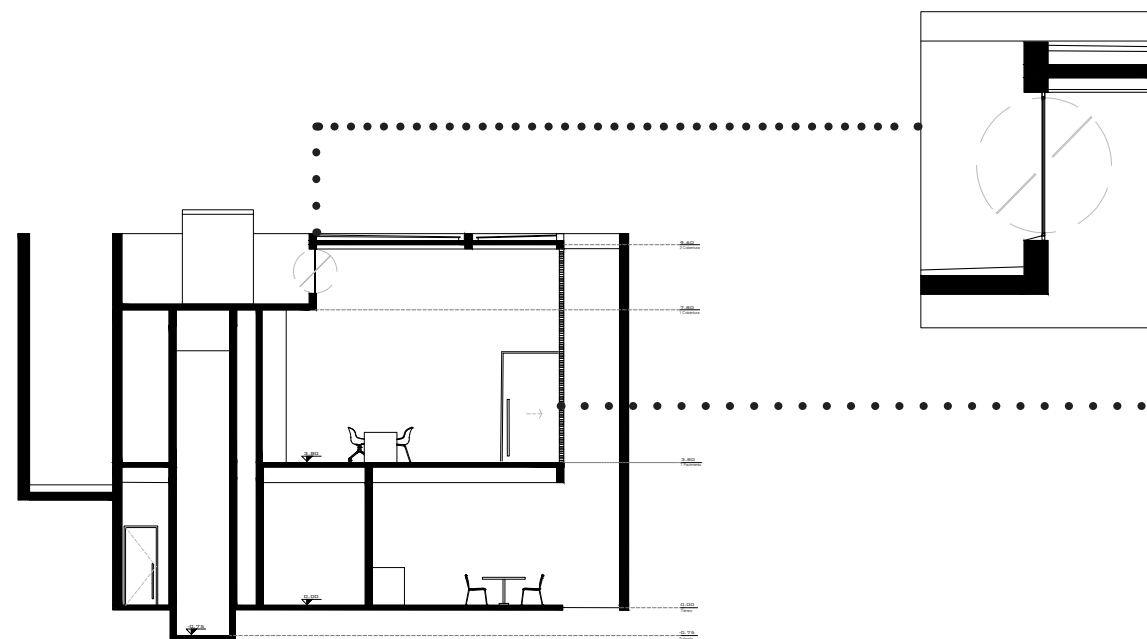
isometrica
sem escala



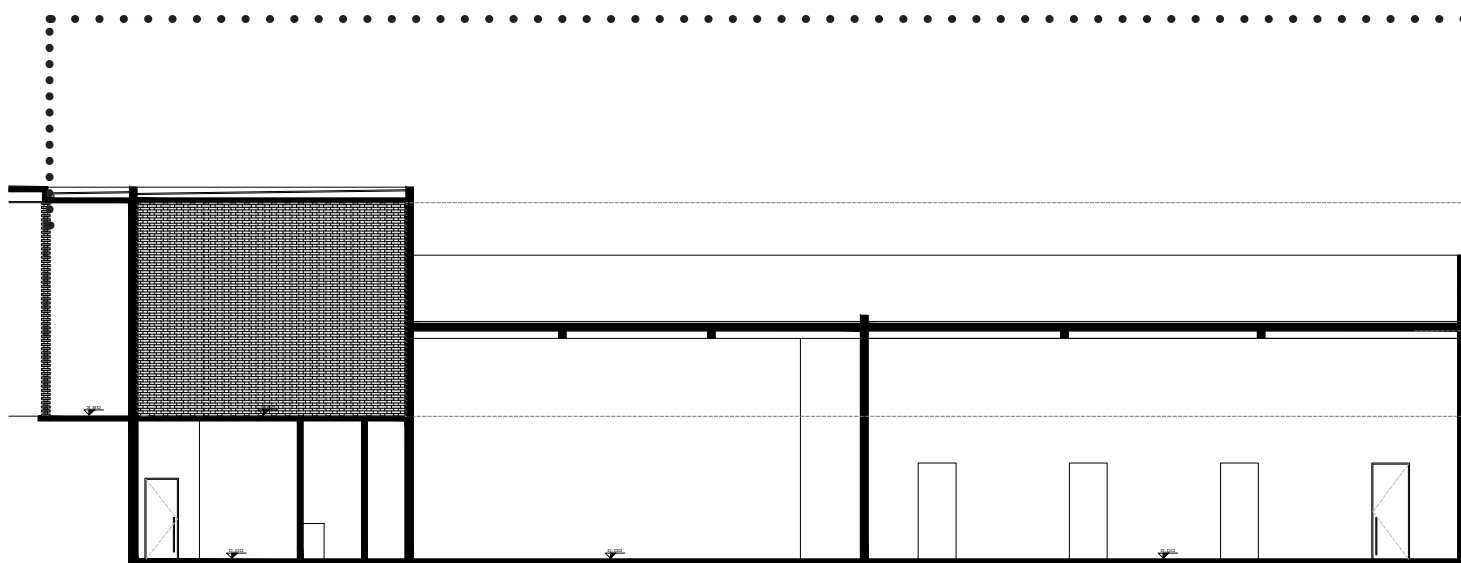
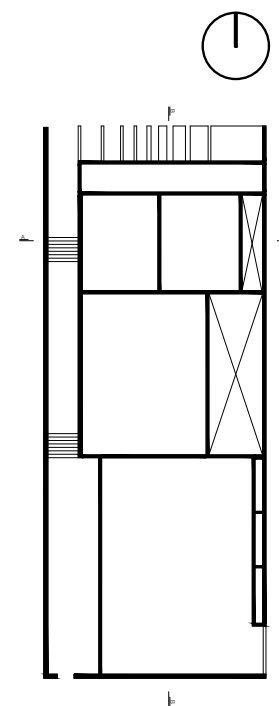
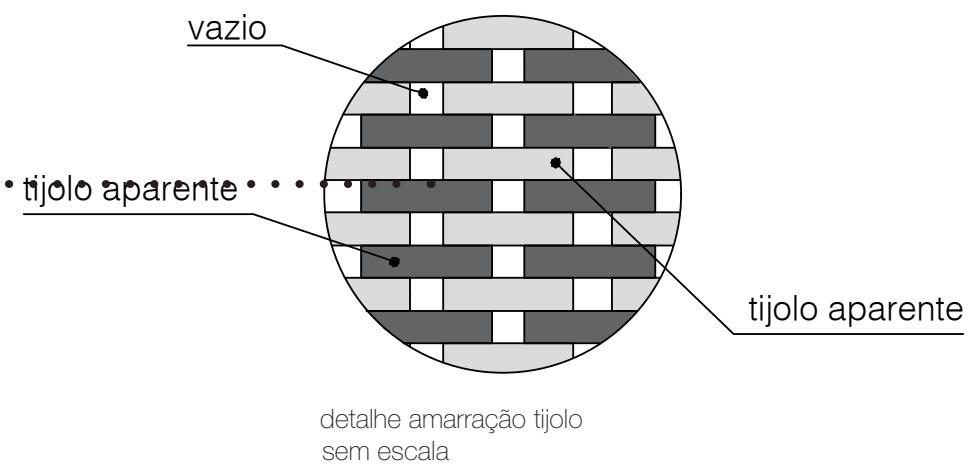
imagem interna da galeria. 10:30h dia 22.12



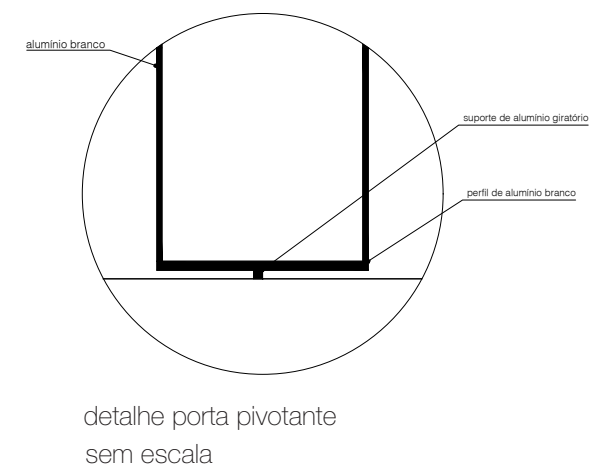
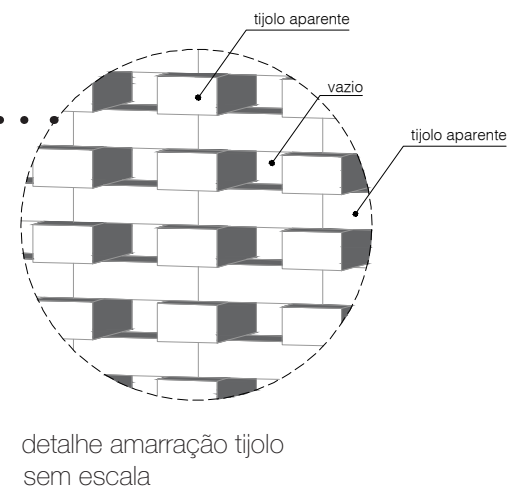
imagem interna da galeria. 13:30h dia 22.12



corte AA



corte BB



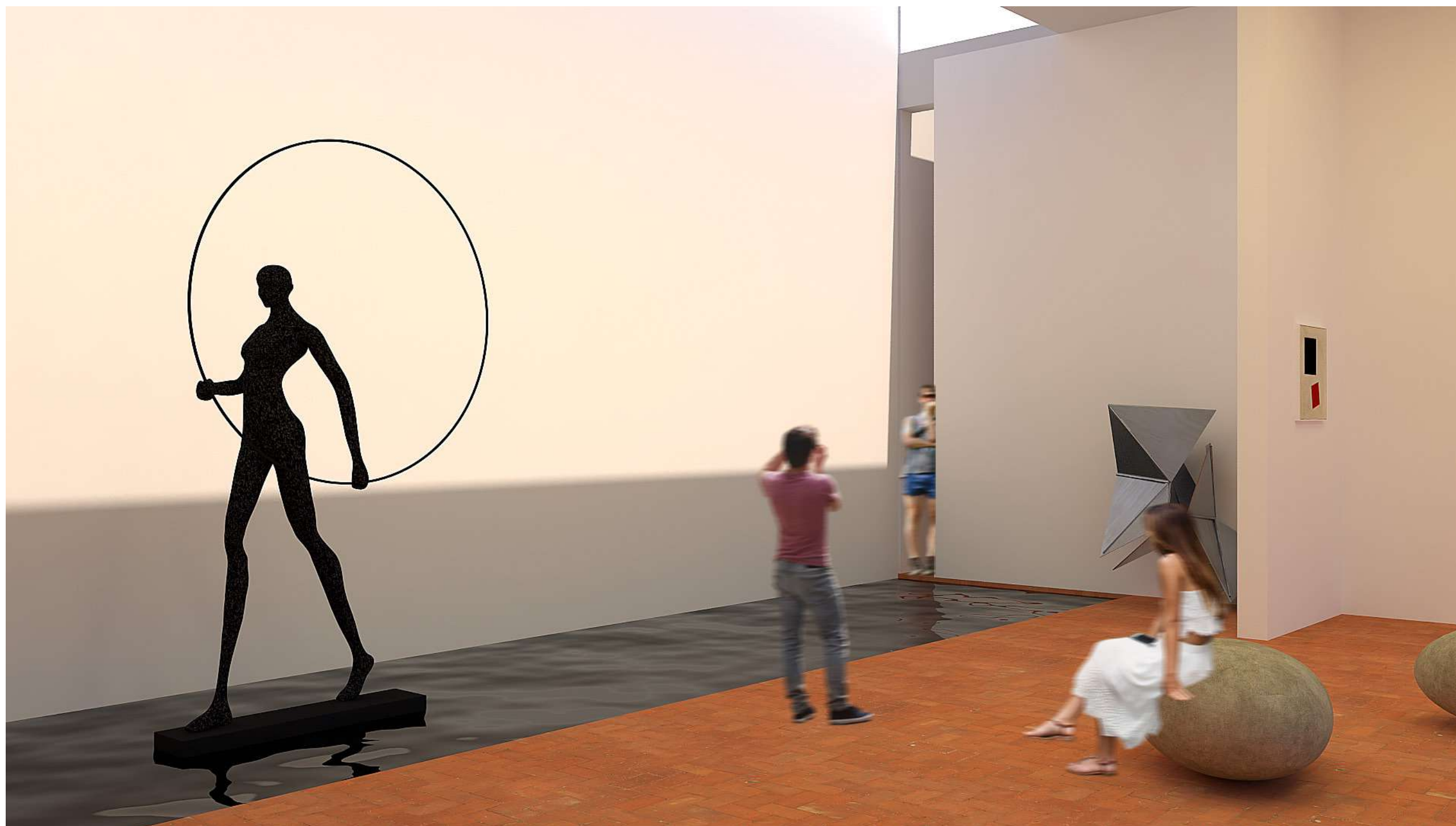
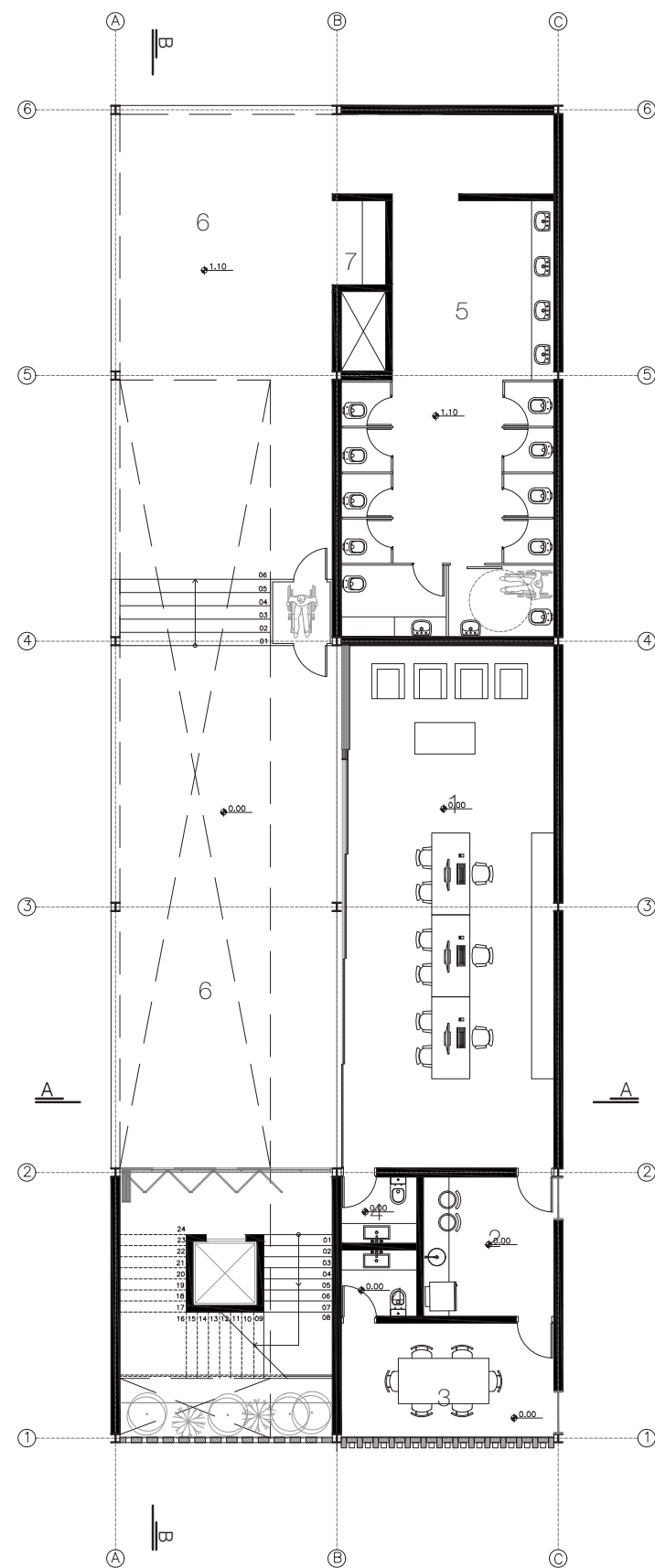


imagem interna da galeria. descoberta da escultura ao explorar o local e detalhe abertura da sala para provocar decisão de passagem e olhar. As 10:30h dia 22.12.

administrativo +
oficinas de arte

O espaço administrativo é o “funcional” da intervenção e serve como apoio a praça interna através de um ambiente coberto, banheiros e bebedouro. Na parte superior, salas para oficina de arte podem ser integradas para o mais diverso uso e assim atrair mais público a conhecer o espaço. A estrutura é toda de aço branco e as vedações de tijolo que o une a proposta geral.

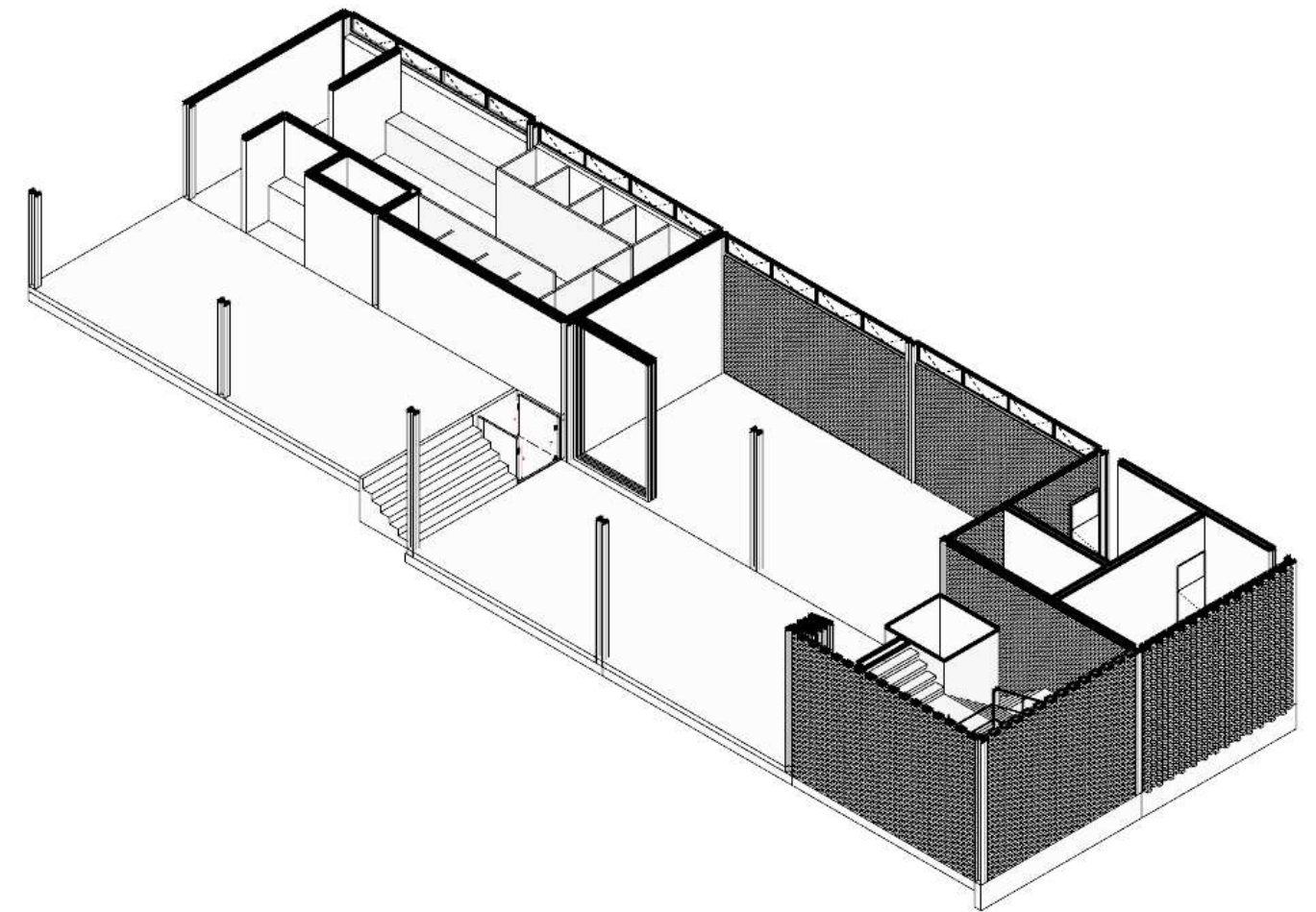
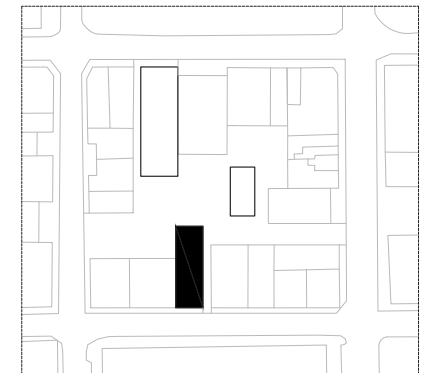




planta térreo

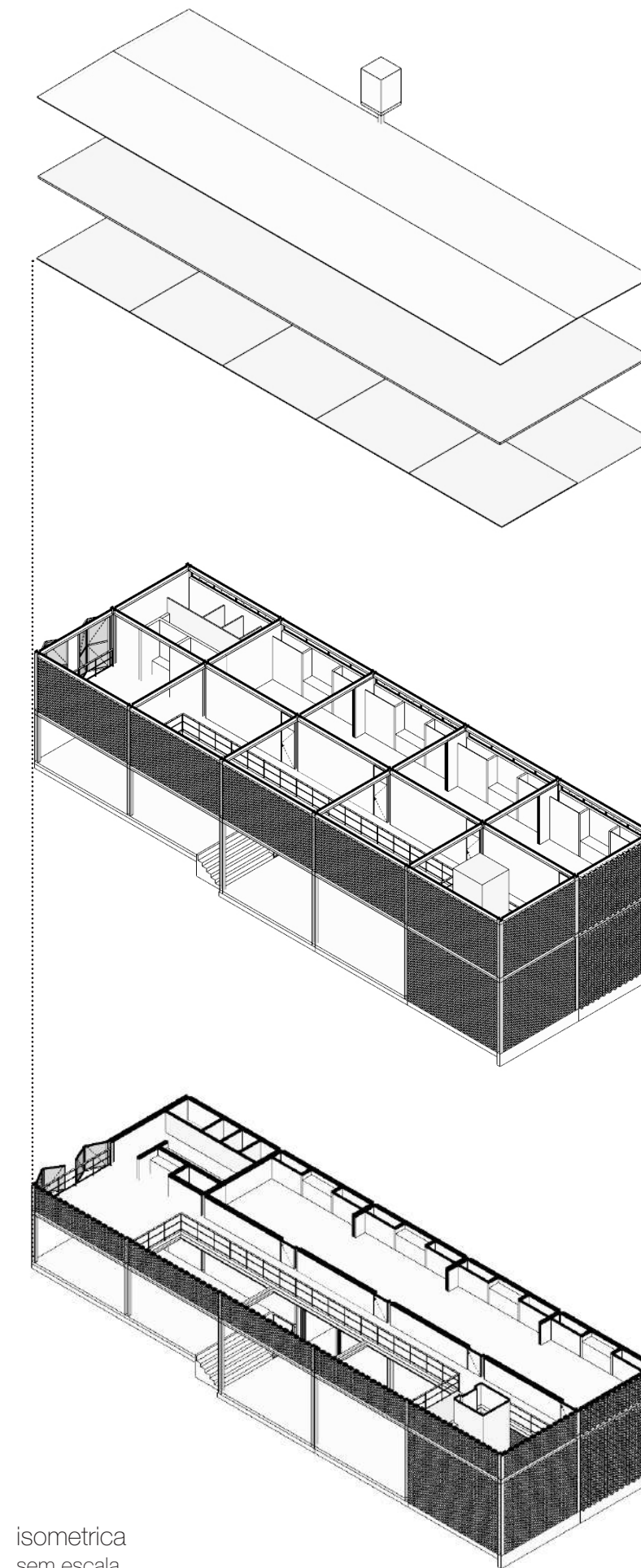
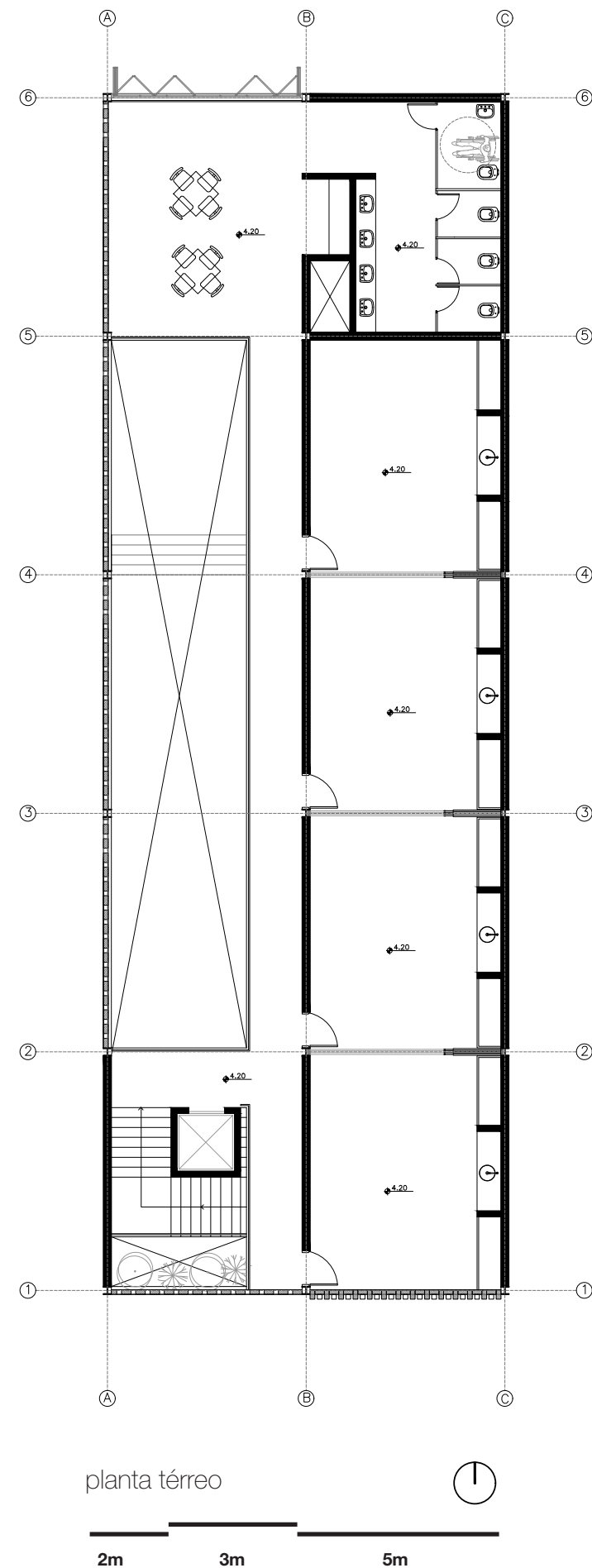


1. Recepção e administrativo
2. Copa
3. Sala de reunião
4. Banheiro administrativo
5. Banheiro público unissex
6. Área livre coberta
7. Bebedouro

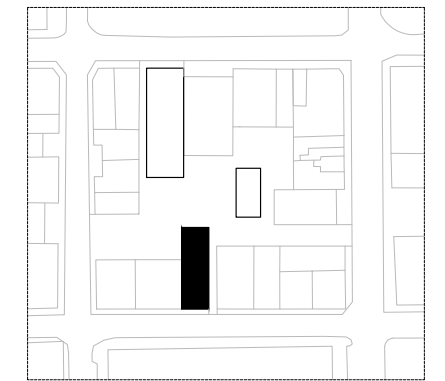


isométrica
sem escala

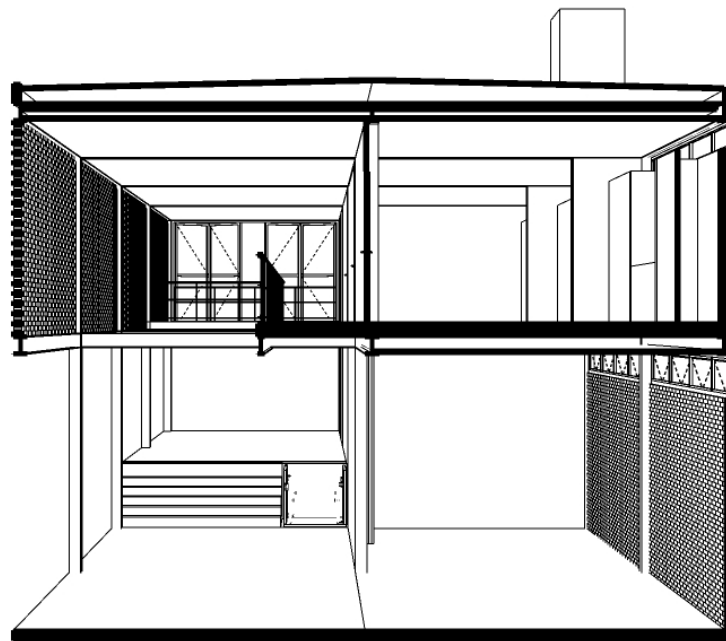




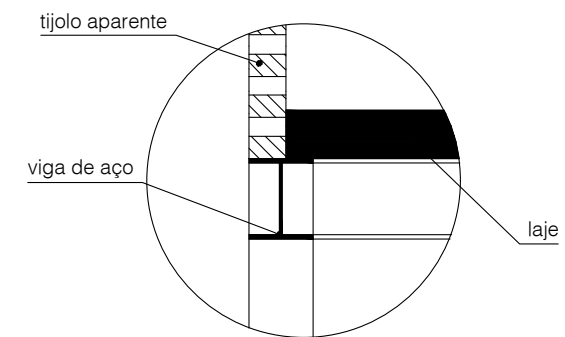
isométrica
sem escala



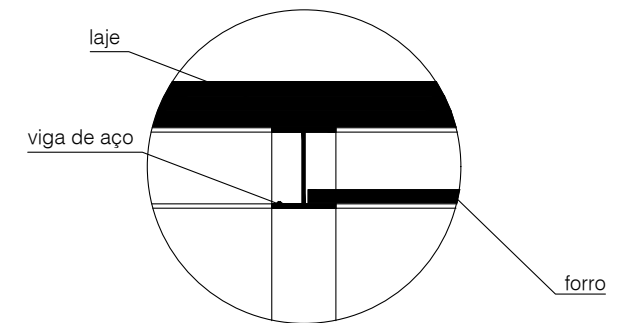
1. Recepção e administrativo
2. Copa
3. Sala de reunião
4. Banheiro administrativo
5. Banheiro público unissex
6. Área livre coberta
7. Bebedouro



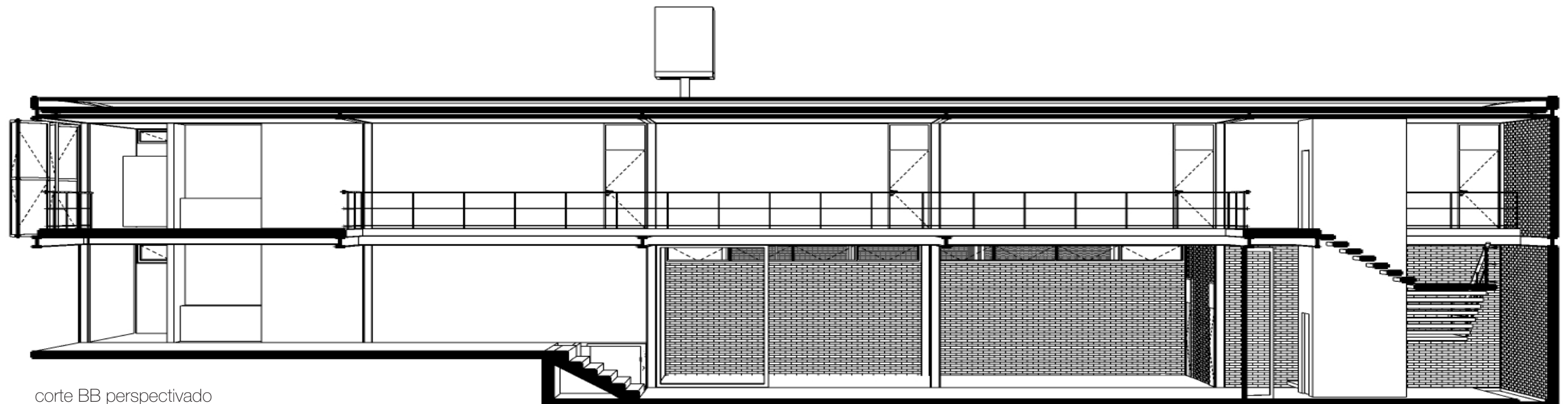
corte AA perspectivado



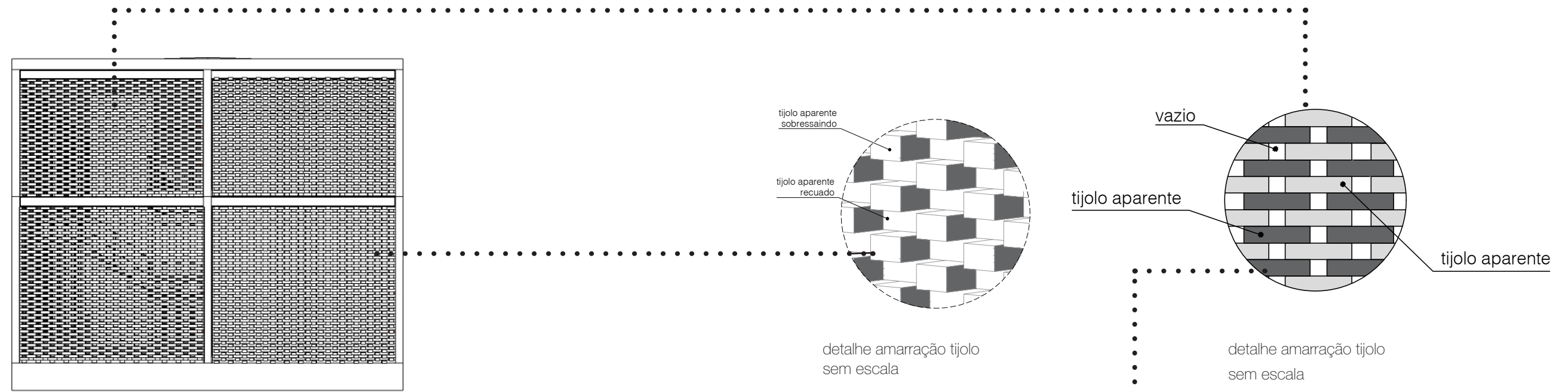
detalhe apoio laje e parede de tijolo
sem escala



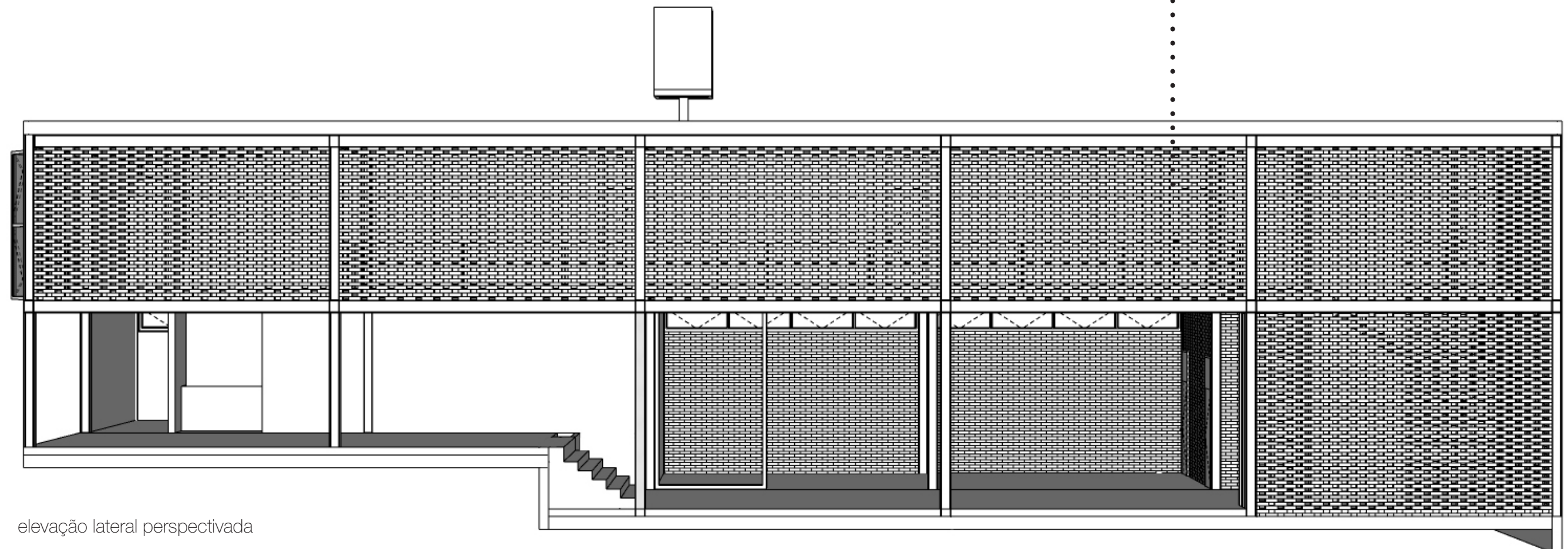
detalhe apoio laje cobertura e forro
sem escala



corte BB perspectivado



elevação frontal



elevação lateral perspectivada



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto teve como desafio pensar a cidade através da ótica da urbanidade e criar uma nova experiência individual e do outro através da apropriação do espaço da cidade, assim como via a experiência arquitetônica. O desenvolvimento revelou camadas conhecidas e desconhecidas da arquitetura e a busca por entender como é possível criar sensações através dos elementos mais básicos da arquitetura foi enriquecedor. Um esforço foi realizado a fim de trabalhar com formas simples, poucos materiais e de sensibilizar os visitantes a pararem em meio a pressa da vida. Ao mesmo tempo, a autora buscou explorar ao máximo o potencial do espaço e ao mesmo tempo respeitar sua história e a paisagem urbana.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Joaquim. **Almanaque de São Carlos de 1905**. São Carlos. Edufscar, 2007.

BORTOLUCCI, Maria Angela, **Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro**. São Paulo, 1991. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CORBANEZI, Elton. **Resenha do livro Sociedade do Cansaço**. Publicação Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.30,n.3. p2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>

COSTA, Natália Alexandre. **Espaços negros na cidade do pós-Abolição**. São Carlos, um estudo de caso. Natalia Alexandre Costa; orientadora Maria Angela Pereira Castro e Silva Bortolucci. São Carlos, 2015.

FUNDAÇÃO, Pró-Memória de São Carlos. **São Carlos contada em histórias**, São Carlos: EdUFSCar, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LE MOS, Carlos. **Ecletismo em São Paulo**. In: FABRIS, Annateresa (org.). Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. cap. Capítulo 4, p. 68-103.

LIMA, Renata Priore. **O processo e o (des) controle da expansão urbana de São Carlos (1857-1977)**. São Carlos, 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NETTO, V. M. **A urbanidade como devir do urbano**. EURE, Santiago , v. 39, n. 118, p. 233-263, 2013. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612013000300010

NEVES, Ary Pinto das. BRUNO, Júlio. **São Carlos na esteira do tempo: 1884/1984**. Álbum comemorativo do centenário da ferrovia. Desenhos de Júlio Bruno. São Carlos: Edufscar, 2007.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**. Porto Alegre. Bookman, 2011.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona. Gustavo Gilli, 2009.